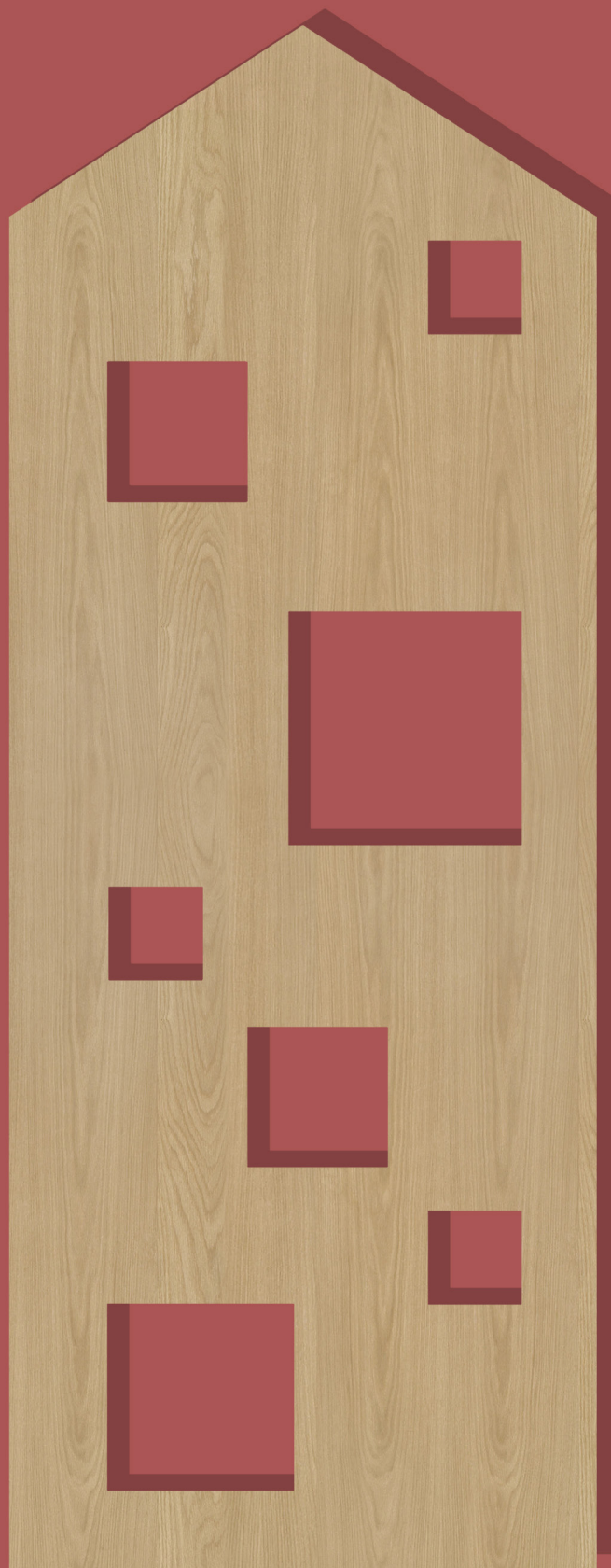


INTERVENÇÃO NUM ESPAÇO CULTURAL
INSTALADO NUMA CASA BURGUESA
DO SÉCULO XIX

O USO DE DISPOSITIVOS NA
ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO INTERIOR



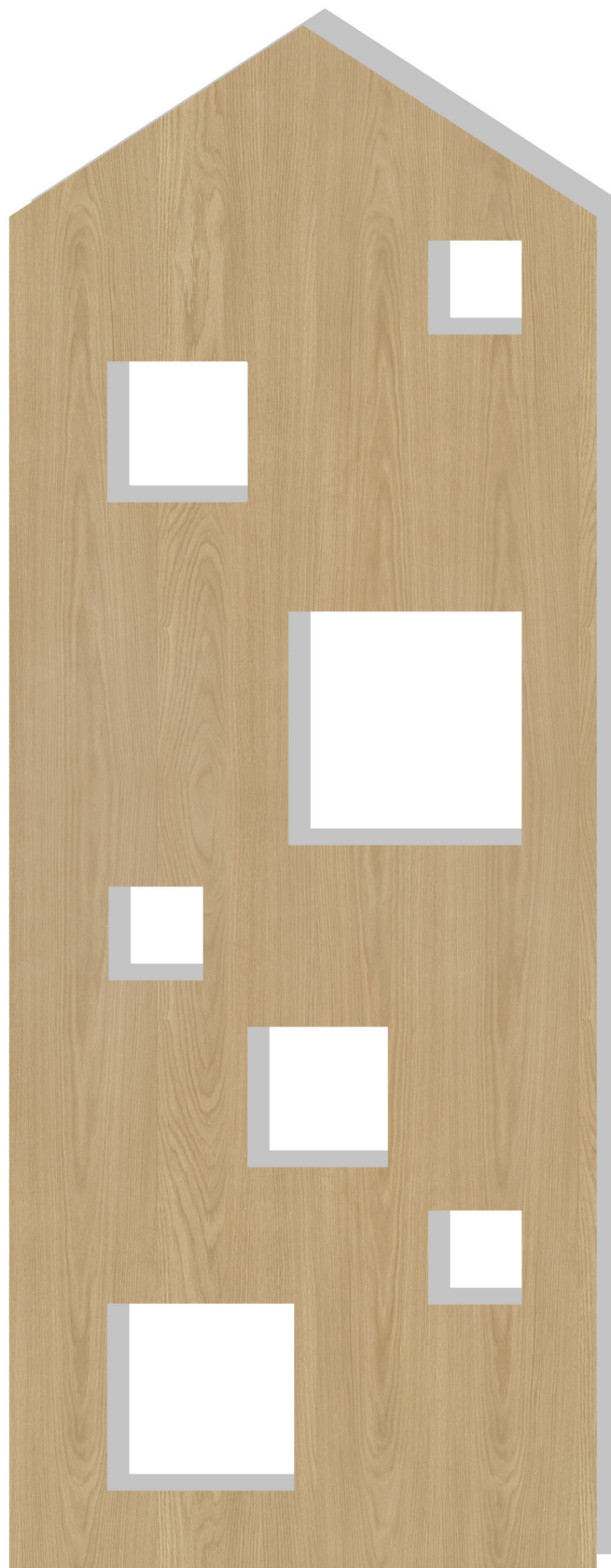
INÊS GABRIELA SANTOS SILVA DE MONNEY PAIVA



MESTRADO EM DESIGN DE INTERIORES . 2016
ORIENTADOR JOÃO NUNO GOMES
CO-ORIENTADORA MARTA CRUZ
DOCUMENTO PROVISÓRIO

INTERVENÇÃO NUM ESPAÇO CULTURAL
INSTALADO NUMA CASA BURGUESA
DO SÉCULO XIX

O USO DE DISPOSITIVOS NA
ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO INTERIOR



INÊS GABRIELA SANTOS SILVA DE MONNEY PAIVA



MESTRADO EM DESIGN DE INTERIORES . 2016
ORIENTADOR JOÃO NUNO GOMES
CO-ORIENTADORA MARTA CRUZ
DOCUMENTO PROVISÓRIO

AGRADECIMENTOS

Ao professor João Nuno Gomes, um agradecimento pela orientação deste trabalho.

À professora e coorientadora Marta Cruz, pelas longas horas de conversa que me ajudaram a compreender e esclarecer todo o processo de uma tese, e também pelos empurrões dados no caminho, um obrigada.

Aos meus pais, aos quais estarei eternamente grata, por me ajudarem a tornar a pessoa que sou hoje. Pela oportunidade de estudar um mestrado na área do Design de Interiores, depois de 6 anos separada do mundo artístico. Pela confiança que depositaram em mim nesta nova etapa e por me fazerem sempre acreditar que posso concretizar os meus sonhos, desde que me dedique e trabalhe para isso.

À Joana Rosa, por se ter tornado uma boa amiga e um componente essencial no meu desenvolvimento nesta área. Por todas as horas passadas a ajudar-me, quer com os novos programas, quer com sugestões para esta tese, um muito obrigada.

À Carolina Fiuza, por uma amizade com mais de duas décadas; obrigada por poder contar sempre contigo, nem que seja através do skype.

Ao Giorgio Magli, que me deu o apoio, incentivo e motivação que precisei ao longo deste processo. Pelas centenas de conversas e opiniões sobre as outras tantas ideias, desenhos, esquemas, imagens, organizações, tipos de letras, cores..! Grazie!

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que esta tese fosse possível, um sincero obrigada.

RESUMO

A cidade do Porto é marcada por um tipo de edifícios caraterísticos e determinados: as casas burguesas. Estas construções, que datam do período compreendido entre os finais do século XVII e meados do século XIX (Oliveira e Galhano, 1992), encontram-se, em grande parte, ao abandono. Esse facto tem conduzido a uma progressiva degradação, avançada, em muitos casos, havendo por isso uma necessidade imperiosa de efetivar intervenções que requalifiquem estes edifícios. Localizando-se nos centros urbanos, essa reabilitação dum património de reconhecido valor vai ajudar a contribuir para a revitalização de zonas da cidade com grande potencial de fixação de populações.

É nesse enquadramento que é proposta uma intervenção num espaço cultural existente, instalado numa das referidas casas burguesas portuenses do século XIX.

A mediação que agora se propõe pretende valorizar a história do edifício, melhorar as suas infraestruturas e alterar as condições de vida e de utilização ou funcionamento do mesmo, de tal modo que, desempenhando melhor as suas atuais funções de espaço cultural, proporcione a capacidade de dar uma melhor resposta às necessidades ou às solicitações que venham a sentir-se, bem como dos eventos e atividades que se poderá propor receber.

Aliada à intervenção no edifício, é projetada uma linha de dispositivos constituída por peças de mobiliário, que irão satisfazer as referidas necessidades e funcionalidades em cada um dos compartimentos do programa deste espaço cultural.

Este projeto procura ainda contribuir para um incremento da atração para a vida cultural e artística pela qual a cidade do Porto tem vindo a ser cada vez mais identificada, daí resultando, direta ou indiretamente, um aumento da frequência e do retorno da população para o centro urbano.

PALAVRAS CHAVE

ESPAÇO CULTURAL
CASA BURGUESA PORTUENSE
INTERVENÇÃO
DISPOSITIVOS

ABSTRACT

The city of Porto is known for a certain type of characteristic building: the bourgeois house. These constructions, which date back to the period between the late XVII century and mid XIX century (Oliveira e Galhano, 1992), have largely been abandoned. This has, in turn, led to many properties succumbing to an ever increasing state of advanced degradation, which should dictate a need for immediate intervention so that these buildings can be requalified. Being mostly concentrated in urban centres, rehabilitating such undeniably valuable estate would undoubtedly contribute to the revitalizing of neglected sections with huge habitational potential. In this context, a proposal for such an intervention is hereby presented, to be installed in one of the aforementioned XIX century bourgeois houses.

The proposal in question is intended to capitalize on the building's history while improving its infrastructure and altering its functional, living or usage conditions in such a fashion that it would not only improve its present worth as a cultural space but also facilitate an improved capacity for response to any future needs or wants that may arise, including event hosting.

Tied in with the intervention on the building, a proposed line of devices and furniture designed to fit such varied necessities and functions is designed in each individual compartment of this cultural space.

In conclusion, this project is looking to contribute to an incremental increase to the attractive cultural and artistic motifs that the city of Porto is increasingly known for. This has, directly or indirectly, resulted in an increased frequency and return of population towards the urban center.

KEYWORDS

CULTURAL SPACE
PORTO'S BOURGEOIS HOUSE
INTERVENTION
DEVICES

ÍNDICE

012

INTRODUÇÃO

017

OBJETIVOS E MÉTODO DO TRABALHO

021

CENTROS URBANOS

- 2.1 CASAS DO PORTO
- 2.2 MODELOS DOMINANTES NA HABITAÇÃO BURGUESA
- 2.3 MATERIAIS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS

031

O EDIFÍCIO

- 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO EXISTENTE
- 3.2 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO EDIFÍCIO E DA ENVOLVENTE
- 3.3 DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL DA CASA BURGUESA

043

O EDIFÍCIO ATUALMENTE

- 4.1 PROGRAMA ATUAL: A CASA VIVA
- 4.2 DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL DO EDIFÍCIO

061

REPROGRAMAÇÃO

- 5.1 ESPAÇO CULTURAL
- 5.2 NOVO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DO EDIFÍCIO
- 5.3 ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

069

CASOS DE ESTUDO

087

PROJETO

- 7.1 O ESPAÇO INTERIOR
 - 7.1.1 DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL DO EDIFÍCIO
 - 7.2 OS DISPOSITIVOS NO ESPAÇO
 - 7.2.1 O PISO 0
 - 7.2.2 O PISO 1
 - 7.2.3 O PISO 2
 - 7.2.4 O PISO 3

216

CONSIDERAÇÕES FINAIS

218

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

221

LISTA DE IMAGENS

233

ANEXOS

- FOTOGRAFIAS DA MAQUETA
- DESENHOS TÉCNICOS ORIGINAIS
- DESENHOS TÉCNICOS DO PROJETO

INTRODUÇÃO

Vivemos um tempo em que não há grandes espaços para novas construções nos centros urbanos, o que se constitui como uma necessidade acrescida de intervir nos espaços já existentes. Mas uma intervenção que tenha em conta a preservação dos valores da pré-existência, que respeite a herança histórica que define a arquitetura e a cidade, e que, em consequência, conheça as características que definem essa cidade e as suas casas.

Segundo Ascher (2010), “É importante preservar o centro antigo das grandes aglomerações urbanas, rico em conhecimento e portador de uma forte carga simbólica. Nesta perspectiva, é fundamental pensar a sua integração em estruturas urbanas cada vez mais multipolares, que organizam o território”.

Com o desenvolvimento das cidades nos finais do século XX, a população foi-se afastando dos centros das cidades para a periferia, provocando a desertificação dos centros urbanos e o aumento da degradação dos edifícios nas zonas históricas.

Este movimento das populações deveu-se a transformações económicas e culturais por um lado, incluindo aí a pressão imobiliária exercida pelos serviços, nomeadamente os financeiros, e, por outro, à falta de adaptação desses edifícios às necessidades e usos que a sociedade atual foi procurando.

Muito em particular, e como exemplo desse movimento de populações, temos o caso do centro histórico da cidade do Porto, onde a sua imagem unificadora se encontra ao abandono, verificando-se principalmente em ruas onde o comércio e a habitação foram outrora abundantes e grande parte do seu edificado necessita de algum tipo de intervenção. Essa mediação necessária, terá que permitir tornar os “velhos” edifícios em espaços habitáveis, adaptados aos “novos” modos de vida e às atuais exigências de bem-estar e conforto atualmente requeridas pela sociedade.

Francisco Barata Fernandes acredita que “(...) uma das principais tarefas dos arquitetos que pretendem intervir na cidade passa pela capacidade de avaliar com grande objetividade os factos urbanos existentes, o que implica refletir sobre património e, conseqüentemente, sobre a relação novo-antigo.” (Barata Fernandes, 1999:322)

Com o objetivo de combater a degradação e a desertificação dos centros urbanos, visando a melhoria das condições de vida das populações (mobilidade, segurança, qualidade e conforto), a revitalização desses espaços gregários e a conservação dos tecidos históricos, surgiu o termo “Reabilitação” como síntese de um processo de adaptação dos edifícios “velhos” às “novas” condições da sociedade contemporânea.

Contudo, depois de muitos anos de estagnação, e apesar da degradação e desertificação urbanas, dos centros em particular, a cidade do Porto vive uma nova realidade. A cidade tornou-se multifuncional, atraindo turistas provenientes das mais variadas partes do mundo, sobretudo através das operações realizadas pelas companhias aéreas Low Cost, particularmente a Ryanair, que vieram permitir a ligação facilitada com outras cidades europeias. Mas essa nova realidade também é subsidiária da melhoria do sistema de transportes públicos entre o centro e a periferia, nomeadamente através das linhas de metro. Noutro plano, que veio complementar os anteriores, os vários prémios e títulos que a cidade foi recebendo vieram contribuir para esse upgrade: a entrada do centro histórico, em 1996, na lista dos locais classificados pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade, a obtenção do galardão para “Melhor Destino Europeu” em 2012 e em 2014 pela European Consumers Choice (uma organização independente e não lucrativa), e, em 2013, a atribuição do segundo lugar nos prémios Traveler’s Choice, atribuídos pelo TripAdvisor, no segmento dos destinos europeus emergentes e com maior crescimento. Finalmente, e ainda em 2013, foi muito importante a inclusão, em primeiro lugar, na lista dos melhores 10 destinos de férias de eleição na Europa, pela editora e guia de viagens Lonely Planet.

Em conclusão, a cidade do Porto foi redescoberta pelos turistas e tornou-se num importante ponto cultural, turístico e comercial da Europa.

1



O principal objetivo deste trabalho de mestrado é a exploração do interior de uma Casa Burguesa do Porto do século XIX. Desenvolvido por meio de um projeto, foi feita uma intervenção, de forma pouco invasiva, que visou melhorar as condições existentes, adaptando o edifício a um novo programa, um novo desiderato, o de se tornar num Espaço Cultural.

Através da criação de determinados dispositivos, representados como peças de mobiliário ou elementos cénicos, para cada um dos espaços, que vão organizar, definir a função e utilização de cada um e ainda servir como elemento orientador do movimento do utilizador quando este percorrer a casa.

Pretendeu-se utilizar o design dos dispositivos para desenvolver, de forma criativa e inovadora, as necessidades do Espaço Cultural. Ao mesmo tempo, procurou-se enfatizar a versatilidade que as casas burguesas portuenses têm, contribuindo para a regeneração da cidade, promovendo um espírito propício à fruição e ao desenvolvimento da arte, da cultura e da vida em comunidade.

Num projeto de intervenção, o Designer de Interiores trabalha com toda a informação histórica do edifício, da área envolvente e do contexto cultural da cidade que é possível reunir e articular, procurando obter, deste modo, as condições otimizadas para a definição de uma estratégia de intervenção coerente.

Assim, do ponto de vista metodológico, o trabalho que aqui se propõe desenvolve-se em três áreas interligadas:

- O estudo geral da história do edificado e da envolvente urbana a intervir.

Este trabalho consiste na revisão bibliográfica de obras de referência, nomeadamente os livros dos autores Francisco Barata Fernandes - “Transformação e Permanência na Habitação Portuense - As formas da Casa na forma da cidade”, e Nelson Mota - “Arquiteturas do Quotidiano”.

- O estudo pormenorizado do local a intervir, de forma a recolher informações sobre o enquadramento da zona envolvente e da história do edifício, bem como dos materiais e das técnicas usadas.

Este estudo foi realizado através de visitas ao local, acompanhadas do devido material de estudo, nomeadamente dos desenhos técnicos existentes.

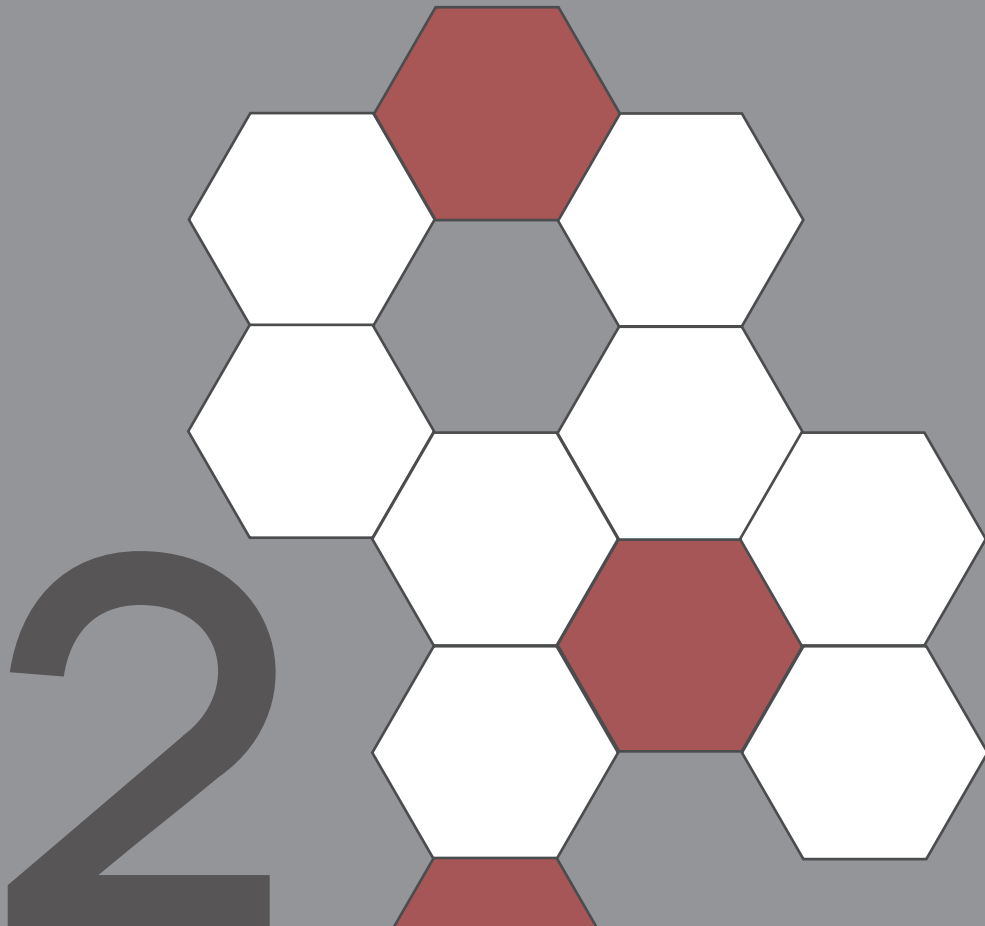
- O levantamento do estado de conservação do edifício.

Este trabalho foi conduzido em duas vertentes distintas, procurando, por um lado, a identificação dos problemas construtivos existentes e as causas da degradação do edifício e, por outro lado, fazendo um levantamento das necessidades funcionais do edifício em função de um programa adequado à definição de usos de um espaço cultural.

Como Designer de Interiores, os instrumentos de trabalho usados nesta área de estudo passam pela observância dos seguintes preceitos:

- Observação do local.
- Desenho, esquisso ou técnico dos espaços.
- Registo fotográfico.
- Moodboard de conceitos, que ajudam a estabelecer um ambiente para os espaços de acordo com a definição do programa estabelecido.
- Execução de maquetes de estudo, que permitem olhar a realidade de pontos de vista irreais e que ajudam a conhecer melhor os espaços onde se está a intervir.
- Elaboração de uma maquete final.
- Modelação tridimensional do edifício, que demonstra a ideia antecipada da realidade existente.

Uma vez concretizados, tornam-se em instrumentos fundamentais na prossecução e finalização deste projeto/tese.

A decorative pattern of hexagons in the top-left corner. It consists of a central grey hexagon surrounded by six white hexagons. This central group is further surrounded by a ring of six red hexagons, which are each adjacent to one of the white hexagons in the inner ring. The pattern is partially cut off by the left and top edges of the page.

2

CENTROS URBANOS

2.1 CASAS DO PORTO

2.2 MODELOS DOMINANTES NA HABITAÇÃO BURGUESA

2.3 MATERIAIS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS

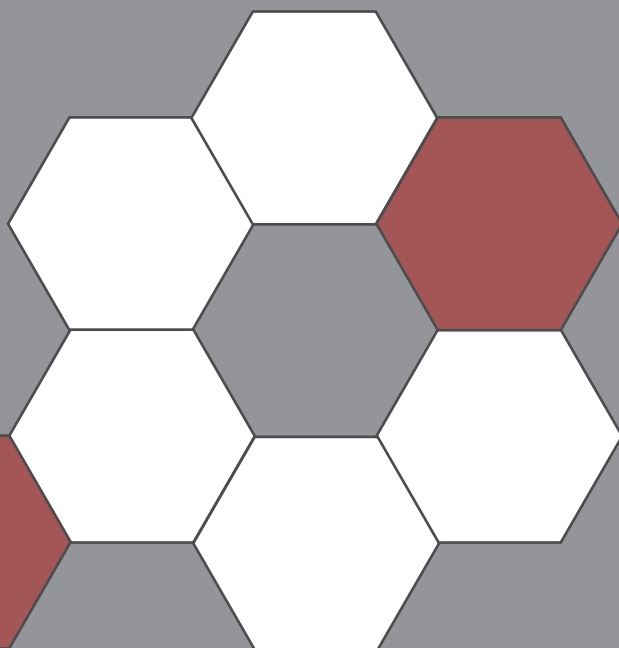
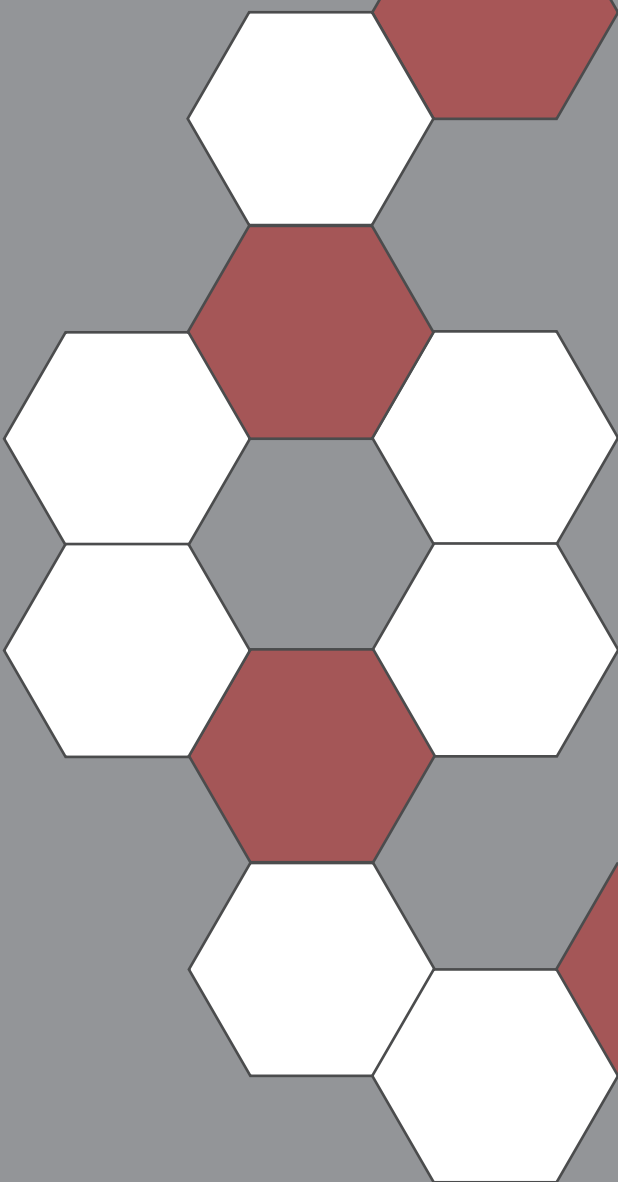




IMAGEM 14
A cidade do Porto.



IMAGEM 15
A cidade do Porto .

A cidade do Porto, contendo um número significativo de edifícios degradados e em desuso, ao mesmo tempo que nela não se encontram com facilidade novos espaços para (novas) construções, torna mais premente que seja no património existente que as intervenções a realizar sejam efectuadas.

Os centros urbanos são caracterizados por determinados edifícios que, embora dominando o tecido antigo da cidade, se encontram desatualizados face às necessidades contemporâneas. Surgiram no século XV e permaneceram relativamente inalterados até aos dias de hoje.

Em comum, estes edifícios têm as dimensões, que pouco se modificaram com o passar dos anos, de frentes estreitas, compridos na profundidade. Francisco Fernandes Barata refere que "(...) se analisarmos o que se passa no lote urbano tradicional, na cidade tradicional, verificamos longas permanências de matrizes tipológicas na cidade. Como se fossem estruturas elementares que vão persistindo." (Barata Fernandes, 1999:13).

A este tipo de edifício dá-se o nome de habitação ou casa burguesa.

É a esta casa burguesa do Porto, pela sua predominância e simbolismo, que se atribui um papel essencial a considerar no momento em que se pensa na reabilitação do património histórico da cidade. Com a necessidade de intervir nestas casas vem a necessidade de reavaliar a organização interna e a utilização dos espaços, bem como as escolhas dos materiais e a conceção dos sistemas construtivos, de forma a recuperar as suas características iniciais mais relevantes e a melhorar as suas condições de utilização nos dias de hoje.

2.1 CASAS DO PORTO



IMAGEM 16
Casas do Porto .



IMAGEM 17
Casas do Porto .



IMAGEM 18
Praça Carlos Alberto, Porto .

Num primeiro olhar sobre a cidade, apercebemo-nos de algumas características semelhantes nessas casas: a métrica dos vãos, os materiais, as cores das fachadas e a volumetria. No entanto, num olhar mais aprofundado, conseguem-se perceber algumas das diferenças que existem entre as edificações, “(...) nomeadamente na sua profundidade, na largura das suas fachadas, na existência ou não de logradouros, estando este facto associado quer à parte da cidade antiga em que o lote se integra, quer à fase de transformação do edifício.” (Barata Fernandes, 1999:78). Embora todos estes edifícios exibam diferentes volumetrias, impostas pela sua localização, o uso do mesmo sistema construtivo e organização espacial define um conjunto de características e princípios iguais, que produzem um determinado modelo, a casa burguesa da cidade do Porto.

Nesta cidade os centros urbanos contam com dois tipos distintos de habitação: a casa “estreita e alta”, geralmente com três, quatro pisos, mas podendo ter até cinco, com duas ou três janelas ou portas de frente (Oliveira & Galhano, 1992). No primeiro tipo de habitação encontram-se as famílias burguesas, que uniram à habitação a zona de trabalho, com lojas, armazéns ou oficinas no rés do chão, os restantes pisos servindo para habitação da família; a casa “larga e baixa”, sendo constituída por rés do chão e um andar superior, com espaços amplos e várias portas e janelas nas fachadas. No segundo tipo, mais raro e, como tal, menos influente na arquitetura e no crescimento da cidade, habitualmente designado por Palácios, encontravam-se as famílias aristocráticas.

22 MODELOS DOMINANTES NA HABITAÇÃO BURGUESA



IMAGEM 19
A cidade do Porto.

No estudo sobre as transformações e permanências nas habitações do Porto, Francisco Barata Fernandes considerou os edifícios do Porto agrupando-os em casos de estudo consoante matrizes de organização espacial, urbanística e arquitetónica, de forma a evidenciar os elementos que, nas diferentes situações, se mantêm constantes. Os parâmetros de análise que utilizou para caracterizar as habitações foram: a relação do lote com o relevo e com o traçado viário; a relação entre dimensionamento do lote, edificação e logradouro; a matriz de organização interna do edifício e usos respetivos; a época e processo de formação do lote; o parcelamento da propriedade; o material de construção e os elementos de identidade arquitetónica. Todos estes fatores permitiram ao autor definir três categorias de habitação burguesa predominantes na cidade, que correspondem a três grandes períodos da história Portuense e que caracterizam a sua forma urbana: a do Porto mercantilista, a do Porto iluminista e a do Porto liberal.

Estes três tipos de habitação “(...) manifestam uma grande continuidade de elementos construtivos e sistemas de construção, que se repetem e se adaptam, apesar da variação de identidade tipológica.” (Barata Fernandes, 1999:80), mas, tal como já foi referido, há certas características que vão variando, como sejam “(...) a largura de frentes, as profundidades, as dimensões dos elementos arquitetónicos essenciais na conceção das edificações, bem como a sua volumetria e até o seu uso, mas mantêm-se os materiais e sistemas construtivos.” (Barata Fernandes, 1999:80).

O primeiro tipo de habitação burguesa identificado é referente ao período do Porto Mercantilista, que teve lugar entre os séculos XV e XVII, localizando-se dentro de muralhas, na zona da Ribeira – Barredo, na baixa de Miragaia e nos quarteirões da Sé e da Vitória.

O segundo tipo, edifícios do período do Porto Iluminista, surge no século XVIII, fora de muralhas. As construções estão localizadas nas áreas de expansão Almadina, nas Ruas de Cedofeita, de Santa Catarina e do Almada, entre outras.

O terceiro tipo, correspondente ao período do Porto Liberal, teve início no século XIX, desenvolveu-se ainda nas áreas de expansão Almadina e, a partir da segunda metade do século, expandiu-se para as Ruas da Boavista, de Álvares Cabral, da Constituição e D. João IV, para indicar apenas as mais importantes.

2.3 MATERIAIS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS

Os materiais escolhidos e os sistemas construtivos utilizados prevalecem na repetição do modelo de Casas do Porto, desde século XV ao século XX. O modo de construir evoluiu, de forma a adaptar-se às necessidades funcionais e às tendências estéticas do seu tempo. Já o sistema construtivo permaneceu, o que se revelou determinante para a consolidação da tipologia construtiva que criou a imagem característica da cidade (Teixeira, 2004).

Relativamente aos materiais de construção utilizados nestes edifícios, "(...) permaneceram, durante muitos séculos imutáveis – os que hoje designamos de materiais tradicionais: a pedra, a madeira, a cal, a argila, a areia e certos metais – só com a revolução industrial e, particularmente, com o advento do betão armado nos finais do século XIX, se inicia uma verdadeira revolução dos sistemas construtivos, com a invenção de novos materiais e técnicas, num processo que dura até ao presente (...)" (Teixeira, 2004:28).



IMAGEM 20-22

Maquetes de estudo dos materiais e sistemas construtivos de casas burguesas.

A pedra, geralmente o granito, é usada nas fachadas, nas paredes de meação e nas paredes interiores do piso térreo.

A madeira, pela facilidade de transporte e manuseamento e pela sua abundância no país, é utilizada nas caixilharias, nas paredes interiores dos pisos superiores e nas escadas, através do sistema construtivo em tabique (“grades” de madeira, geralmente pinho, preenchidas com argamassa); na estrutura dos telhados e vigamento entre pisos, são usados troncos de madeira e nos pavimentos superiores as tábuas de soalho.

A argila é utilizada nas telhas cerâmicas e nos azulejos. Até ao século XIX este não é um material utilizado nos interiores mas, a partir daí, surge como um novo revestimento para as fachadas frontais: “(...) a aplicação de um novo modelo de azulejo de formato retangular e biselado, com as dimensões aproximadas de um tijolo (...)” (Barata Fernandes, 1999:173).

O ferro, “(...) um dos materiais mais emblemáticos da revolução industrial (...)” (Teixeira, 2004,:39), surge no período Iluminista, na construção das guardas das varandas e sacadas; até lá, os modelos anteriores usavam a madeiras nas guardas, nas canalizações e nos caixilhos.

O gesso é utilizado em elementos decorativos, como os estuques em tetos e roda tetos.

E, finalmente, o vidro, usado nas caixilharias.

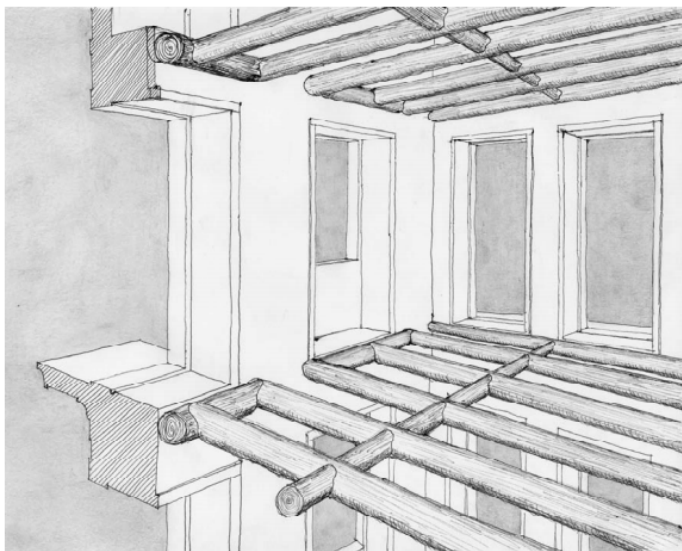


IMAGEM 23

Desenho do pormenor tipo da estrutura dos sobrados de uma casa com três frentes.

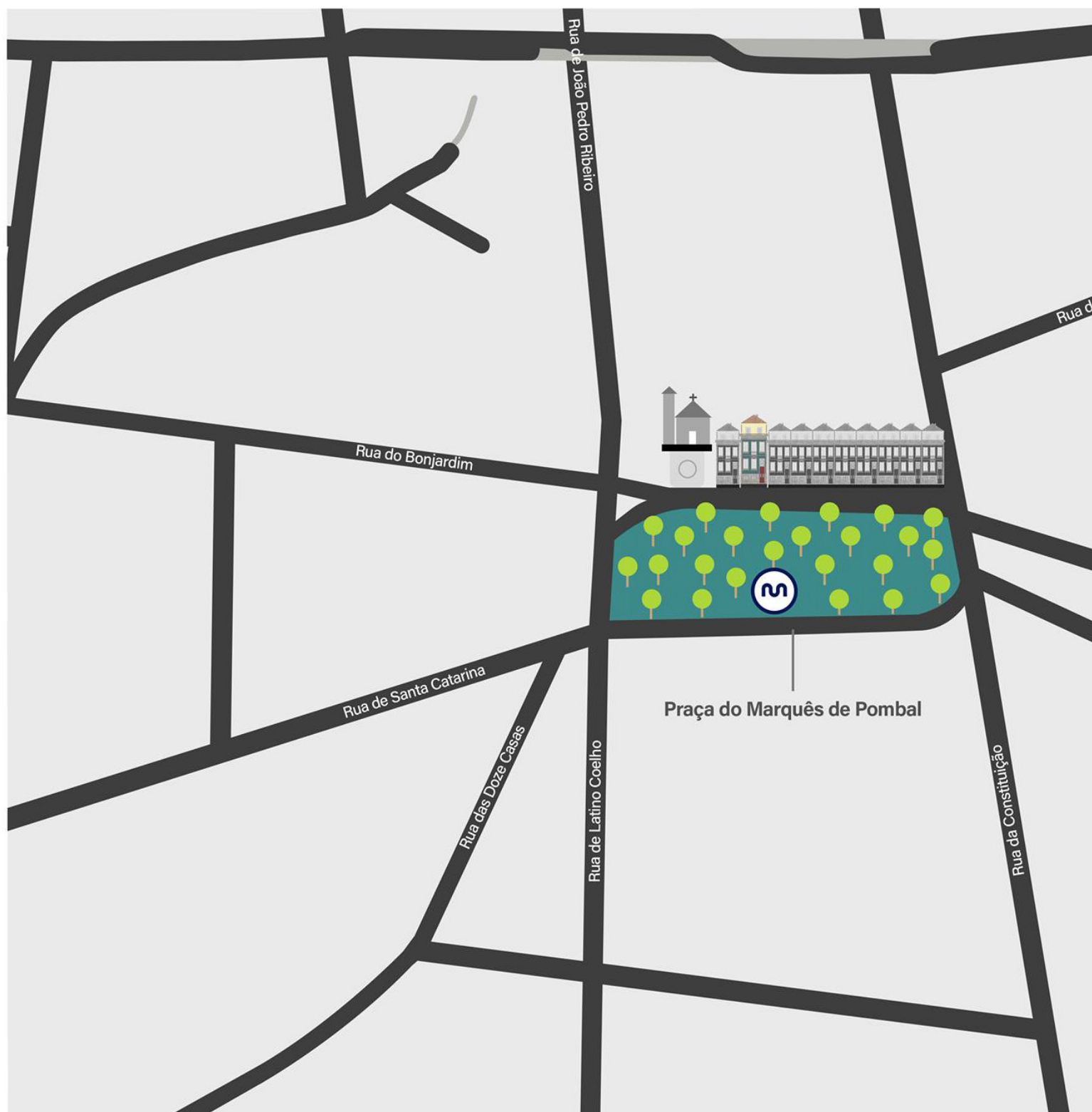


3

O EDIFÍCIO

- 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO EXISTENTE
- 3.2 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO EDIFÍCIO E DA ENVOLVENTE
- 3.3 DIATRIBUIÇÃO FUNCIONAL DA CASA BURGUESA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO EXISTENTE





O edifício alvo deste trabalho, está localizado na cidade do Porto, na Praça do Marquês de Pombal n. 167.

Esta Praça, anteriormente conhecida como “Largo d’Água Ardente”, apesar de não pertencer diretamente ao centro da cidade, está-lhe intimamente ligada. O “Marquês (...) funciona como um lugar de passagem e de encontro, mantendo simultaneamente um carácter de certa intimidade, quase como um segredo que a cidade guarda. Não faz parte do conjunto de imagens que vendem a cidade, não consta dos roteiros turísticos. Mas não há portuense que não o conheça.” (Vasconcelos, 2008:102).

IMAGEM 1
Mapa de Localização.



IMAGEM 2

Conjunto de 10 edifícios na Praça do Marquês de Pombal.



IMAGEM 3

Conjunto de 10 edifícios na Praça do Marquês de Pombal.

○ edifício, do século XIX, pertence a um conjunto de 10 casas, iguais, menos a profundidade de logradouro, que varia em função da profundidade do terreno em que foram implantadas. Cada uma delas serviu inicialmente para a habitação de uma família burguesa da época, sendo assim tradicionalmente conhecidas por “Casas Burguesas”.



IMAGEM 4

Conjunto de 10 edifícios na Praça do Marquês de Pombal.

Esta casa é composta por 4 pisos, de elevados pés direitos, com uma composição simétrica no alçado principal (com exceção da porta de entrada), organizada por dois vãos espaçados, no terceiro piso, e três, no primeiro e no segundo piso, uma varanda central e uma porta de entrada de dupla dimensão. A fachada do conjunto está revestida com um azulejo horizontal, biselado, de cor azul. Cada um dos lotes possui um corpo adjacente na parte de trás, que serve de armazenagem, sendo também dotado dum logradouro, de dimensões variáveis para cada lote. As escadas, que estão localizadas no centro da casa, são iluminadas zenitalmente, por meio de uma claraboia de vidro; a localização das escadas induz uma organização simétrica dos espaços, dividindo-os em compartimentos da parte “da frente” e “de trás”. A circulação é feita por meio de um corredor lateral, junto à parede de meação, situado no seguimento da porta da entrada, que atravessa o comprimento total da casa. Os compartimentos a que se quis atribuir maior relevância social têm nos tetos bonitos desenhos realizados em estuque.

3.2 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO EDIFÍCIO E DA ENVOLVENTE

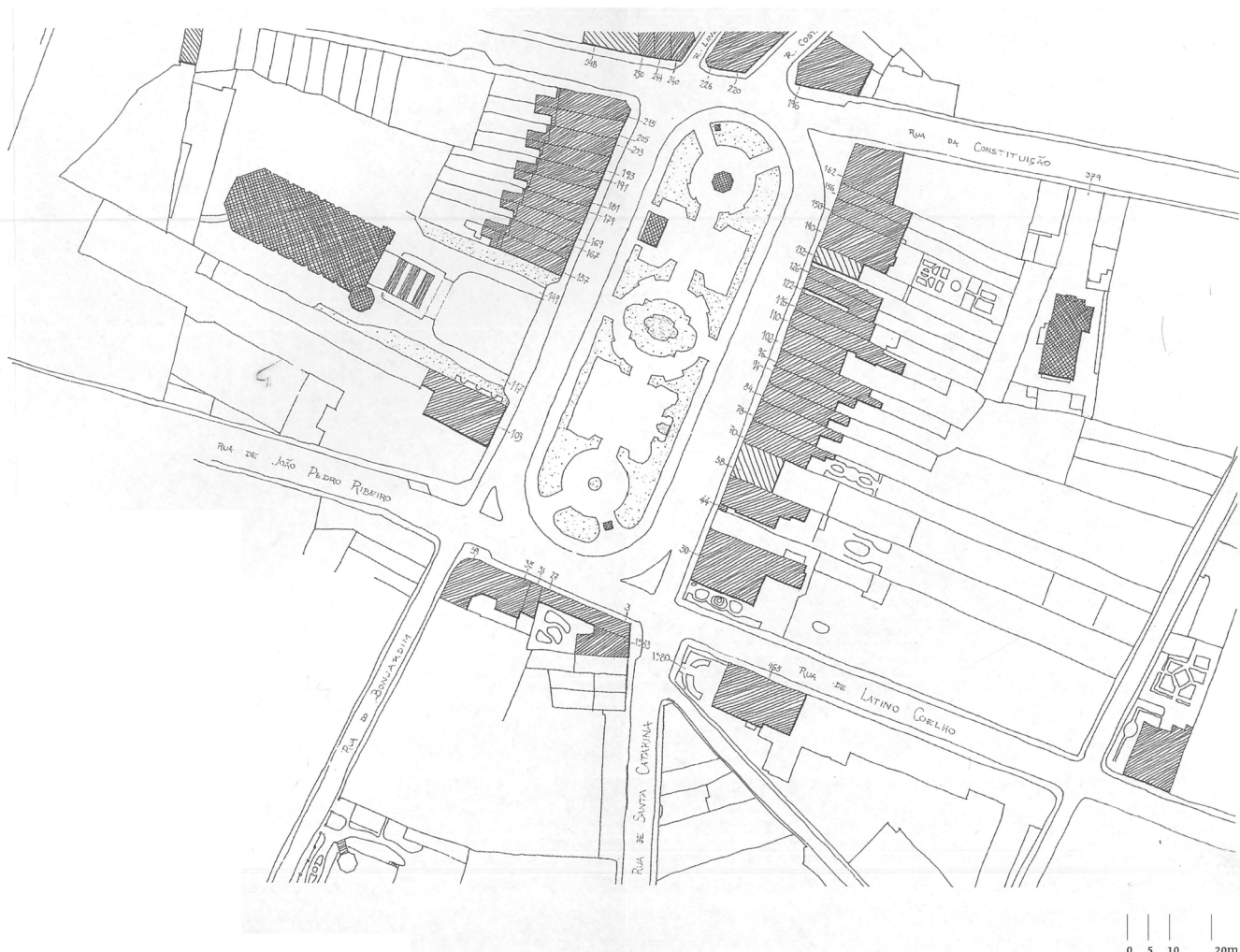


IMAGEM 5

Desenho da planta da Praça Marquês do Pombal.



IMAGEM 6

Desenho do alçado nascente da Praça Marquês do Pombal.

É nos finais do século XIX que a configuração forma da Praça do Marquês de Pombal fica definida e que é dado início à sua construção. Mas será apenas durante o século XX que as quatro frentes da praça se concluem, "(...) consolidando-a como espaço urbano habitado e conferindo-lhe a imagem de espaço residencial." (Vasconcelos, 2008:111).

A esta praça, para além de fazerem parte edifícios e palacetes destinados a habitação e comércio, pertencem também espaços de lazer, como sejam o jardim, que possui um coreto, os quiosques, o lago e a biblioteca.

Entre 1910 e 1914 é feita uma "(...) correção do perfil transversal da Rua da Constituição e do alinhamento de uma grande extensão do lado poente da praça (...)" (Vasconcelos, 2008:113), que resulta na construção de um conjunto de dez casas semelhantes, que hoje em dia designamos por loteamento, e que vai subdividir a propriedade em parcelas de dimensões aproximadamente iguais, "(...) construindo em cada uma delas uma casa de acordo com um projeto-tipo." (Vasconcelos, 2008:114)., O lado poente da praça permanecendo livre de construções, verá aí ser construída, em 1950, a Igreja da Senhora da Conceição.



IMAGEM 7
Desenho do alçado poente da Praça Marquês do Pombal.



IMAGEM 8-12
Fotografias da Praça do Marquês de Pombal no Porto.

Podemos observar na Praça Marquês de Pombal exemplos de desenho repetido. Neles as fachadas são preenchidas com azulejos, quadrangulares ou retangulares, com ou sem relevo, biselados ou não, aplicados na vertical ou na horizontal, resultando numa diversidade de formas, padrões e também de cores, onde predominam as tonalidades verdes, amarelas e azuis. (Vasconcelos, 2008).

Todas as casas seguiam um sistema construtivo semelhante, “(...) paredes em alvenaria de granito assente com argamassa de cal e areia ou saibro; cantaria do mesmo material no soco, cunhais, pilastras, frisos, cornijas, platibandas, cachorros, varandas e esquadrias de portas e janelas; travejamento de pavimentos e armações de telhado em madeira, normalmente de riga; soalhos, rodapés e lambris do mesmo material, assim como escadas e suas guardas, caixilharias interiores e exteriores, sendo estas últimas realizadas em carvalho, castanho ou madeiras exóticas (brasileiras); tetos em estuque; telhados de quatro águas formados com telha tipo marselha; claraboia de vidro com armação de ferro sobre a escada; guardas de varandas, de janelas, bandeiras e outras grades, em ferro fundido ou forjado; revestimento exterior das paredes em reboco pintado ou azulejo. Madeiras e ferros sempre aparelhados e pintados com tinta de óleo.” (Vasconcelos, 2008:116).

3.3 DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL DA CASA BURGUESA

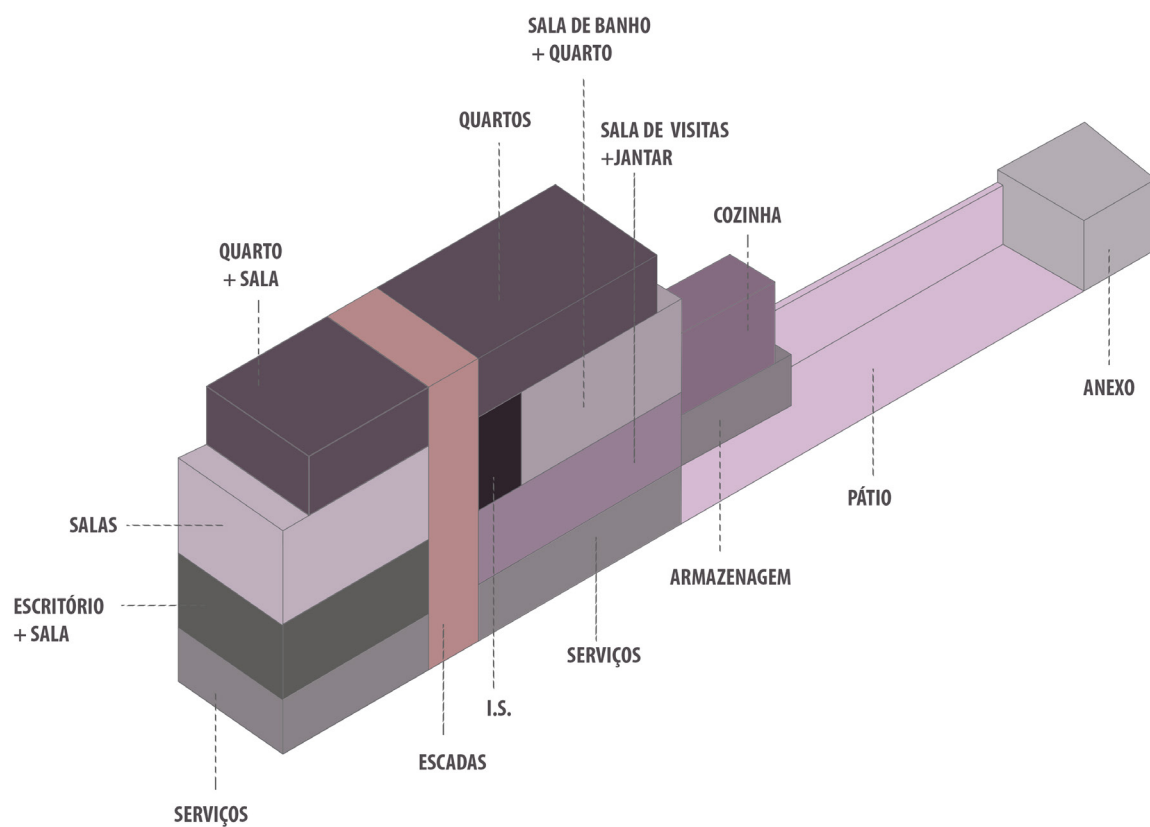


IMAGEM 13
Diagrama funcional da pré-existência.

Com o apoio da informação recolhida nas bibliotecas da cidade e no Arquivo Histórico Municipal do Porto, nomeadamente dos desenhos técnicos existentes, é possível fazer um exercício de suposição sobre o que teria sido a organização da distribuição funcional deste edifício durante o século XIX:

O piso do rés do chão fazia a ligação da rua com o interior da casa e destinava-se aos serviços dos empregados da família; existia ainda espaço para arrumações e uma adega. Este piso, permitindo o acesso ao logradouro e ao corpo saliente do edifício, possibilitava que tivesse como função a armazenagem de carvão. A entrada da casa era feita atravessando uma porta com uma altura correspondente aos dois primeiros pisos sendo neste mesmo espaço de entrada que se encontrava uma escada, paralela à parede de meação, que fazia o acesso ao piso superior.

No primeiro piso estava localizado um escritório, virado para a Praça do Marquês, e uma pequena alcova. Do outro lado das escadas centrais existia uma sala de visitas e uma sala de jantar, com uma zona de copa. Era por aqui que era possível atravessar em direção ao corpo saliente do edifício, onde estava localizada a cozinha. A partir deste piso, só era possível alcançar os restantes andares por meio da caixa de escadas central.

O segundo piso dividia-se numa sala, situada na frente da casa e dotada duma pequena alcova, numa sala de banho, com uma zona específica de toilette, localizada do outro lado, e ainda num quarto, que fazia a ligação para o terraço.

O último piso era constituído maioritariamente por quartos, para serem utilizados pela família habitante da casa. Neste andar, à volta das escadas, existia uma galeria, muito bem iluminada pela claraboia de vidro, situada por cima das escadas, como anteriormente referido.

É assim possível reparar que, na organização interna da casa, houve uma preocupação com a criação de espaços cada vez mais privados à medida que se ia subindo de piso.

4

O EDIFÍCIO ATUALMENTE

4.1 PROGRAMA ATUAL: A CASA VIVA
4.2 DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL DO EDIFÍCIO



IMAGEM 24
Fotografia da fachada tardoz.



IMAGEM 25
Fotografia da fachada tardoz
a partir da varanda.



IMAGEM 26
Fotografia do exterior do corpo saliente.

Com as várias visitas ao lote n. 167, foi possível a percepção de que, apesar de este ter sido um edifício de habitação burguesa, com o passar dos tempos o seu uso foi-se alterando, passando a ter outras utilizações, diferentes daquelas para as quais foi originalmente concebida.

Foi também possível avaliar o estado de conservação do edifício, perceber e conhecer a sua história e a história da área envolvente. Estas visitas foram acompanhadas do devido material de estudo, nomeadamente dos desenhos técnicos existentes, permitindo a identificação das alterações espaciais efetuadas ao longo do tempo, detetando alguns dos problemas existentes e também efetuando um levantamento das necessidades funcionais do edifício, em função de um programa adequado ao uso.

Este edifício não teve grandes alterações a nível estrutural. Foi mantida a divisão, excessiva, dos espaços compartimentados da casa burguesa, com exceção do terceiro piso, onde a parede da alcova, na sala da frente, foi demolida.

Os dispositivos de circulação, a iluminação zenital por meio da claraboia localizada por cima das escadas centrais, as caixilharias interiores e exteriores, os soalhos, os rodapés, os tetos trabalhados e o número de sanitários, permaneceram inalterados. Contudo, a degradação do edifício é visível, quer no exterior, sobretudo na parte de tardo, onde existe o corpo saliente que se encontra completamente destruído, quer no interior, notando-se um estado avançado de deterioração dos materiais e dos sistemas construtivos.

4.1 PROGRAMA ATUAL: A CASA VIVA



IMAGEM 27

Conjunto de cartazes de eventos ocorridos na Casa Viva.

Com o passar do tempo este edifício foi se transformando, consoante quem o habitava, passando por diferentes usos e funções. Foi um edifício destinado a habitação, foi a sede do Partido Socialista e, desde Abril de 2006, foi ocupado por um projeto intitulado “Casa Viva”.

Este projeto, a “Casa Viva”, é um espaço temporariamente cedido pelos proprietários e gerido por uma organização particular sem contrapartidas financeiras. É um espaço destinado a acolher iniciativas e eventos, num espírito comunitário, tal como oficinas, concertos, leituras, dança, teatro, exposições, espaço de loja, com troca e recolha de roupas, e refeições em comunidade. Considera-se um espaço de portas abertas a tudo e todos, pronto a receber as mais variadas atividades.

4.2 DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL DO EDIFÍCIO

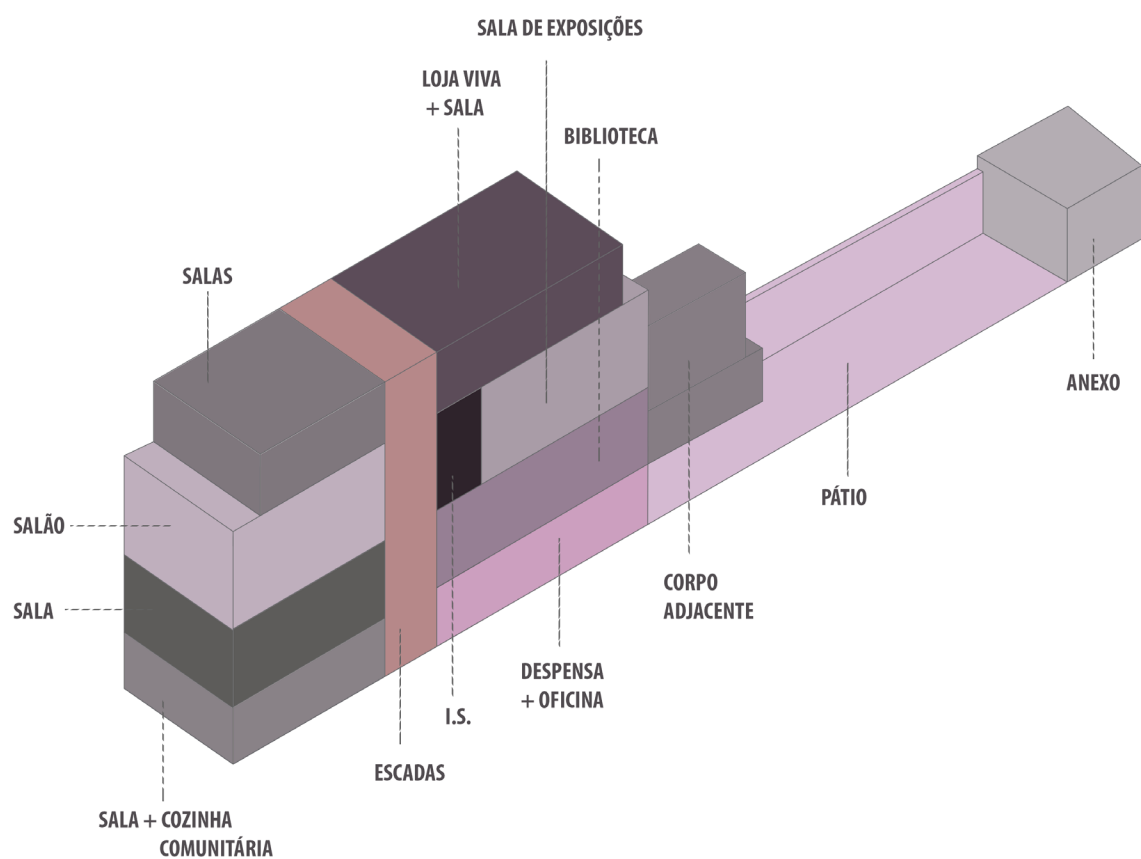


IMAGEM 28
Diagrama funcional da Casa Viva.

A distribuição funcional do edifício Casa Viva é bastante diferente da inicial. O piso térreo é composto por uma sala e cozinha de uso comunitário, onde qualquer pessoa se pode juntar para tomar uma refeição, uma casa de banho (situada por baixo das escadas da entrada), uma despensa e uma oficina, nos compartimentos ‘de trás’. O corpo adjacente ao edifício, localizado no logradouro, encontra-se em desuso, uma vez que está com o seu interior completamente degradado (em particular a laje dos pisos, que está destruída). Existe também um pequeno anexo no final do logradouro e um pequeno espaço de horta.

Na frente do primeiro piso existe, uma sala e um espaço destinado a aulas de uso de computador e à produção dum programa de rádio; do outro lado, existe uma biblioteca, onde se fazem encontros e sessões de leitura.

No segundo piso, o compartimento da frente é ocupado por um salão (que recebe vários concertos) e, no espaço de trás da casa, por uma casa de banho e uma sala de exposições de arte e grafitis, com acesso ao terraço.

O terceiro e último piso do edifício é constituído por salas para arrumação e por uma loja, a que designam por “Loja Viva”, onde é possível a troca e partilha de peças de roupa e calçado.

Em nenhum destes espaços, para além do mau estado de conservação geral do edifício, se encontram os equipamentos necessários para o bom funcionamento do programa a que se propõem, havendo por isso uma necessidade de melhorar as condições dos mesmos.



IMAGEM 29
Fotografia do entrada para a sala de exposições (2 piso).



IMAGEM 30
Fotografia das escadas no último piso - galerias.



IMAGEM 31
Fotografia da sala do 1 piso.



IMAGEM 32
Fotografia do corredor no piso 1.



IMAGEM 33

Fotografia do corredor para o exterior.



IMAGEM 34

Fotografia das escadas da entrada do edifício.



IMAGEM 35

Fotografia da loja viva (piso 3).



IMAGEM 36

Fotografia da biblioteca (piso 1).



IMAGEM 37
Fotografia da sala e
cozinha comunitária (pisso 0).



IMAGEM 38
Fotografia do salão (pisso 2).



IMAGEM 39
Fotografia das galerias (pisso 3).



IMAGEM 40
Alçado Principal do edifício.
Escala 1:100



IMAGEM 41
Alçado Tardoz do edifício.
Escala 1:100



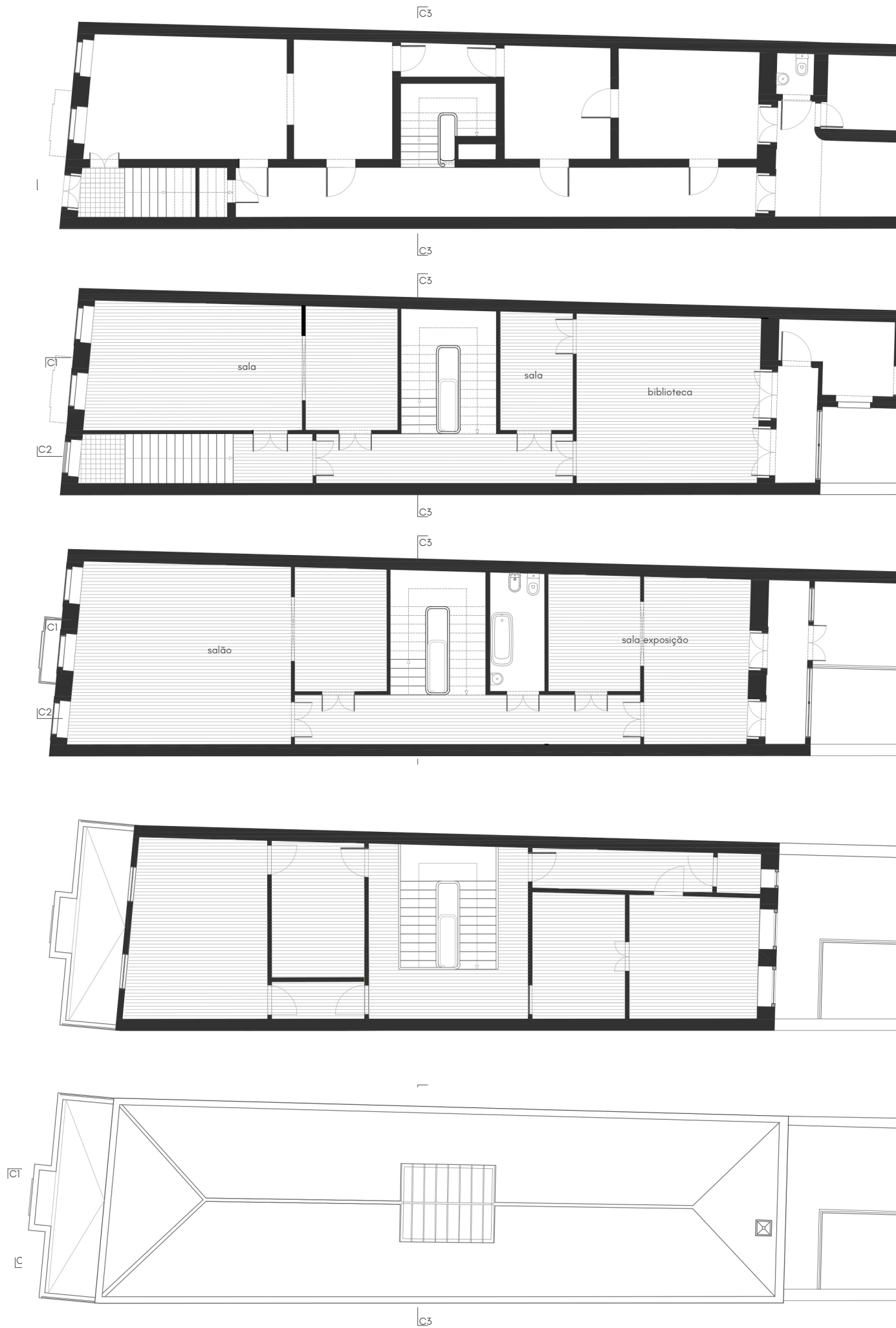
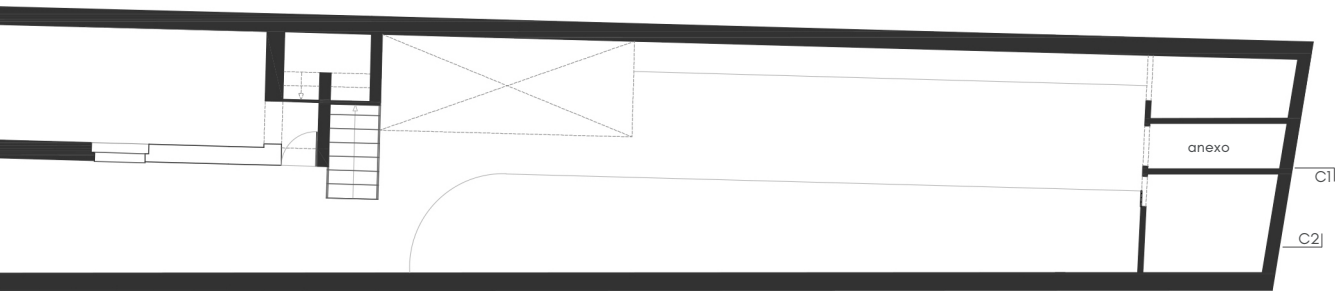
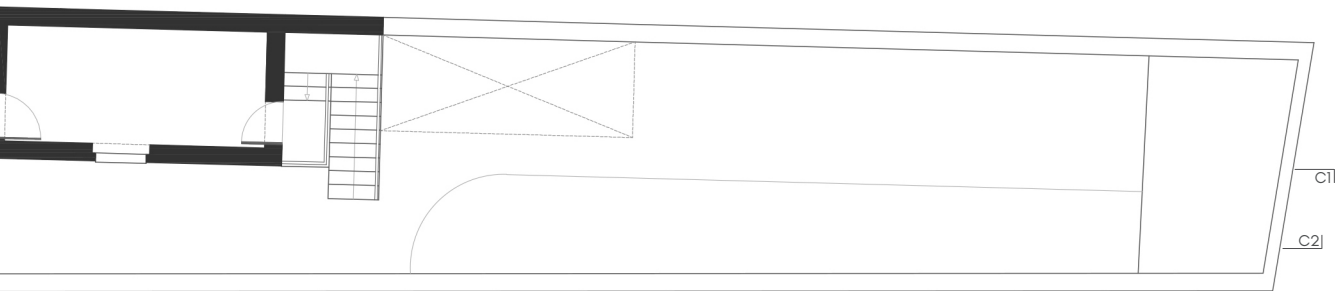


IMAGEM 42

Plantas dos piso 0, 1, 2, 3 e cobertura.
Escala 1:150



piso 0



piso 1



piso 2



piso 3



cobertura

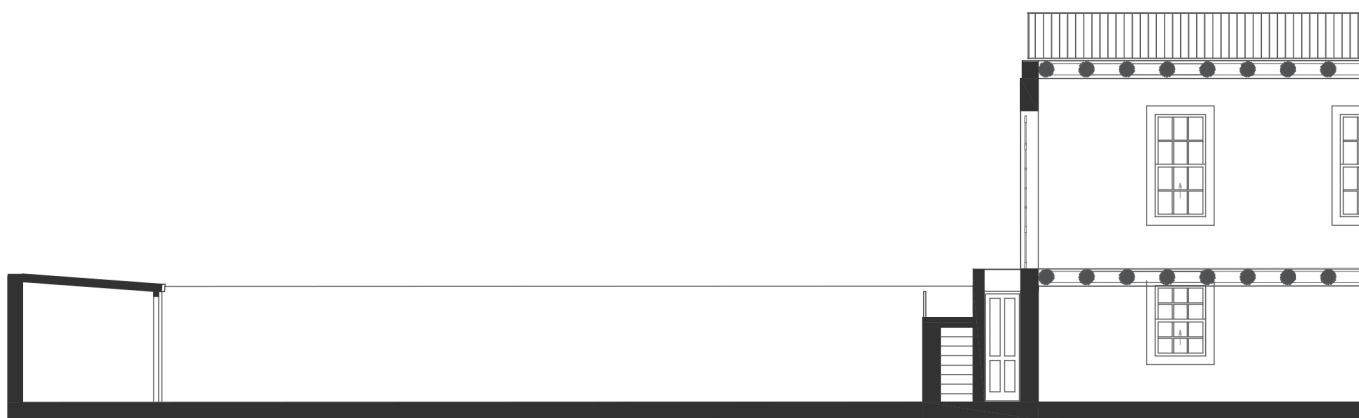
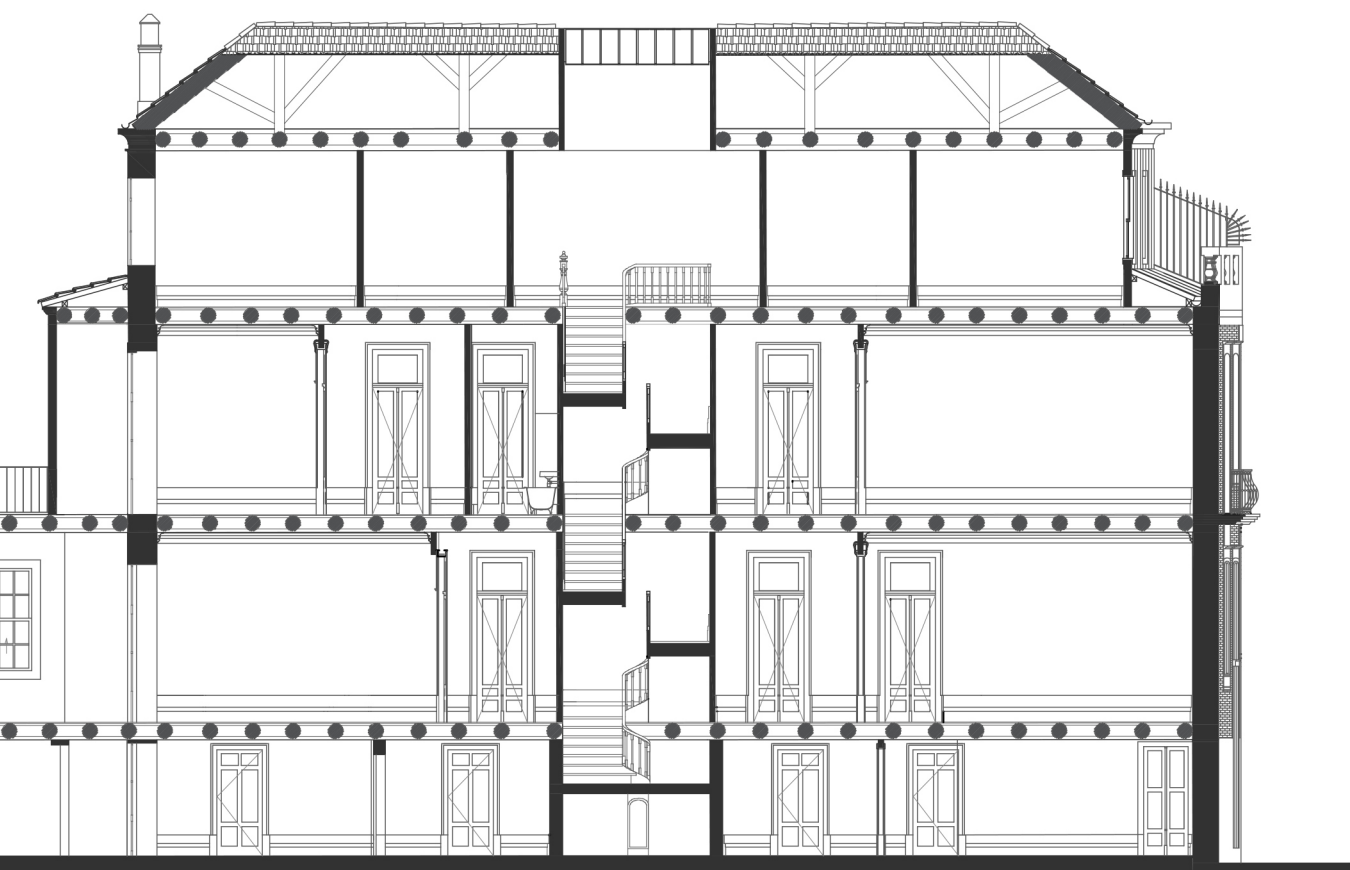


IMAGEM 43
Corte Longitudinal C1.
Escada 1:150





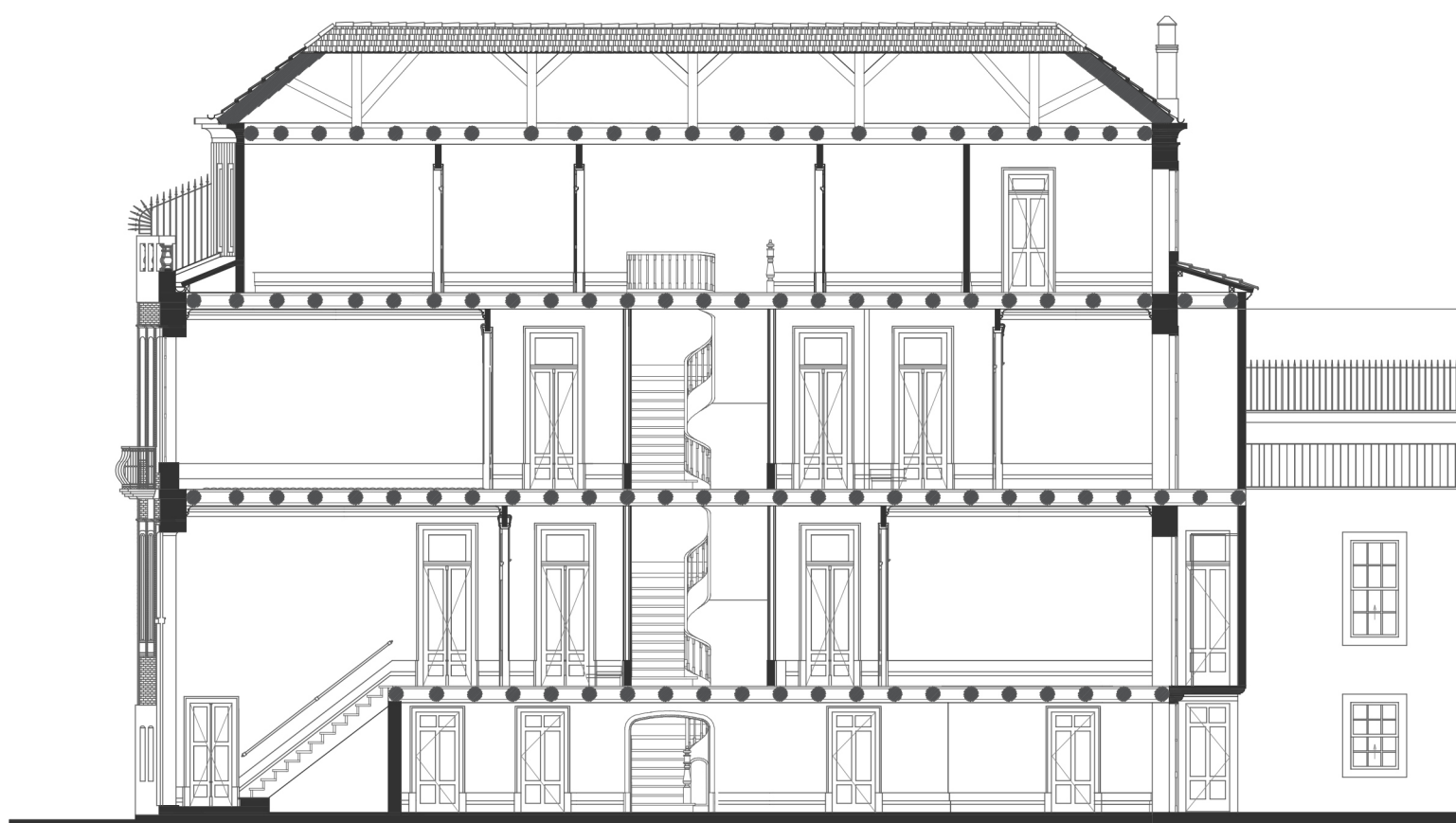


IMAGEM 44
Corte Longitudinal C2.
Escala 1:150



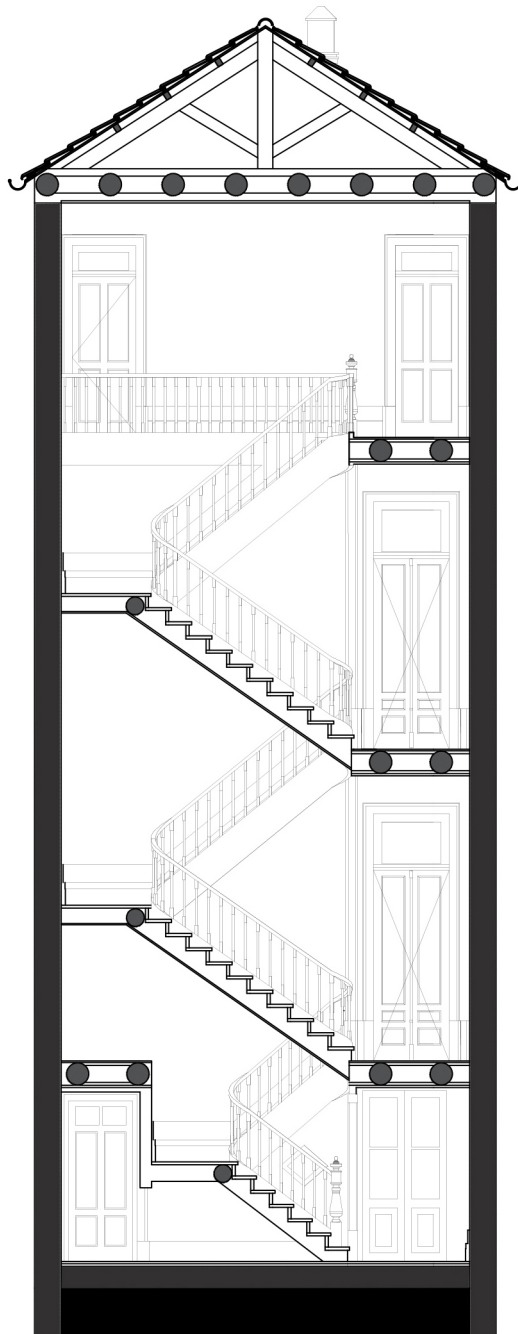


IMAGEM 45
Corte Transversal C2.
Escala 1:100



5

REPROGRAMAÇÃO

5.1 ESPAÇO CULTURAL
5.2 NOVO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
5.3 ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

5.1 ESPAÇO CULTURAL

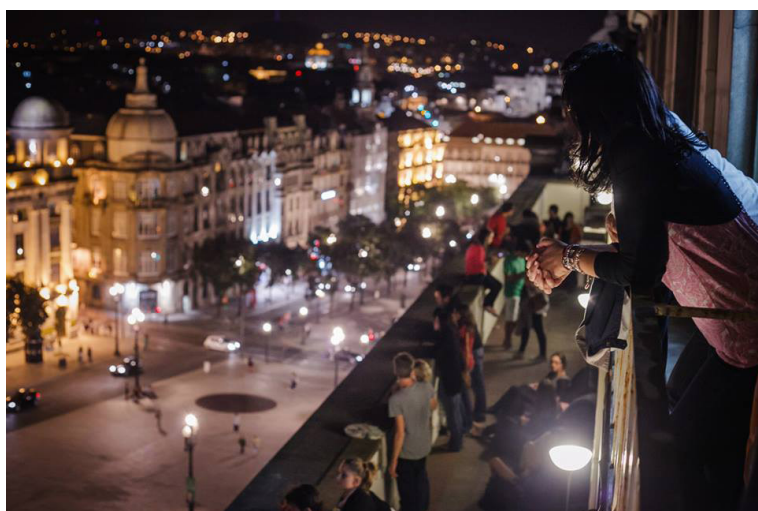


IMAGEM 46-49
Fotografias do edifício AXA .

Com este projeto pretende-se, através de uma intervenção ao nível do Design de Interiores, criar um novo conceito do espaço cultural que se encontra em funcionamento no edifício do lote nº167, da Praça do Marquês.

Um espaço cultural, por definição, é uma organização, um edifício ou complexo que promove a cultura e a arte entre os habitantes de uma comunidade (Martin e Nakayama, 2009). Um espaço, um ponto de encontro nas comunidades, onde as pessoas se reúnem para participar numa atividade, fomentando a criatividade, o espírito artístico, a cultura e a interação humana.

Ao longo dos anos a cidade do Porto foi sendo capaz de elaborar sucessivas estratégias destinadas a promover um ambiente propício, não só à divulgação cultural, mas também à produção artística.

Um exemplo de um edifício do Porto, de grande significado histórico, que foi convertido e adaptado para um espaço cultural, é o do edifício AXA, na Avenida dos Aliados, que se encontra atualmente inativo. O programa com que foi concebida a sua adaptação contava com uma variedade de atividades culturais, incluindo dança, teatro, música e fotografia. Esse programa, pela importância e positividade que trouxe para a arte e para a cultura da cidade, não irá terminar, felizmente, sendo transferido para outro edifício devoluto, o edifício Montepio, situado também na Avenida dos Aliados.

5.2 NOVO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

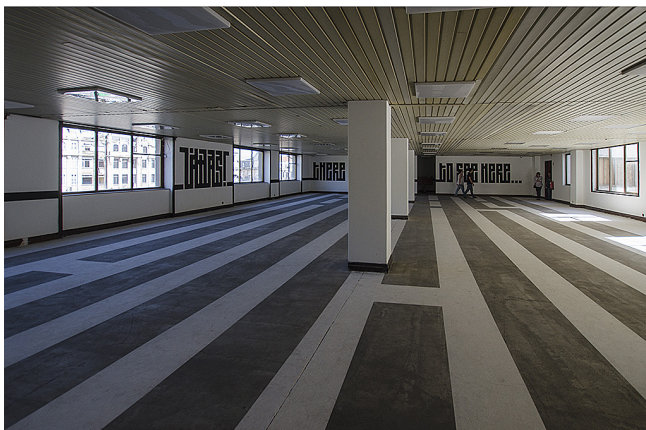


IMAGEM 50-55

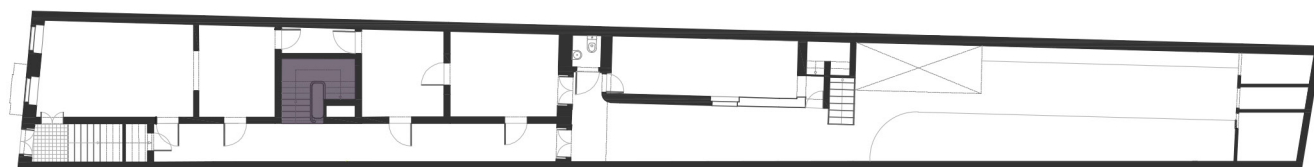
Fotografias do edifício AXA - eventos culturais (exposições, balleteatro, Shortcutz Porto).

Com a definição de espaço cultural, e tendo em consideração os espaços a funcionar no programa atual da “Casa Viva”, foi decidido que para este edifício se criassem espaços que se acredita serem fundamentais para um futuro espaço cultural.

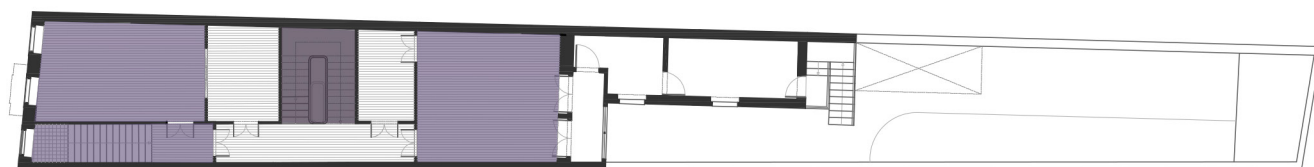
O novo conteúdo programático do edifício será constituído por diversos compartimentos, devidamente equipados através de dispositivos, desenhados caso a caso para cada espaço específico, que permitam satisfazer as necessidades funcionais que cada um desses novos espaços requerirá. Como áreas a intervir, podem salientar-se:

- Uma zona de estar, de convívio e divertimento, com possibilidade de relaxar.
- Um espaço expositivo de arte, como sejam a pintura e a fotografia.
- Um espaço de loja, que possibilite a recolha e a distribuição de roupas e de calçado, e ainda um espaço específico de comércio, para venda de artigos e objetos de design e artesanato.
- Uma biblioteca, que se destinará a consulta de literatura, leitura e estudo.
- Um anfiteatro, que permitirá acolher palestras, aulas e sessões de cinema; mas que também permita ser utilizado apenas como espaço convivial.
- Um salão de espetáculos, que possibilita acolher diversos tipos de produções, como concertos de música clássica, peças de teatro e de dança ou atuação de bandas.
- Uma cozinha e uma zona de bar.
- Um espaço para escritório, possibilitando um local privado para trabalho.
- Um espaço exterior, com um jardim e uma horta (permitindo o cultivo de ervas aromáticas e outros alimentos que sejam susceptíveis de abastecer os eventuais utilizadores).
- Um pequeno anexo para oficina de reparações e armazenagem de bicicletas.

5.3 ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO



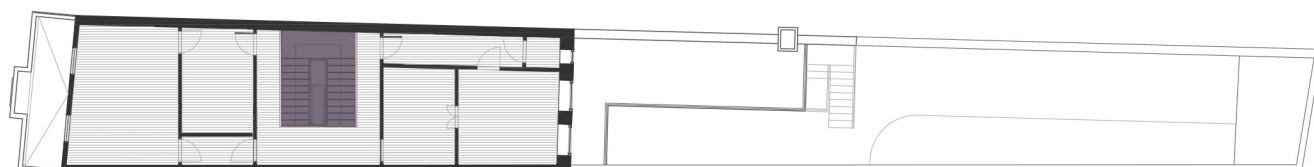
piso 0



piso 1



piso 2



piso 3

Escadas centrais

Tetos trabalhados

IMAGEM 56
Plantas de identificação de tetos trabalhados e escadas centrais.
Escada 1:300

No sentido de melhorar e refazer o programa da Casa Viva, aproximando-o mais de um Espaço Cultural, é necessário, em primeiro lugar, fazer uma intervenção no edifício. É preciso intervir no espaço existente, para transformar e redimensionar os espaços interiores que, ao serem excessivamente compartimentados, resultam em salas estreitas e profundas; e é também preciso introduzir novos elementos que, desde a data da sua construção, se tornaram essenciais para a sociedade contemporânea; iluminação, segurança, salubridade e condições de eficiência térmica.

No entanto, faz parte igualmente da estratégia de intervenção, valorizar as características, materiais e sistemas construtivos do edifício. O desenho do conjunto dos edifícios, através da recuperação dos azulejos e caixilharias exteriores, a recuperação e restauro dos elementos arquitetónicos, como os pés direitos e rodapés altos, as caixilharias interiores e os tetos trabalhados, irão permitir a estas casas típicas da cidade do Porto manterem o seu aspeto, tirando melhor partido das características identitárias.

Seguir-se-á um novo plano funcional para o edifício, onde o programa de Espaço Cultural se adapta ao mesmo, com recurso aos dispositivos necessários para que os espaços desempenhem melhor as funções para as quais foram pensados.

Um dos papéis que um Designer de Interiores aspira concretizar é o de criar ambientes. Só através da organização dos espaços interiores, precedido do estudo e conhecimento da história da envolvente e do edifício a intervir, dos materiais e sistemas construtivos existentes e, ainda, dos futuros utilizadores desse espaço, se podem adequar as ideias e dar resposta às necessidades de quem o vai frequentar.

6



Durante os últimos anos, muitos dos edifícios altos e estreitos, abordados no âmbito deste trabalho enquanto caracterizadores da imagem da cidade do Porto, encontrando-se desatualizados, sobretudo a nível estrutural, face aos regulamentos em vigor, foram alvo de várias e diferentes intervenções, resultando, por vezes, em programas diferentes dos do original: o de servirem como habitações familiares.

Podemos verificar na cidade uma permanência destas tipologias, já anteriormente ocupadas por outros programas. Francisco Barata Fernandes (1999) acredita que a adaptabilidade da casa burguesa Portuguesa foi a característica que permitiu a estes edifícios participarem na regeneração do tecido edificado da cidade de um modo natural, mantendo a sua imagem específica e assumindo diferentes funções, adaptando novas necessidades tipológicas à casa burguesa.

Os espaços arquitetónicos são elementos em constante evolução. Esta transformação pressupõe essa capacidade de adaptação. “Evolução. Pressupõe a capacidade da adaptação do edifício de habitação ao longo do tempo, essencialmente através de dois modos: a adaptação à introdução de usos que não o residencial, e a adaptação face às alterações infligidas pelo habitante na sua própria unidade doméstica, consoante a evolução ou alteração das suas necessidades.” (Botelho, 2012:79).

Um edifício torna-se adaptável quando consegue responder às constantes mudanças de necessidades que o tempo, o ambiente urbano envolvente e a sociedade requerem. “(...) Quando um tipo de edifício deixa de ter capacidade de adaptação a novas circunstâncias, a novos usos, entra em colapso, degrada-se e transforma-se em ruína (...)” (Barata Fernandes, 1999:63). Conceitos como a adaptabilidade e flexibilidade dos edifícios podem combater a desadequação dos mesmos.

O conceito de adaptabilidade surge então da capacidade que um edifício ou espaço tem de se adequar às mais diferentes utilizações, possibilitando mudanças do seu uso habitual.

A noção de adaptabilidade dum edifício ou espaço está assim interligada com a da flexibilidade desse espaço. Este alcança essa flexibilidade através de vários dispositivos que proporcionam disponibilidade espacial, possibilitam vários modos de ocupação. Para poderem acolher diferentes modos de vida, esses dispositivos devem-se poder acrescentar ou remover, possibilitando a expansão dos interiores (Castro, 2008). Isto sem esquecer, no entanto, que a flexibilidade espacial tem de ter em conta a existência de alguns elementos fixos, como sejam as instalações sanitárias, as cozinhas e os vãos ou caixas de escadas, por razões ligadas às infraestruturas inerentes.

Da capacidade de adaptabilidade e flexibilidade vem a percepção de que os edifícios burgueses apresentam uma certa fragilidade em relação ao uso dos materiais, das condições térmicas, acústicas e higiénicas, e também alguma precariedade operacional a nível da organização funcional do interior. As reduzidas dimensões de frentes, o facto da caixa de escadas estar situada no centro da casa (que resulta na anteriormente referida divisão entre compartimentos 'da frente' e 'de trás' em cada piso), assim impossibilitando o desenvolvimento ao longo do comprimento total da casa, o excesso de compartimentação, as grandes profundidades de lote (que originam espaços com pouca luz) e o reduzido número de compartimentos sanitários e de banho (que nestas casas ficam muitas vezes restringidos a pequenos cubículos nas varandas traseiras), podem-se tornar grandes inconvenientes ao projetar numa casa burguesa. Estes desajustes em dimensão e organização são uma das grandes preocupações da sociedade contemporânea relativamente às suas habitações, sendo que, por vezes, atribuir novos usos, funções e programas aos seus espaços interiores resulta numa solução comparativamente interessante ao da de habitação.

PROJETOS DE REFERÊNCIA



IMAGEM 57
Fotografia do alçado do edifício
com projeto do atelier Pedra Líquida.



IMAGEM 58
Fotografia do alçado do edifício
com projeto do Arq. José Gigante.



IMAGEM 59
Fotografia do alçado do edifício
com projeto do Atelier Floret.

Nos últimos anos as casas burguesas têm vindo a ser adaptadas a diferentes estilos de habitação e habitantes, tendo sido convertidas em edifícios de alojamento, restauração, lojas, ateliers, etc. Sem recorrer a alterações construtivas significativas, utilizando uma capacidade de flexibilidade e de adaptação às diferentes pessoas com diferentes usos e necessidades, os casos existentes de conversão e reconversão ilustram o interesse que estas construções foram criando ao longo das últimas duas décadas.

Seguem-se alguns exemplos de intervenções em antigos edifícios de habitação onde, aliado à degradação e desadequação das infraestruturas face às necessidades atuais, o programa foi transformado, utilizando diferentes metodologias de intervenção na distribuição funcional e construtiva, tudo resultando numa positiva adequação do novo programa ao espaço.

Pretende-se então com uma análise mais detalhada destes projetos, demonstrar o sucesso conseguido em termos de adaptabilidade, flexibilidade e versatilidade dos espaços, neste modelo de casa, contribuindo para que a ideia da intervenção do edifício nº67 da Praça do Marquês de Pombal, a de ser transformado num Espaço Cultural, atual e apelativo, tenha capacidade para participar positivamente na promoção e na atratividade do centro da cidade do Porto.

ATELIER PEDRA LÍQUIDA - CASA DO CONTO

O projeto do edifício do hotel Casa do Conto é da autoria do atelier Pedra Líquida e está localizado no Porto, na Rua da Boavista 703. Este edifício foi, inicialmente, uma casa burguesa do Porto, do século XIX, com todas as características típicas de uma casa desta época: escadas centrais com claraboia, pés direitos, portadas e rodapés altos, tetos de estuque, pavimentos em madeira (riga), entre outros.

O projeto inicial para esta casa data de 2008. Consistia num hotel e numa residência temporária com atividades culturais. A intervenção passou pelo aproveitamento e restauro, sempre que foi possível, do existente, com uma requalificação das fachadas e do interior do edifício, adaptando-o às comodidades que não possuía.

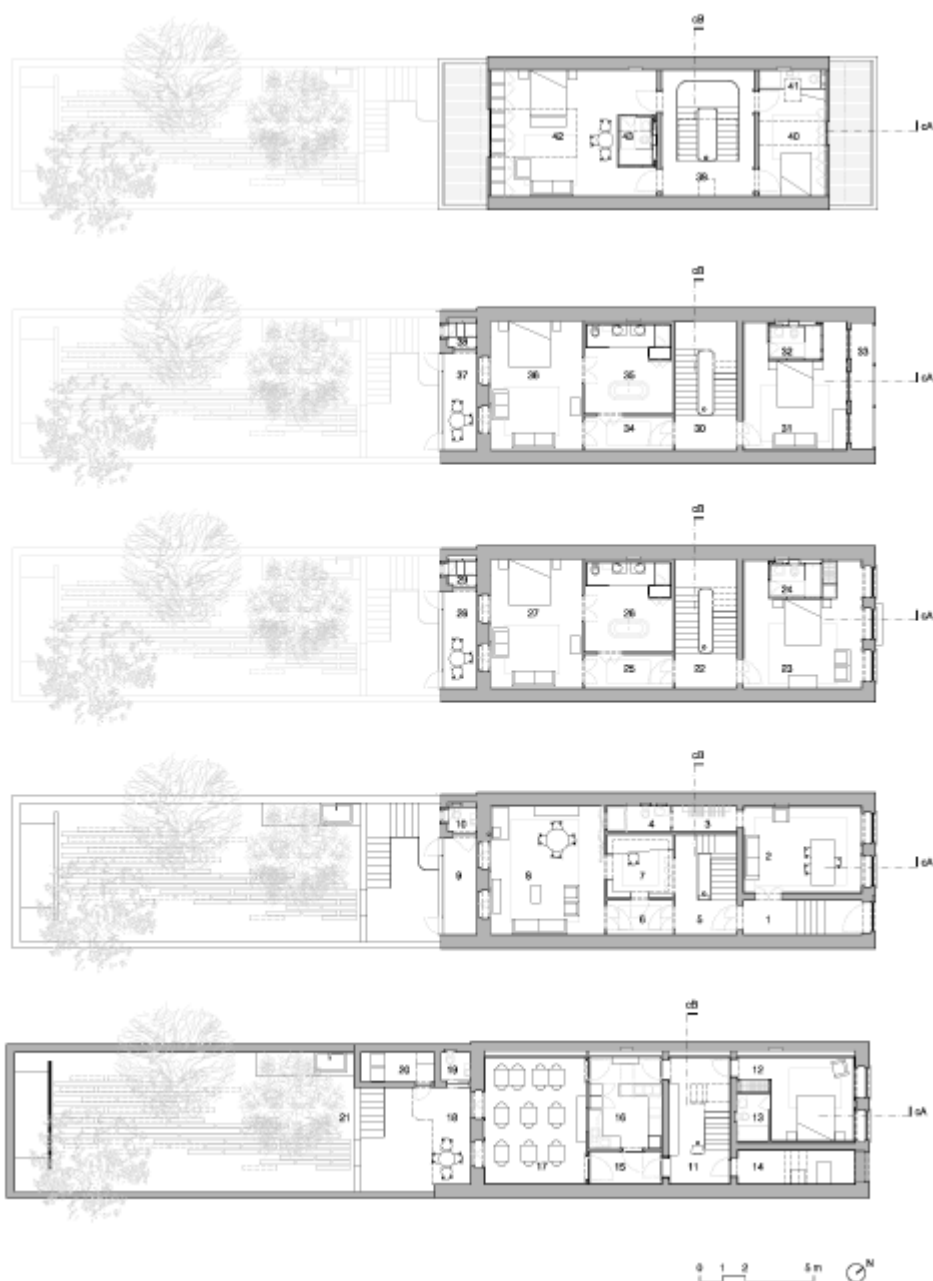
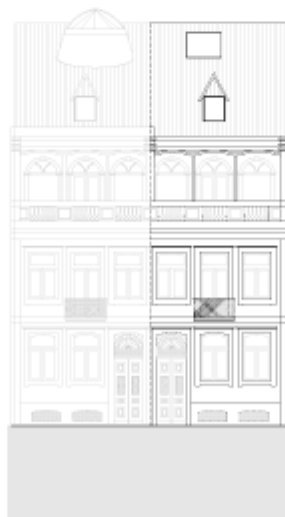
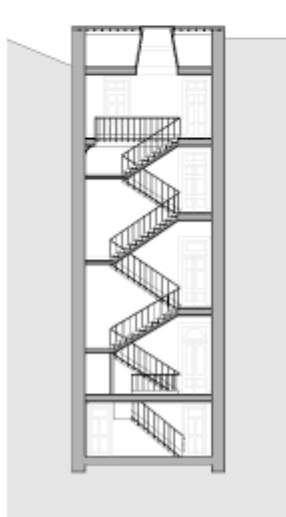


IMAGEM 60-62

Plantas dos piso 0, 1, 2, 3 e 4.
Fotografias dos alçados do edifício.



0 1 2 5m

IMAGEM 63-66
Alçados e cortes
do edifício-



IMAGEM 67-70
Fotografias do interior do edifício.

No entanto, após um incêndio em 2009, logo depois da inauguração do edifício, os interiores ficaram completamente destruídos, o que levou os arquitetos a terem de desenvolver um novo projeto.

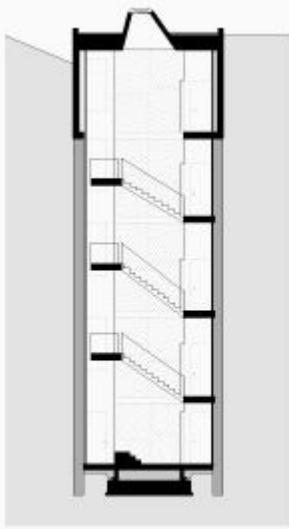
Nesse sentido, pretenderam reconstruir a arquitetura das casas tradicionais do Porto do século XIX a partir de uma recriação da estrutura e da decoração dos seus elementos, respeitando a verticalidade inicial pela caixa de escadas central, a claraboia situada no centro do edifício, os tetos trabalhados, etc, mas utilizando novos materiais, como o betão, na sua construção.

Nos pisos -1 e 0 estão situadas as zonas comuns, como a receção, a sala de estar e de refeições, com acesso ao jardim. Os restantes pisos superiores destinam-se, maioritariamente, a quartos.

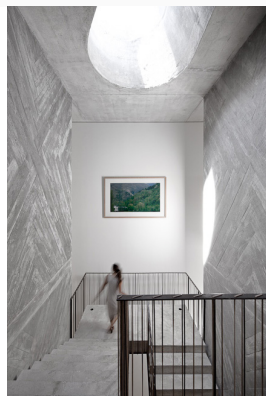


IMAGEM 71-73

Plantas dos piso 0, 1, 2, 3 e 4.
Fotografias dos alçados do edifício.



0 1 2 5M



JOSÉ GIGANTE - CASA CRISTINA SILA

O projeto que se apresenta é referente a uma obra de reabilitação de uma casa burguesa, localizada no Porto, na Rua Oliveira Monteiro, uma obra do arquiteto José Gigante para um edifício de habitação.

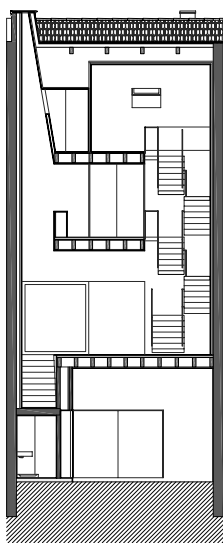
A intervenção feita nas fachadas do edifício teve em consideração o facto de este pertencer a um conjunto com uma determinada identidade arquitetónica. Dependeu em muito da integração que as alterações feitas iriam provocar nos restantes edifícios.

Na fachada principal houve uma alteração no desenho dos caixilhos. O piso 0 sofreu uma união de duas das aberturas para uma só, o portão da garagem no piso 1 manteve a partição de vãos e o piso 2 teve uma nova métrica, agora com quatro vãos. Na fachada tardoz, as varandas foram fechadas em vidro.



IMAGEM 84 e 85

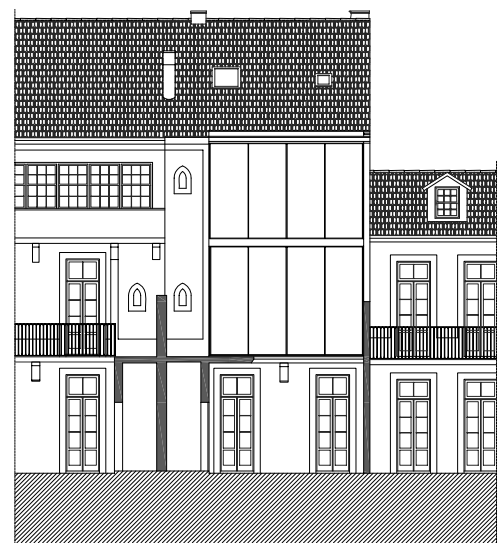
Fotografias dos alçados do edifício.



corte C1



corte C2 - alçado sudoeste



corte C3 - alçado nordeste



IMAGEM 86-89

Plantas dos pisos 0, 1, 2 e 3.
Alçados e cortes do edifício.

Este edifício tinha os seus interiores completamente destruídos, pelo que a estratégia passou pela demolição total dos elementos e por uma nova construção da estrutura do edificado, em madeira laminada e perfis metálicos. Esta nova construção passou, nos interiores, pela continuidade vertical e pela localização central das escadas (junto à parede de meação), dividindo o edifício em espaços 'da frente' e em espaços 'de trás', ao mesmo tempo que se iluminam com luz natural todos os pisos através da claraboia situada na cobertura, por cima das escadas. A disposição das escadas teve também como intenção dar continuidade à relação de profundidade entre a parte da frente e de trás do edifício.

Foram localizados os espaços de estar e de refeições no piso, com continuidade para o logradouro e os restantes pisos superiores ocupados por quartos, salas e escritório.

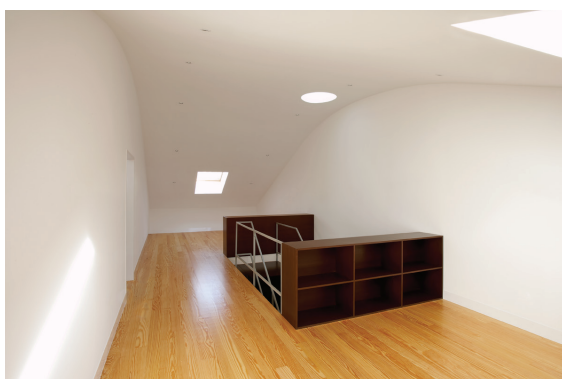
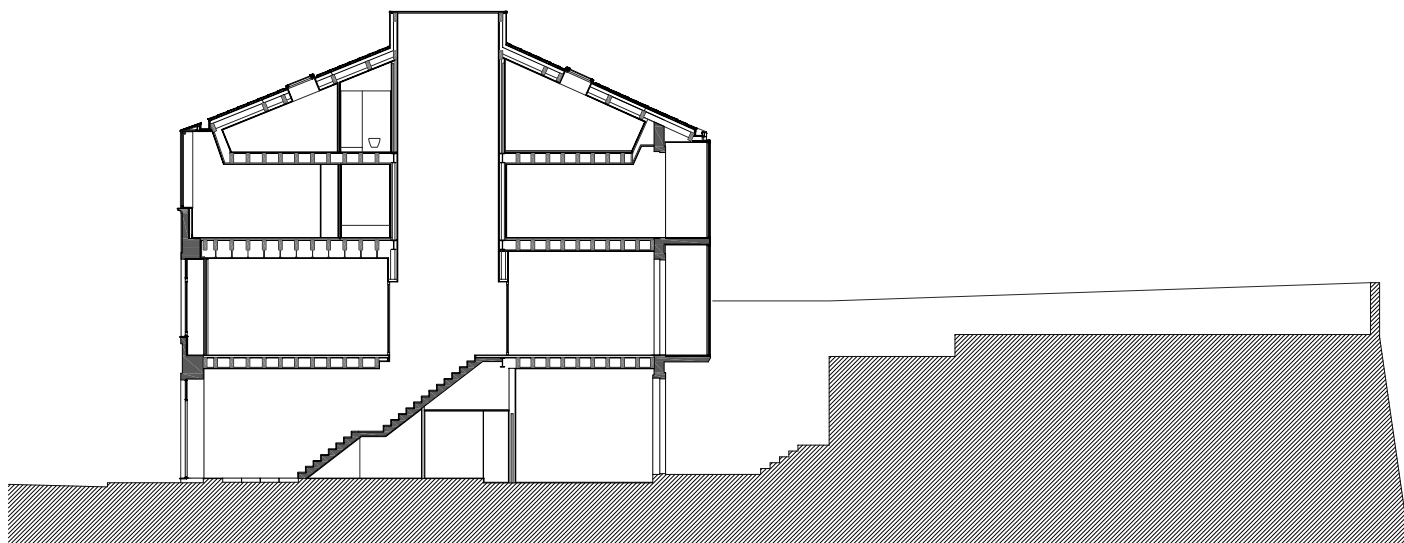
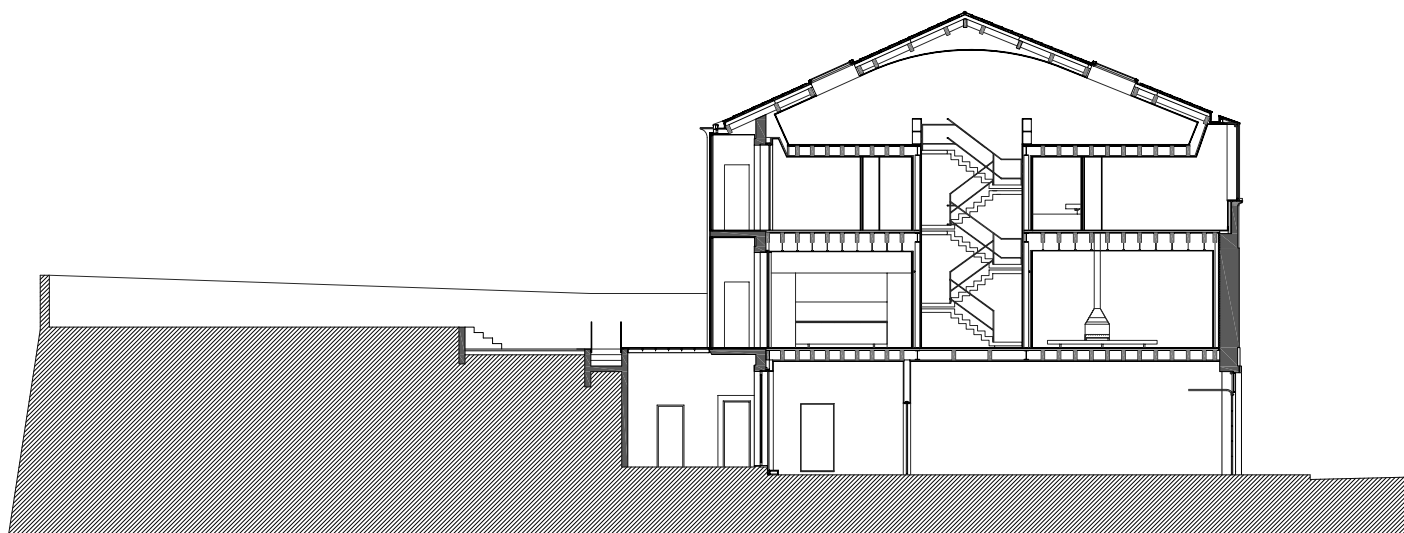


IMAGEM 90-95

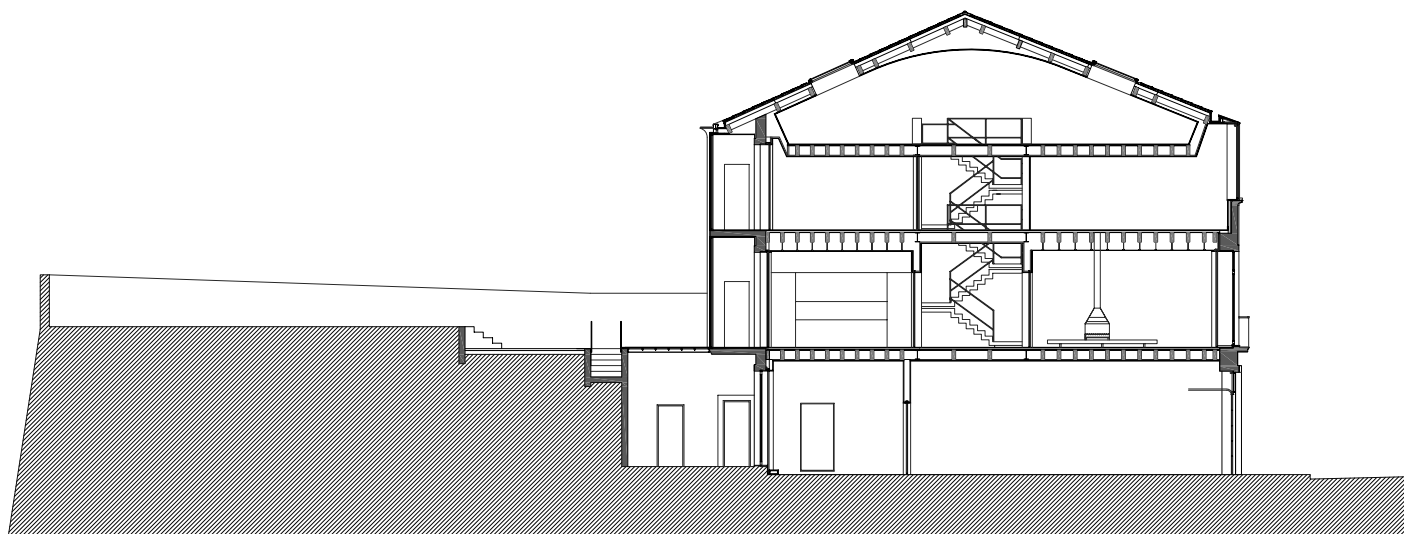
Fotografias do interior do edifício.



corte C4



corte C5



corte C6

IMAGEM 96
Cortes do edifício.



ATELIER FLORET - RIVER HOUSE

● projeto de alojamento local da River House, localizado na Rua de Cimo do Muro do Porto, foi feito pelo atelier Floret.

O edifício do século XVIII servia inicialmente de habitação a uma família da época. Seguiu-se uma ocupação por parte de um restaurante que, em 2008, sofreu um incêndio, destruindo os interiores e o telhado, deixando apenas as paredes exteriores (em alvenaria de pedra). Tem três frentes, seis pisos (cave, rés do chão, três andares e ainda um aproveitamento das águas furtadas) e um passadiço (com caixilhos de ferro e vidros coloridos), que liga a entrada do 2º piso do edifício a uma cota mais alta.

● projeto de reabilitação do edifício passou pela proposta de uma estrutura interior idêntica à do projeto anterior no edifício, mantendo o máximo possível o existente (a localização central das escadas, a claraboia por cima das escadas, as portadas de quatro folhas e o passadiço com os elementos decorativos). As fachadas mantiveram-se inalteradas na sua leitura (com o desenho original das caixilharias), onde a nova estrutura se iria apoiar. A cobertura foi redesenhada, com uma estrutura metálica e trapeiras em vez de vão de janela.

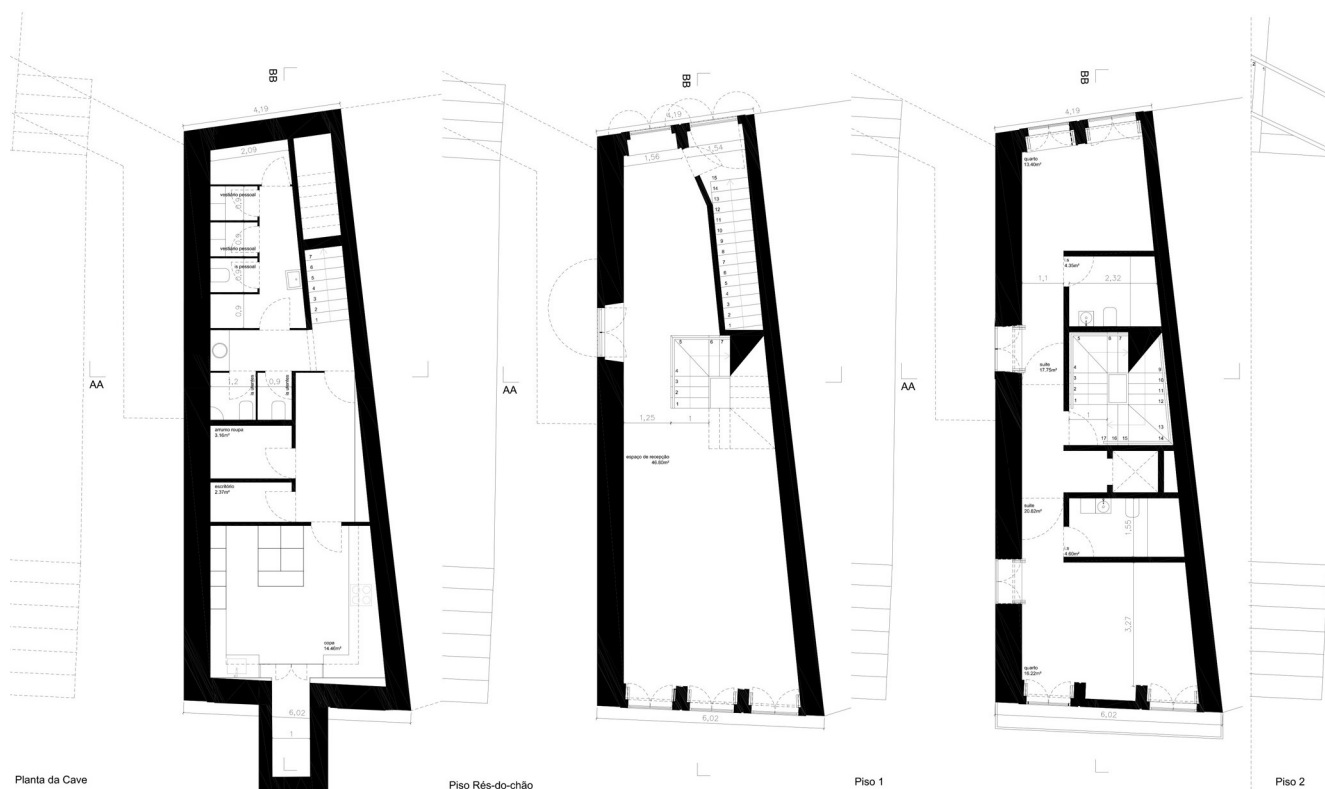




IMAGEM 98
Fotografias dos alçados do edifício.

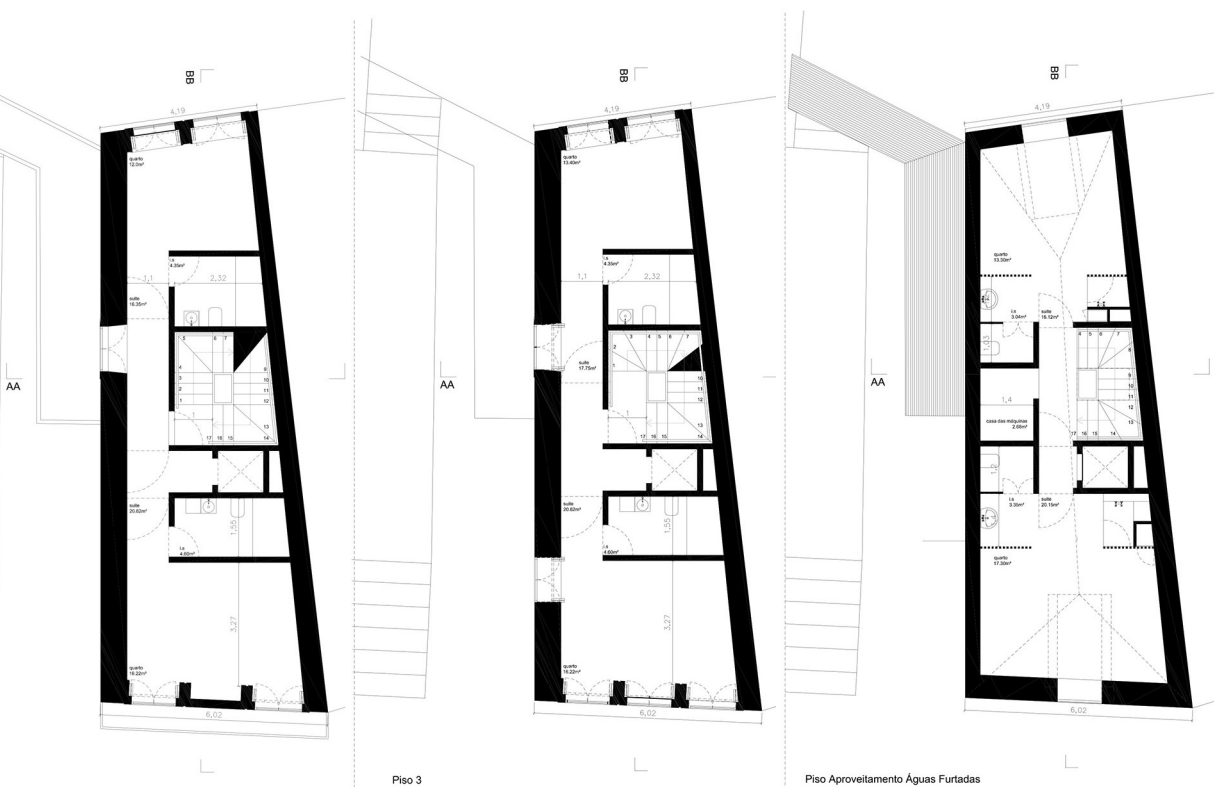
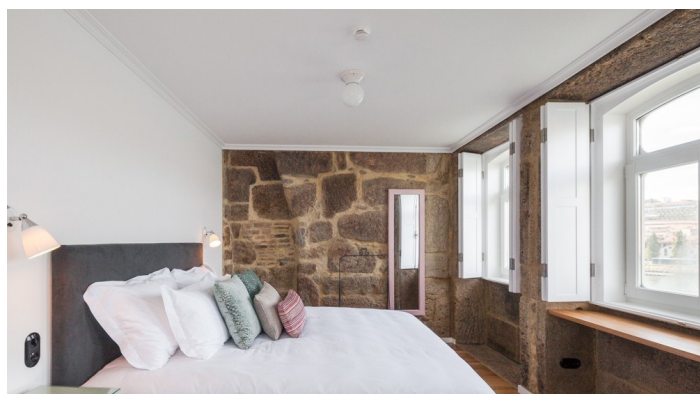
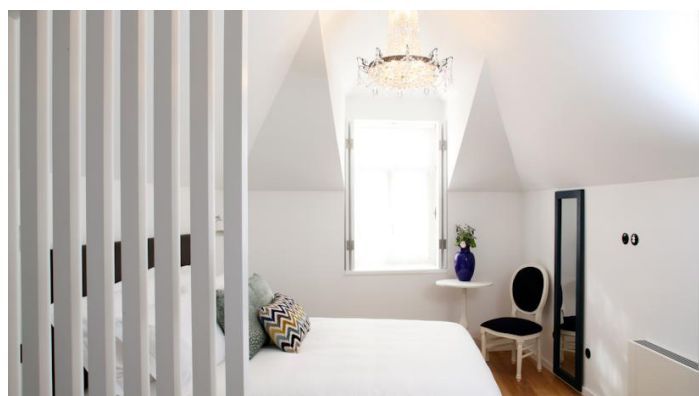
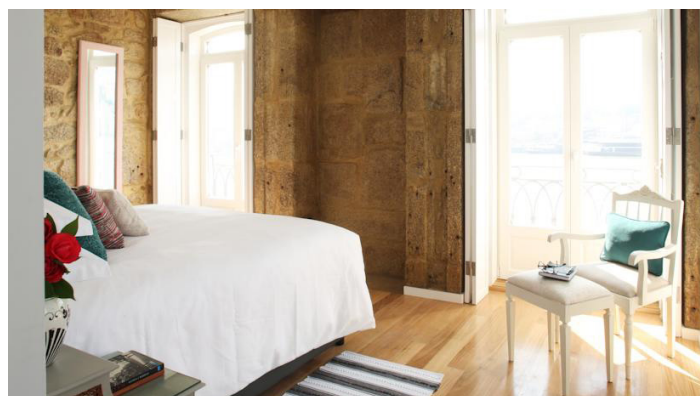


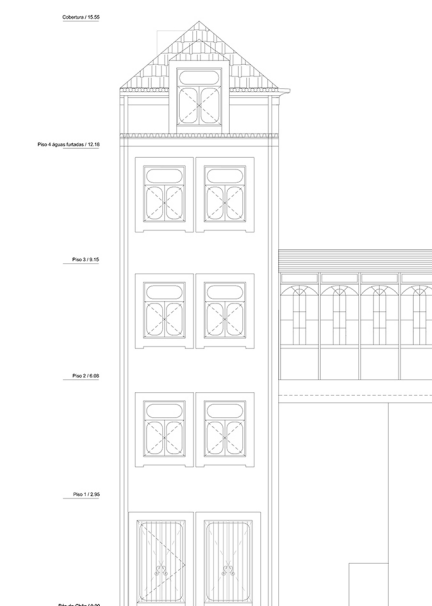
IMAGEM 97
Desenhos das plantas do projeto.

Os quartos foram localizados nos pisos 1, 2, 3 e águas furtadas, um de cada lado das escadas centrais, sendo o piso da cave utilizada pelos serviços do hotel e o de rés do chão como piso de receção.





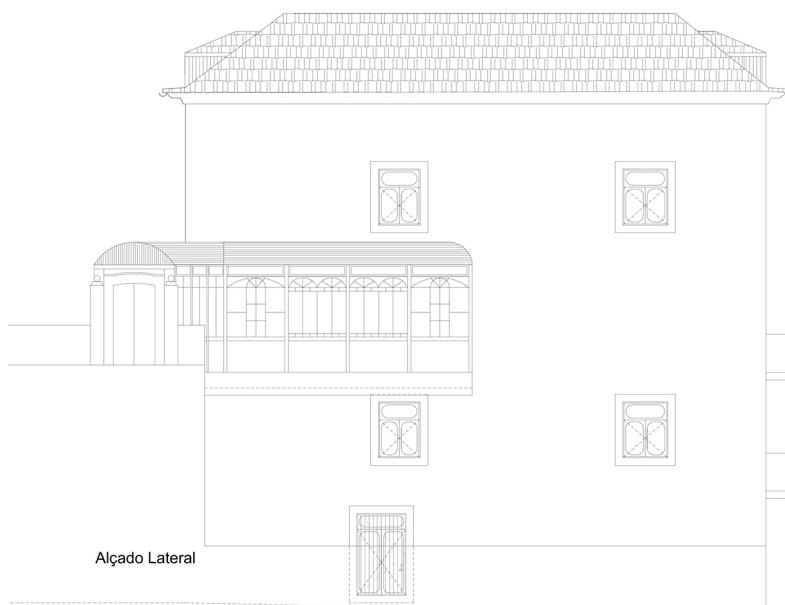
Alçado Principal



Alçado Tardoz

IMAGEM 107

Desenho dos alçados principal e tardoz.



Alçado Lateral

IMAGEM 108

Desenho do alçado lateral.

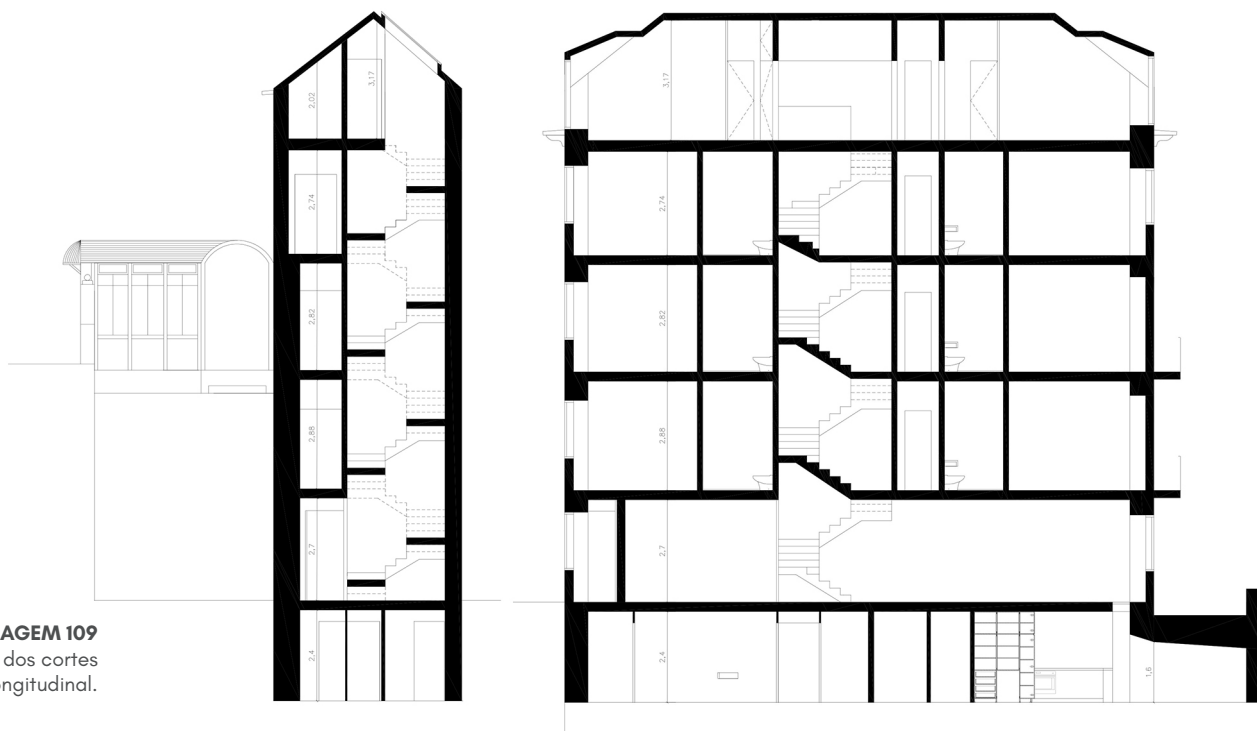


IMAGEM 109

Desenho dos cortes transversal e longitudinal.

7

PROJETO

- 7.1 O ESPAÇO INTERIOR
 - 7.1.1 DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL DO EDIFÍCIO
- 7.2 OS DISPOSITIVOS NO ESPAÇO
 - 7.2.1 O PISO 0
 - 7.2.2 O PISO 1
 - 7.2.3 O PISO 2
 - 7.2.4 O PISO 3



IMAGEM 110

Desenho ilustrado do alçado principal do edifício.
Escala 1:100



IMAGEM 111

Desenho ilustrado do alçado tardozdo edifício.
Escala 1:100

○ projeto para o programa de Espaço Cultural a funcionar no edifício da “Casa Viva” consistiu em duas vertentes:

Na primeira, cujo propósito é a intervenção feita no edifício, apresenta-se o resultado estrutural do mesmo, com base nas características da casa burguesa que foram valorizadas; a partir dos espaços originados da intervenção, foi possível definir a distribuição funcional interior e adequar o programa ao edifício.

Na segunda, procurou-se a criação e o desenvolvimento de dispositivos únicos que vão ocupar cada um dos espaços interiores; estes foram desenhados com base na distribuição funcional estabelecida na intervenção no edifício e pretendem unir o design da peça à funcionalidade que vão desempenhar no espaço em que se vão inserir.

O estudo das casas burguesas e das suas características, juntamente com as várias visitas ao local, permitiu avaliar e apreciar as mais-valias destas tipologias, articulando o existente com o projetado de forma a conseguir obter o melhor resultado naquelas condições.

Houve a intenção de preservar os traços originais do edifício bem como as volumetrias existentes, aproveitando algumas das características e materiais originais da construção. Como resultado, foi feita uma intervenção pouco invasiva no espaço, não descaracterizando o edifício, ao mesmo tempo que se ofereceram melhores condições a nível de conforto térmico, salubridade e segurança. Foram projetadas as operações necessárias de tal modo que se executassem as mínimas obras de demolição possíveis para a instalação do novo programa, bem como de novas construções.

A abordagem nesta intervenção foi a de manter a imagem do exterior, uma vez que este edifício faz parte de um conjunto de dez casas iguais, intervindo apenas nos interiores da casa.

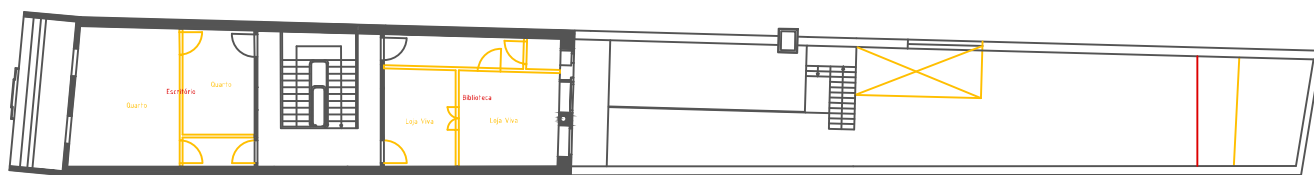
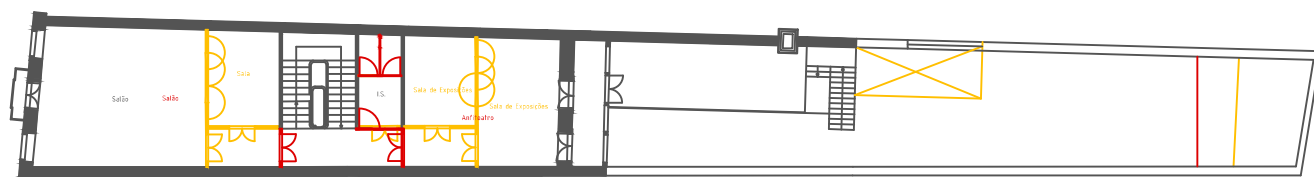
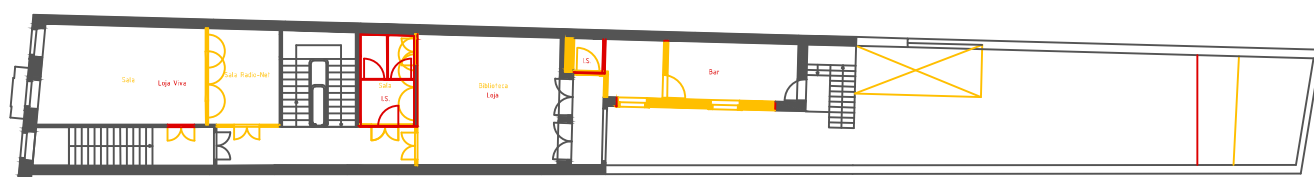
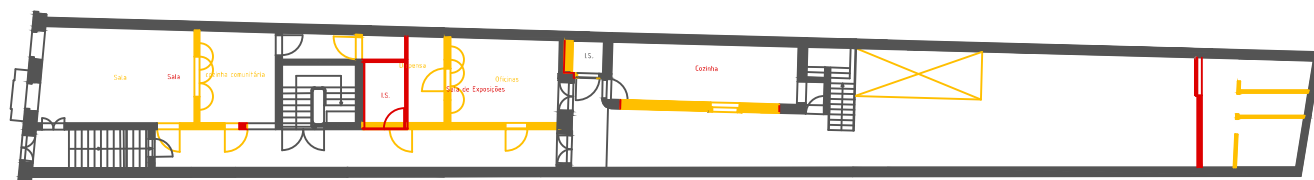
Com a preocupação em manter o aspeto das fachadas, para não se perder a identidade dentro do conjunto, foi necessário proceder a operações de limpeza, restauro e reforço nas caixilharias exteriores, cobertura e guardas, que se encontravam bastante degradadas, mantendo o mesmo desenho, configuração e materiais (madeira, ferro e vidro).

Foi necessária uma grande intervenção no corpo saliente ao edifício, uma vez que se encontrava com os interiores completamente destruídos. A reconstrução da laje intermédia, o novo pavimento e ainda uma nova métrica nos vãos de janelas, foram a forma de proceder à transformação aqui proposta.

Também o espaço exterior, onde está situado o anexo, foi alvo de intervenção e de redimensionamento. Tendo em conta o avançado grau de degradação do anexo, procedeu-se à demolição e reconstrução de um novo anexo, com maiores dimensões. A área de jardim foi pavimentada com pedra e criou-se, seguindo outros exemplos aqui anteriormente apresentados, um pequeno espaço de horta, para o cultivo de ervas aromáticas, legumes e flores.

No interior da casa, a intervenção já vai para além do restauro das caixilharias, materiais e sistemas construtivos. Foram adicionados aos pisos novas instalações sanitárias, situadas junto às escadas, de forma a libertar espaço para os compartimentos destinados às funções do espaço cultural, ao mesmo tempo que se conserva a infraestrutura fixa.

Durante as visitas ao local, os espaços transmitiram um ambiente sombrio e inseguro, com zonas pouco acolhedoras e sujas. Estas sensações foram sobretudo causadas pela degradação das infraestruturas, falta de iluminação dos espaços e mobiliário existente. Numa tentativa de mudar o ambiente da casa, optou-se por tornar os espaços mais abertos e luminosos, não só através da demolição das paredes intermédias, mas também pela introdução da cor branca nos elementos presentes (paredes, rodapés e portas).



— Existente — Demolição — Construção

IMAGEM 112
Plantas dos piso 0, 1, 2 e 3 de vermelhos e amarelos.
Escala 1:300

A necessidade de reduzir o excessivo número de compartimentos resultou numa divisão em apenas dois espaços, separados pela caixa de escadas centrais: por um 'lado da frente' e por outro 'lado de trás'. Ambos os 'lados' deixam de estar limitados quanto à quantidade de luz natural uma vez que, desse modo, passam a ser iluminados naturalmente através das janelas localizadas nas fachadas do edifício e por meio da claraboia.

Nesta abordagem foram valorizados os vários elementos característicos interiores e, portanto, mantiveram-se os pavimentos em pinho nos pisos superiores do edifício e corpo saliente, o espaço de corredor lateral em toda a casa, os tetos trabalhados em estuque (que estão apenas em algumas divisões da casa), os rodapés trabalhados e altos, a claraboia e as escadas centrais (que proporcionam uma organização simétrica por piso), a maior parte das caixilharias interiores, e os demais elementos arquitetónicos e decorativos significativos.

Pelo conhecimento histórico do plano funcional destas casas, o piso 0 seria o mais pobre e destinava-se aos serviços, com o seu pavimento em cimento. De forma a não perder o ambiente original criado por aquele material, o cimento, utilizando ao mesmo tempo uma solução tradicional da construção portuguesa, foi projetado para este piso um novo pavimento, num padrão hexagonal de mosaico hidráulico tradicional, em tons de cinza e branco. O mesmo material foi utilizado no corpo adjacente deste mesmo piso, empregando agora um outro padrão hexagonal e uma cor de mosaico hidráulico.

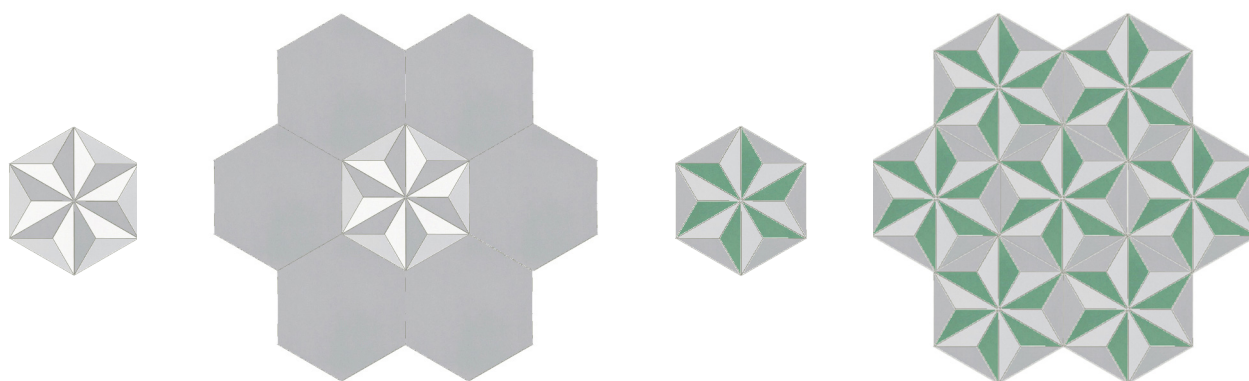


IMAGEM 113
Padrões do mosaico hidráulico.

7.11 DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL DO EDIFÍCIO

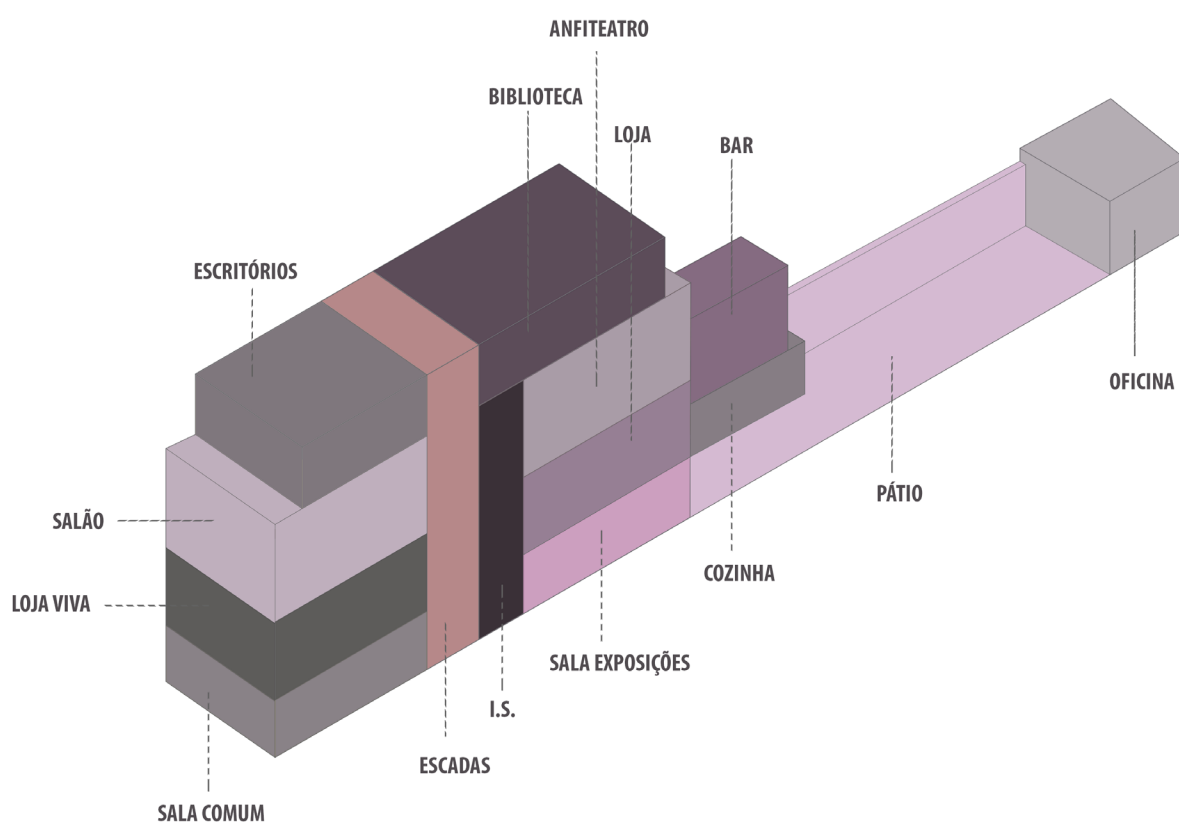


IMAGEM 114
Diagrama funcional do projeto.

Com a intervenção no interior do edifício foi possível desenvolver, com base nos espaços estabelecidos no programa, a distribuição e localização de cada um destes no interior da casa. Tal como nas casas burguesas do século XIX, onde o nível de privacidade aumentava à medida que se subia na habitação, também aqui houve a intenção de hierarquizar e distribuir a utilização em função desse mesmo conceito de reserva e privacidade, localizando os espaços mais públicos nos pisos mais acessíveis, diminuindo a frequência do acesso à medida que se evolui para os espaços localizados nos andares superiores.

Seguindo esta hierarquização de intimidade, a partir do piso 0 acede-se à rua e ao pátio. Este é o menos privado de todos e nele está localizada a sala comum, na frente da casa. Pretende-se que esta sala seja um espaço de convívio, onde o utilizador pode pedir informações sobre o programa de atividades, descontraí, jogar jogos de tabuleiro, ver televisão, etc. À medida que se percorre a sala, alcançamos o corredor, que marca o início do espaço expositivo, onde artistas locais poderão expor e promover o seu trabalho. Daqui é possível aceder-se ao exterior. Este consiste num pátio bastante arborizado, com um ambiente natural, fresco e acolhedor, onde existe um pequeno anexo para o aluguer de bicicletas, com um pequeno espaço de oficina para eventuais reparações.

A partir do pátio é possível notar-se a existência do corpo saliente ao edifício que, neste piso, não tem ligação interior com o resto da casa, e onde se situa o espaço de cozinha, com a possibilidade de confeccionar refeições comunitárias.

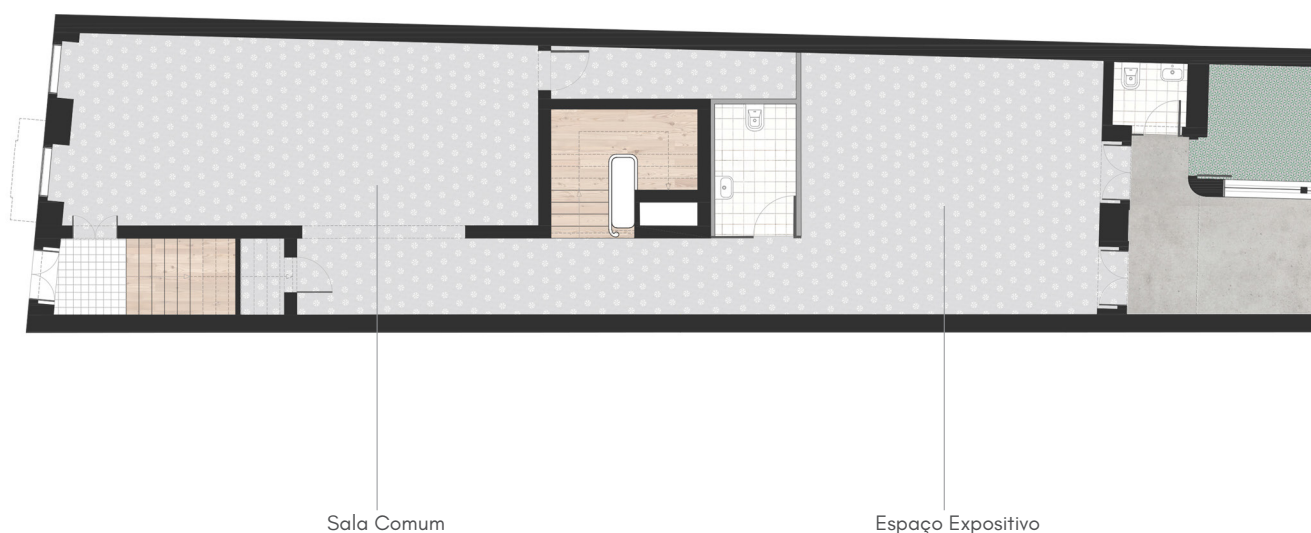


IMAGEM 115
Planta do piso 0.
Escala 1:150



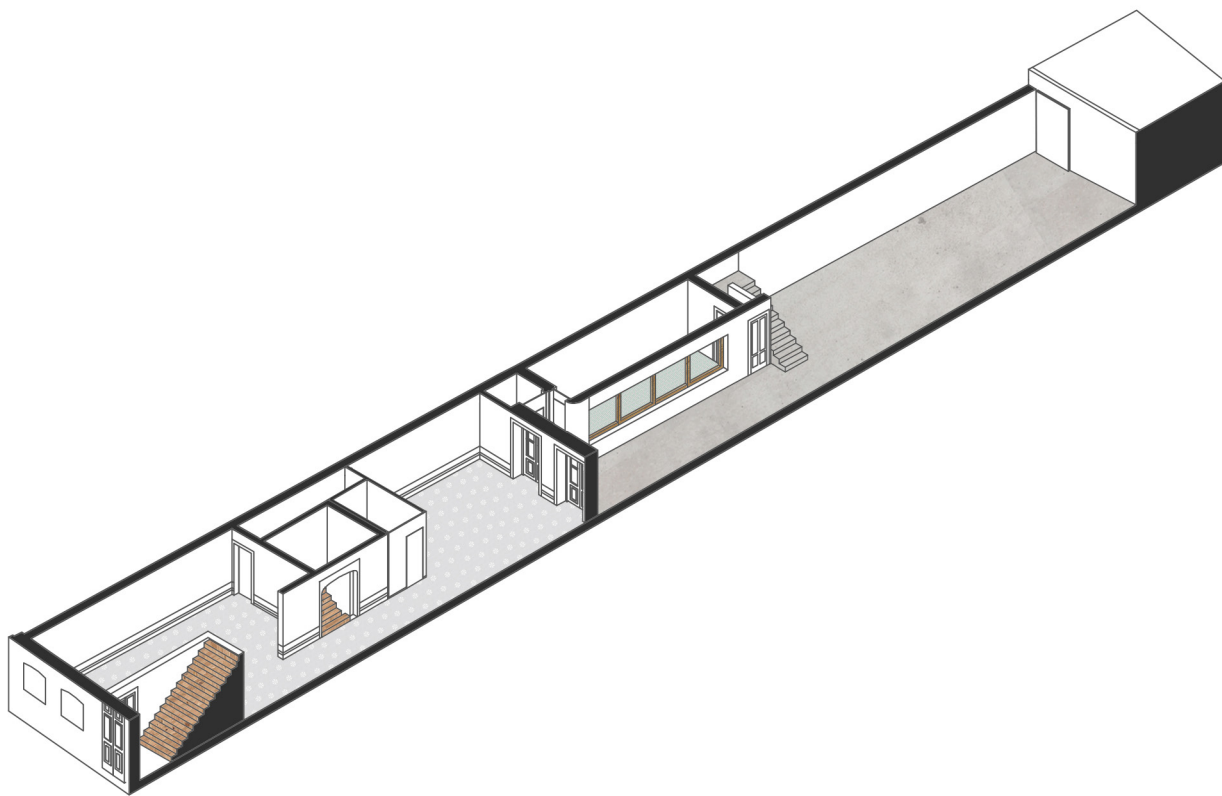
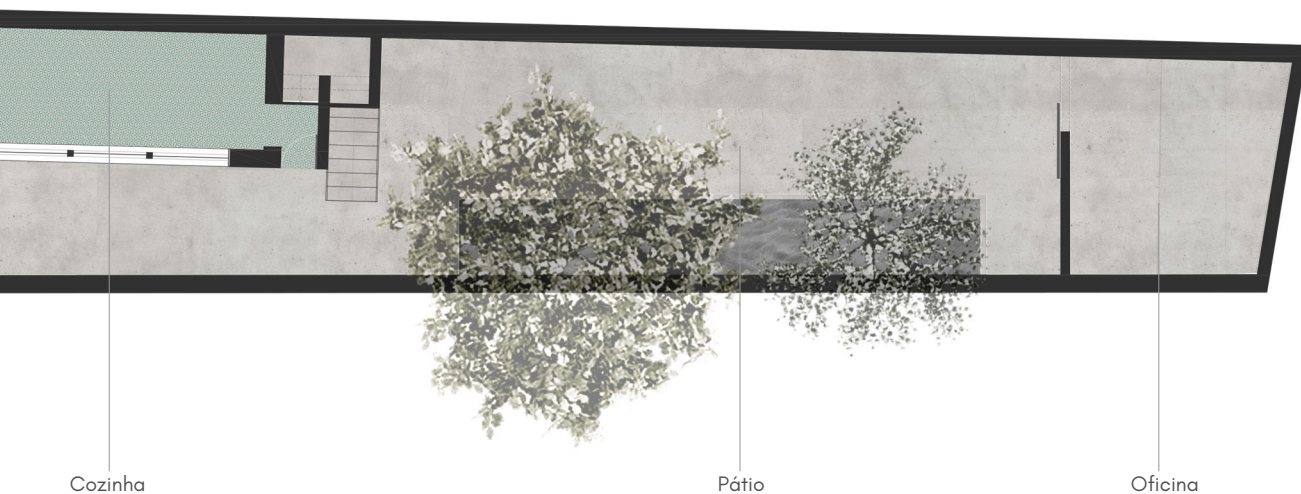


IMAGEM 116
Axonometria ilustrada do piso 0 vazio.
Escala 1:200



Cozinha

Pátio

Oficina



IMAGEM 117

Render da entrada - piso 0.



IMAGEM 118

Renderm da sala comum - piso 0.



IMAGEM 119

Render do espaço expositivo - piso 0.



IMAGEM 120

Render do espaço expositivo – piso 0.

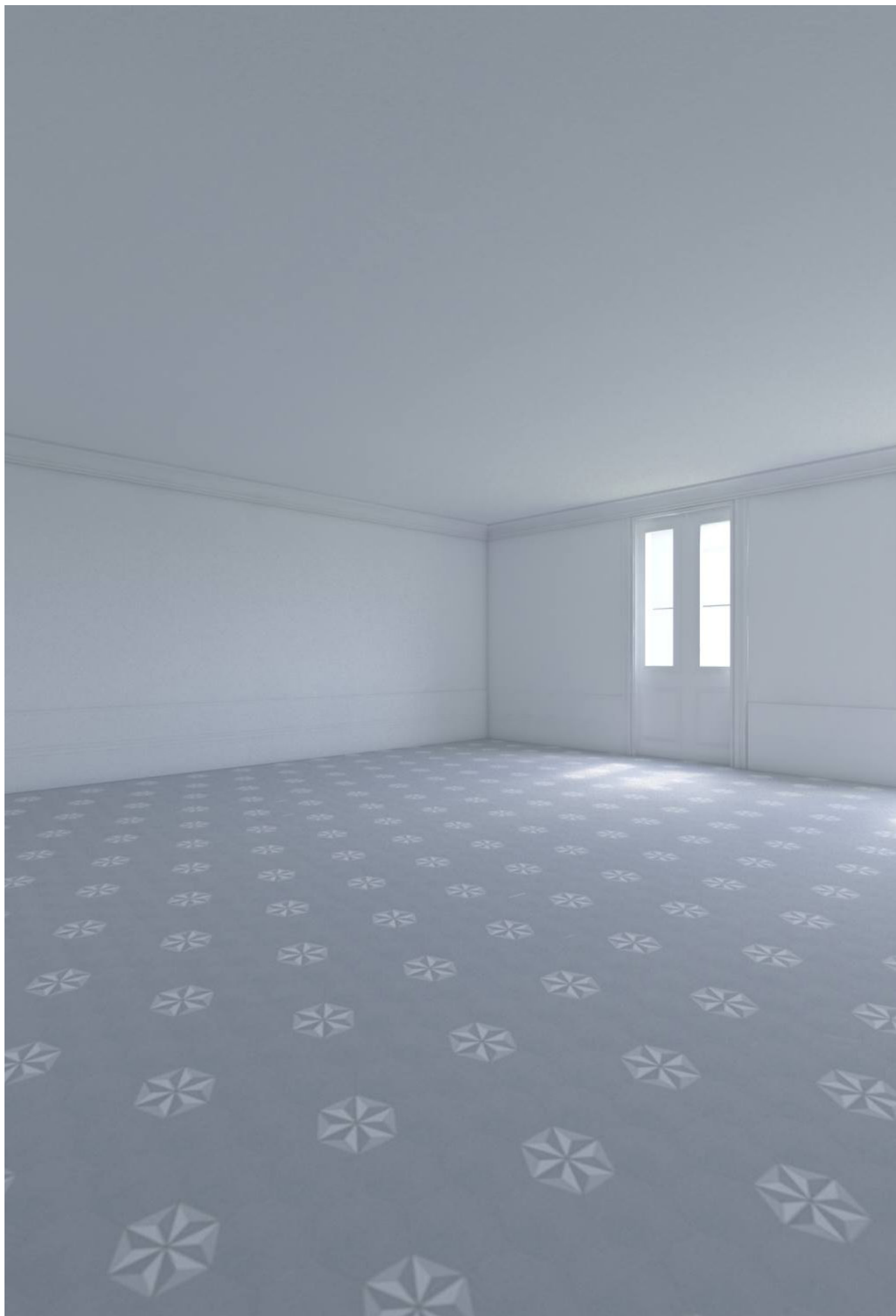


IMAGEM 121

Render do espaço expositivo - piso 0.



IMAGEM 122

Render da cozinha - piso 0.

Subindo um andar, pelas escadas centrais ou pelas da entrada da casa, chega-se ao primeiro piso. Aqui as divisões não estarão separadas com portas nem paredes intermédias. Pretendeu-se um espaço amplo, todo ele destinado ao espaço de loja. De um lado, temos a continuidade com a ideia da Loja Viva, do programa original do edifício, que tem como objetivo a troca e recolha de roupas e calçado usados, estabelecendo um espírito de comunidade. Do outro lado das escadas, encontra-se um outro espaço de loja, sendo que este é destinado à promoção e venda de peças criadas e desenhadas por novos artistas e designers. É por aqui que se faz a ligação ao corpo saliente que vai albergar um espaço de bar, espaço este que irá permitir aos seus utilizadores usufruírem de algo para comer e beber.



IMAGEM X123
Planta do piso 1.
Escala 1:150



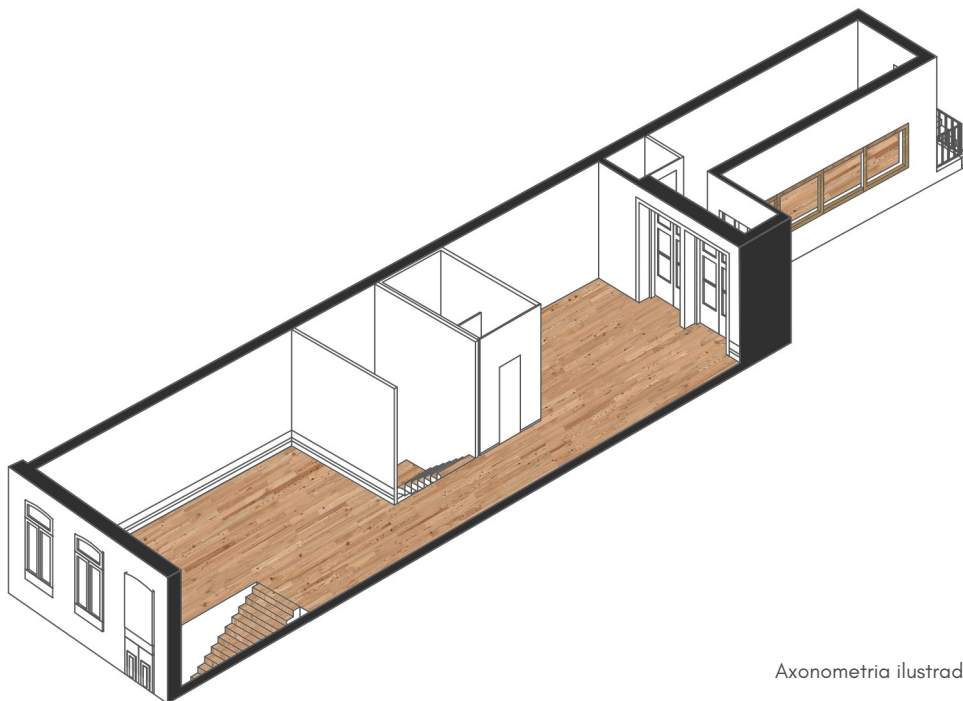


IMAGEM 124
 Axonometria ilustrada do piso 1 vazio.
 Escala 1:200



Bar





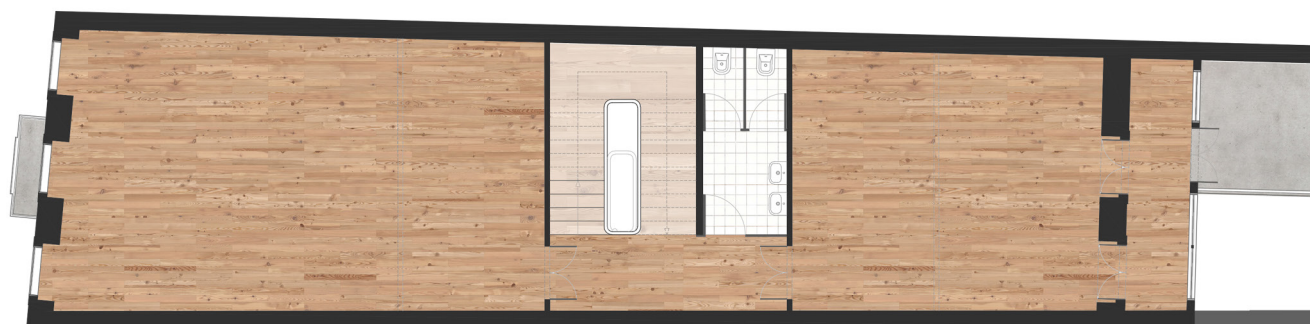
IMAGEM 126
Render da loja viva – piso 1.





IMAGEM 128
Render do bar – piso 1.

○ segundo piso, alcançado pelas escadas centrais da casa, é ocupado por um salão para espetáculos, onde se podem realizar concertos, peças de teatro e espetáculos de dança. O outro lado da casa é ocupado por um anfiteatro, onde se podem receber sessões de leitura, realizar palestras, organizar conversas, etc. É a partir deste compartimento que se pode ter acesso ao terraço.



Salão

Anfiteatro

IMAGEM 129
Planta do piso 2.
Escala 1:150



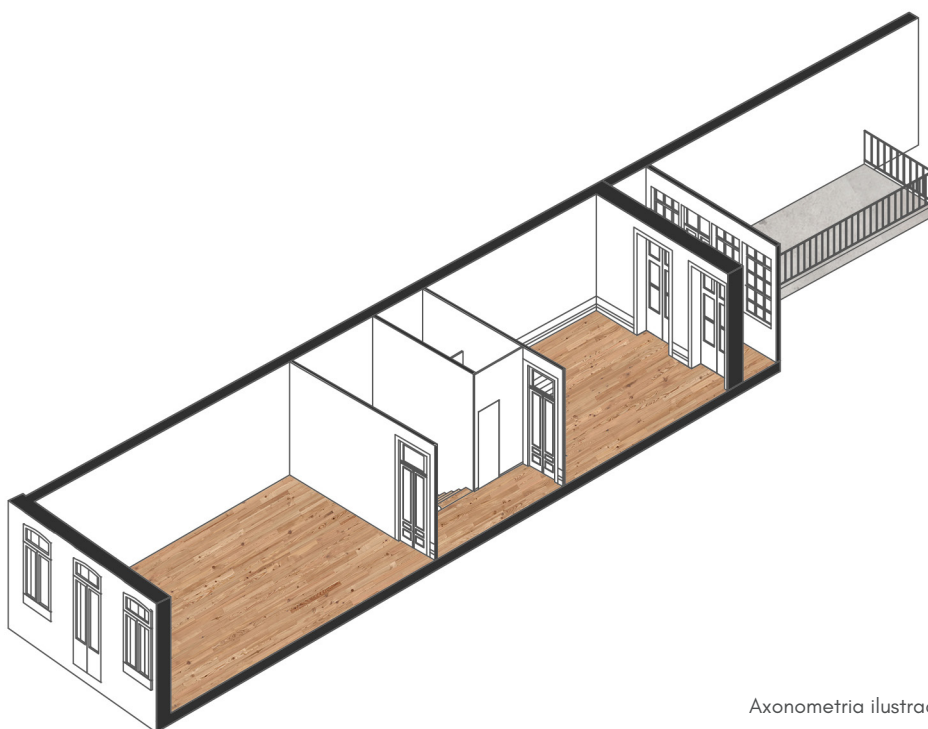


IMAGEM 130
 Axonometria ilustrada do piso 2 vazio.
 Escala 1:200







IMAGEM 132
Render do salão - piso 2.





IMAGEM 134

Render do anfiteatro – piso 2.

Chegando ao último piso do edifício, o mais reservado e privado de todos, encontramos o espaço de trabalho. De um lado temos o escritório, que possibilita o usufruto, quer a funcionários da casa viva, quer a utilizadores do espaço cultural, duma zona de trabalho. Do outro lado, virado para o pátio, temos uma biblioteca, que permite uma zona de estudo, de leitura e de recolha de informação.

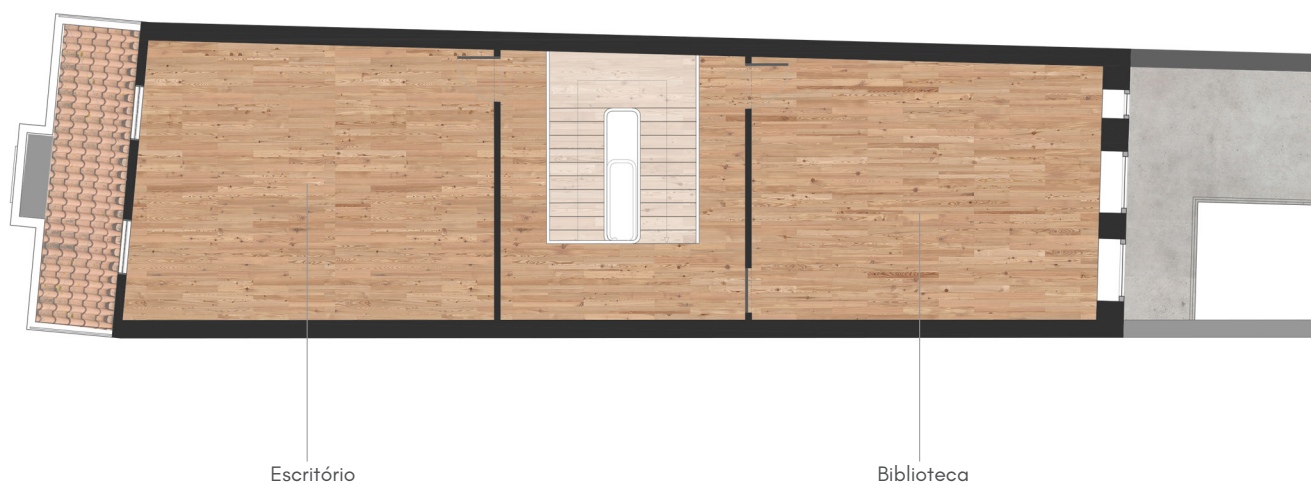


IMAGEM 135
Planta do piso 2.
Escala 1:150

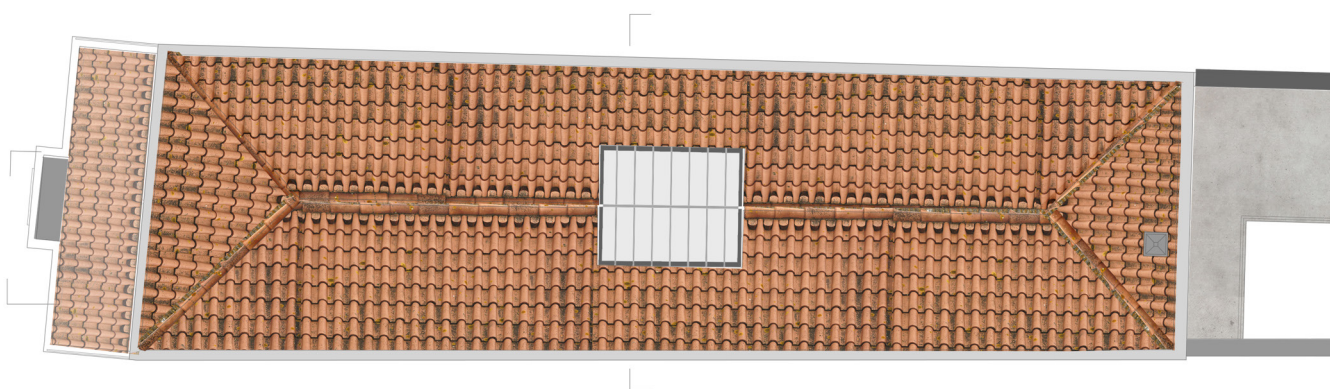


IMAGEM 136
Planta da cobertura.
Escala 1:150



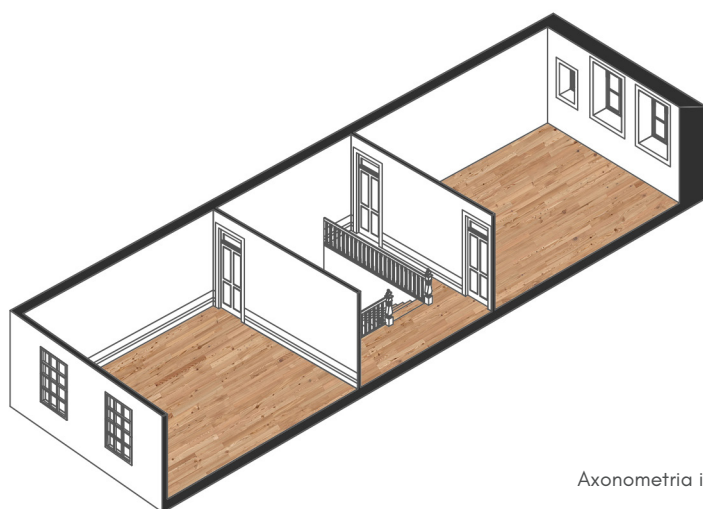


IMAGEM 137
 Axonometria ilustrada do piso 3 vazio.
 Escala 1:200

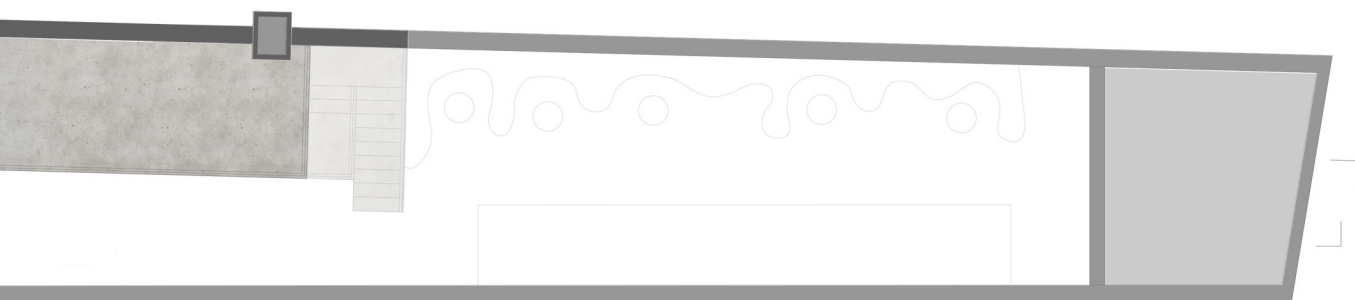






IMAGEM 139

Render da biblioteca – piso 3.

A partir dos espaços criados com a intervenção no edifício e a distribuição da organização interna, foi necessário desenvolver os dispositivos de mobiliário e equipamentos necessários para a obtenção da funcionalidade pensada para cada um deles.

Pretendeu-se utilizar a madeira, mais concretamente o contraplacado de bétula, como o elemento principal no desenvolvimento e criação dos dispositivos, uma vez que a madeira é a base da construção nas casas burguesas. Reforça-se assim o valor que as características destes modelos podem transmitir num ambiente mais corrente. Embora este seja o material principal na conceção dos dispositivos, não será o único.

Foi concebido um conceito para o edifício completo, o de um objeto-único no espaço, que vai povoar cada um dos compartimentos e que tem como objetivo satisfazer as necessidades dos usos e funções das diferentes zonas existentes, tanto ao nível do design, esteticamente agradáveis e funcionais, como ao nível da capacidade de dinamizar e promover a interação entre as pessoas, proporcionando uma melhor utilização e rentabilidade dos espaços.

É o dispositivo que vai qualificar os compartimentos, que vai definir e criar os espaços de entrada, de passagem e de estar. É este objeto-único que, de certa forma, influencia o movimento e orienta quem percorre os espaços e o edifício.

Cada um desses dispositivos foi criado para se localizar num espaço definido, uma vez que tira proveito das características, dimensões, ângulos e acessos dos mesmos; não pode ser transferido para um outro local, uma vez que não terá a envolvê-lo um espaço com as mesmas características daquele para o qual foi pensado.

Dentro do conceito geral do edifício, foi também desenvolvido um conceito que varia por piso, partilhando o mesmo material, cor, forma ou sistema construtivo. Embora o corpo adjacente comungue do mesmo conceito geral não partilha do conceito por piso, uma vez que a distribuição aqui definida para a zona de cozinha e de bar, e a dimensão estreita do próprio espaço, não o permitem.

Ao longo do desenvolvimento do projeto foi necessário recolher referências projetuais que suportassem e justificassem as opções tomadas. Assim, foi fundamental a pesquisa de vários tipos de referências, formalmente idênticas ou apenas com finalidades similares às do presente estudo.

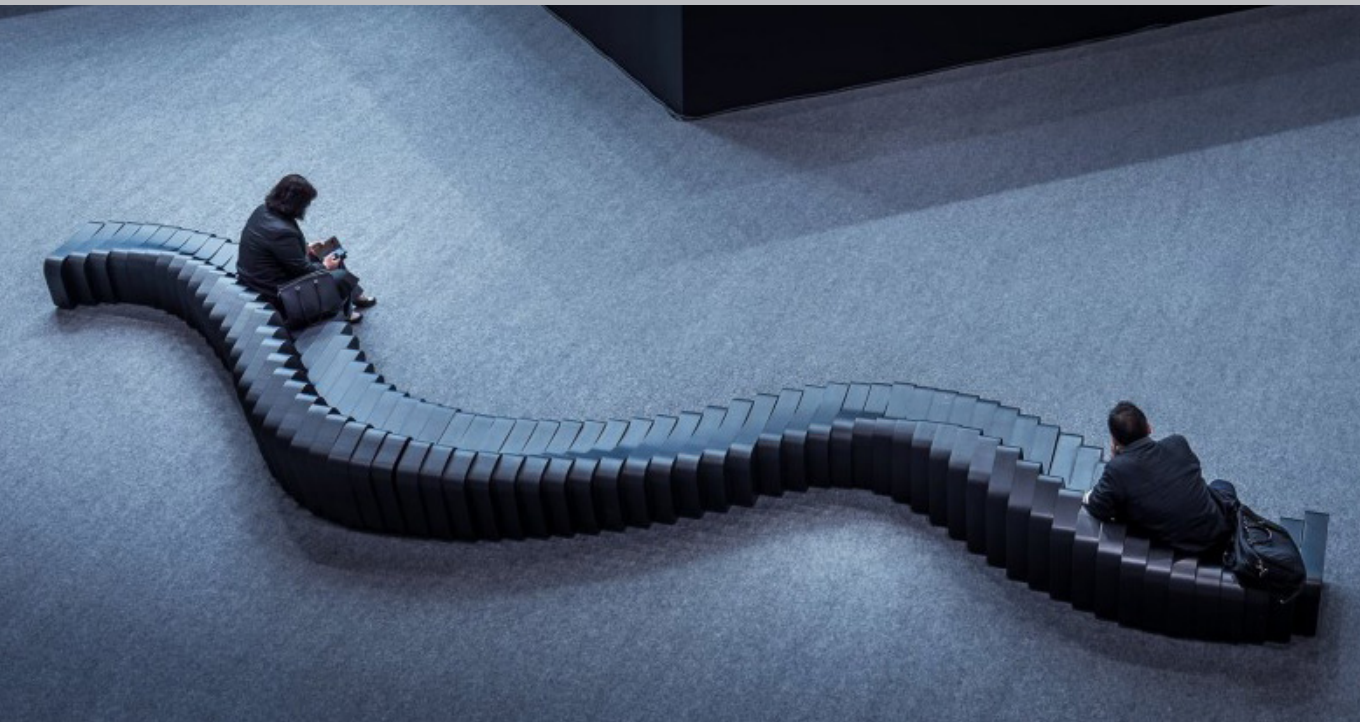


IMAGEM 140
Projeto Tokyo Bigsight - Sixinch.



IMAGEM 141
Projeto Benchwall - Molo.



IMAGEM 142
Projeto Centre Pompidou - Sixinch.



IMAGEM 143
Projeto Casa da Escrita - João Mendes Ribeiro.



7.2.1 PISO 0

É no piso 0 que as áreas mais públicas foram distribuídas. Como tal, pretendeu-se desenhar uma linha de mobiliário orgânico, com uma aparência leve, divertida, confortável e flexível, para o interior e o exterior do edifício, estabelecendo uma relação entre estes espaços a partir do mobiliário. Aqui foi adotado um material diferente da madeira, a espuma. Este material tem como vantagem ser facilmente esculpido e, portanto, ser mais flexível na criação de formas orgânicas. É um material impermeável, podendo adaptar-se aos ambientes exteriores, que pode ser pintado com qualquer cor e no qual se tem facilidade em remover a sujidade.

Para a conceção destas peças é utilizada uma técnica inovadora, chamada de foam cutting, que utiliza uma máquina a laser para esculpir, num cubo de espuma, qualquer forma desejada. A flexibilidade em esculpir as formas mais estranhas, de que se pode dispor quando se utiliza este material, é muito grande, estando os resultados apenas limitados nos volumes maiores ao tamanho dos cubos. Assim, quando se pretenderem produzir peças de maior dimensão, estas terão de ser obtidas previamente a partir de vários elementos que, posteriormente serão (re)compostos para darem origem ao objeto final.

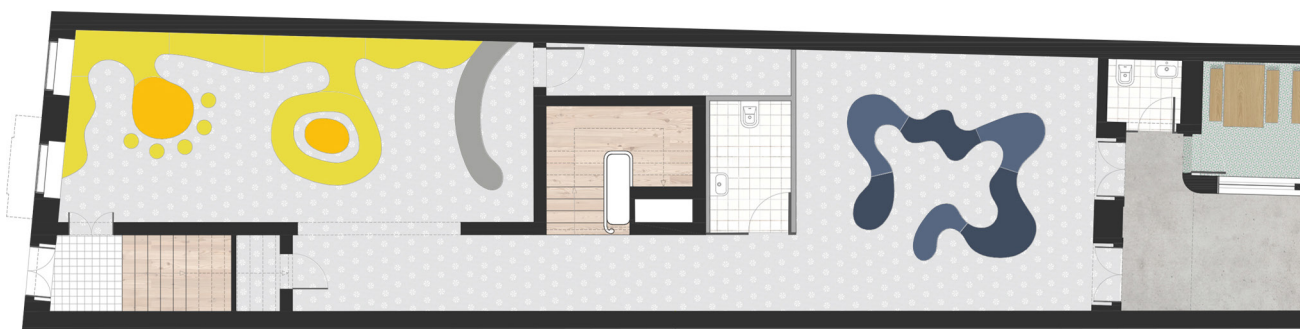
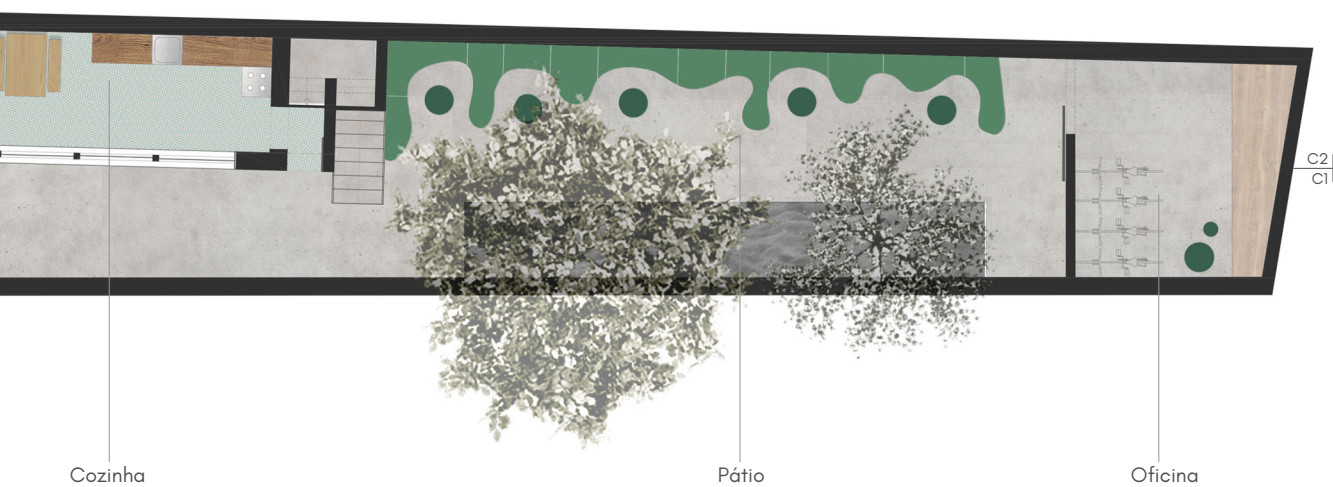




IMAGEM 144
Corte ilustrado C2.
Escala 1:300



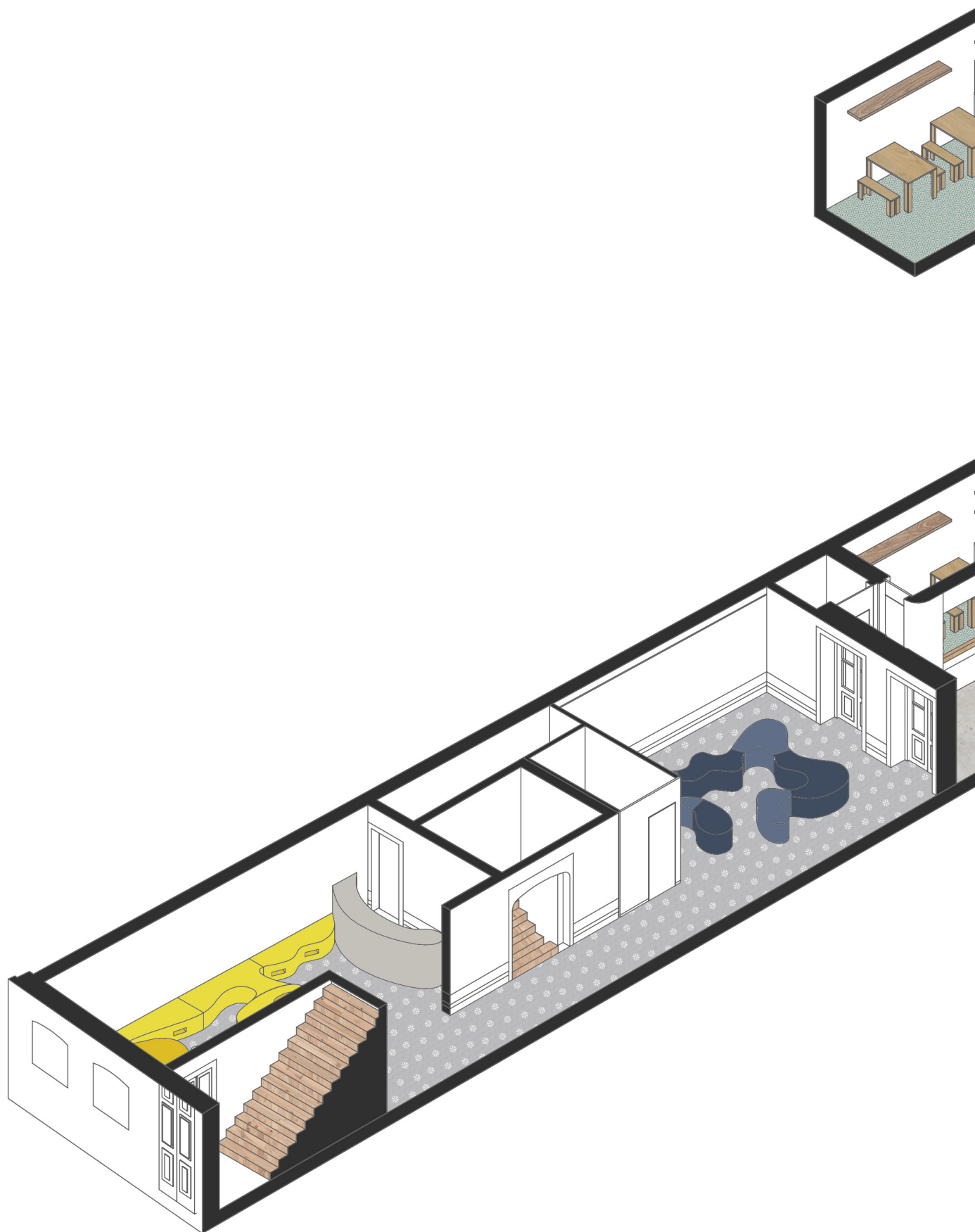
Cozinha

Pátio

Oficina



IMAGEM 145
Planta ilustrada do piso 0.
Escala 1:150



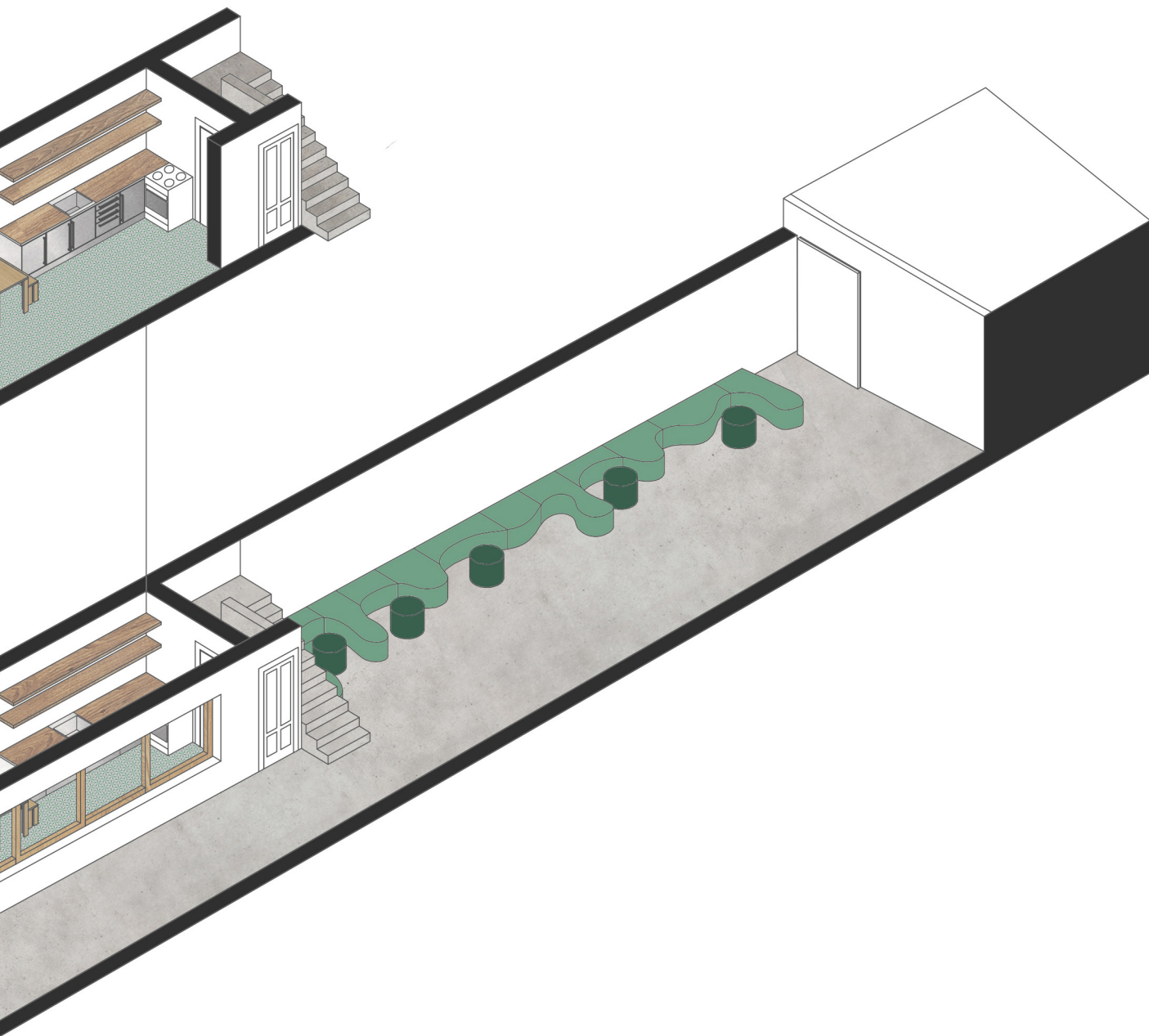


IMAGEM 146
 Axonometria ilustrada piso 0.
 Escala 1:100



SALA COMUM

Na sala comum foi criado um sofá contínuo, que percorre o perímetro de três das paredes com os seus elementos, e que liberta um corredor de passagem para o resto da casa. Escolheram-se os tons amarelo, lima e torrado, para o sofá e mesas, e cinza, para o balcão. Esta era uma divisão escura e, portanto, o uso dos tons de amarelo nos elementos faz com que esta sala adquira um ambiente mais vivo, alegre e luminoso. O tom de cinza é um tom mais neutro, sobretudo em cima do padrão de pavimento hidráulico escolhido. Estas cores vão causar um impacto positivo nas sensações dos utilizadores do espaço.

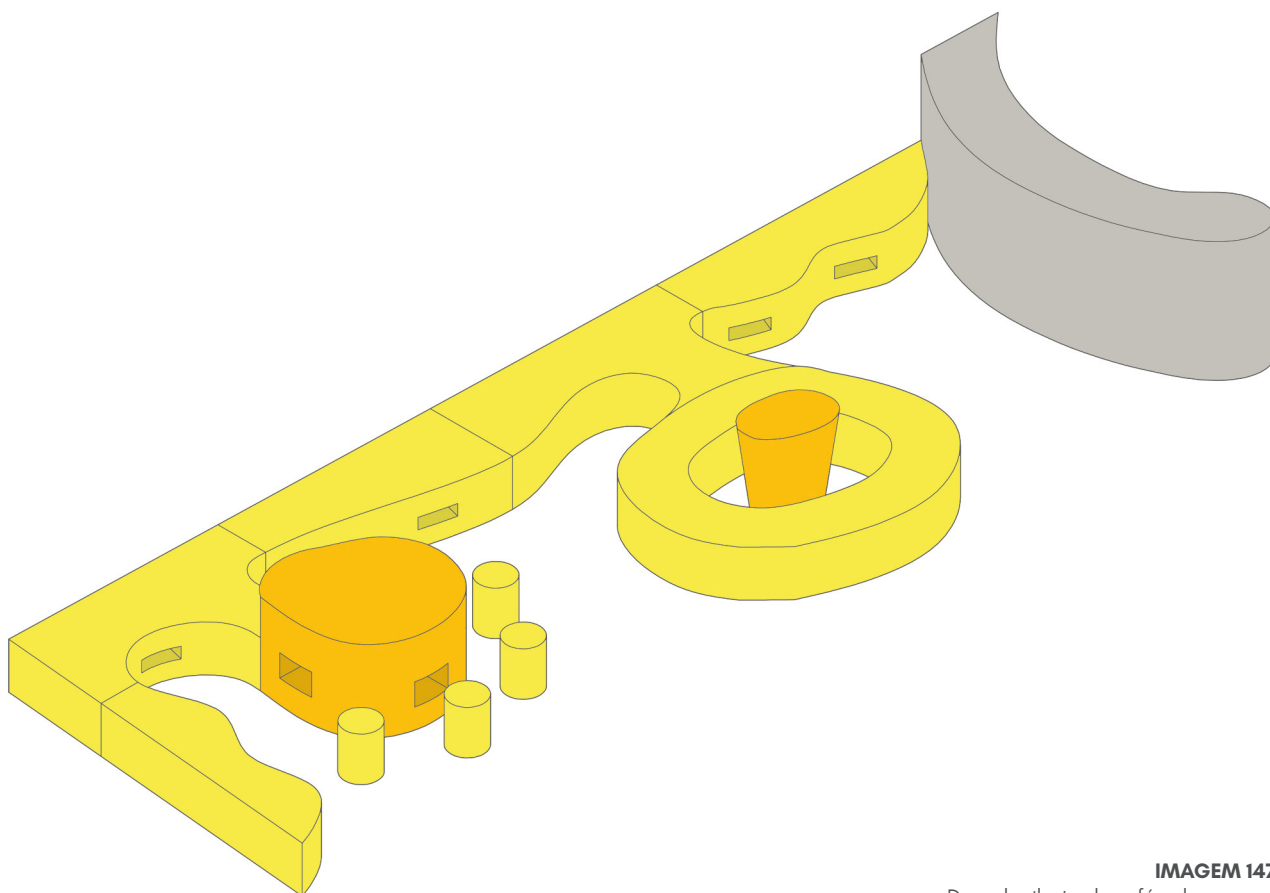
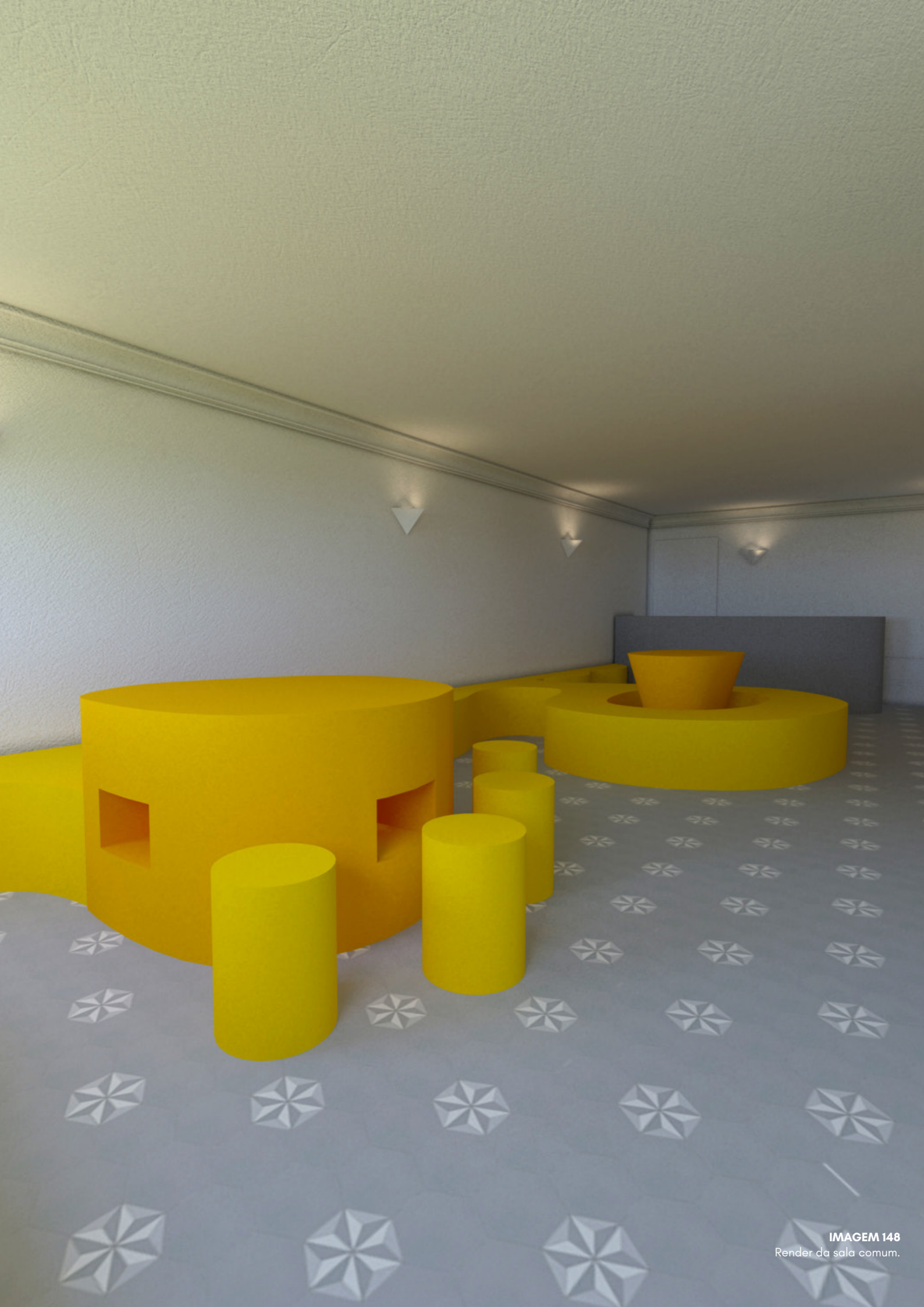


IMAGEM 147

Desenho ilustrado sofá sala comum.
Escala 1:50



Os elementos dividem-se em várias peças de sofá e bancos, da mesma altura (42 cm) e outras mais altas (75 cm), que servem de mesa, permitindo a realização de jogos, a leitura, etc. Um elemento mais alto que os anteriores, numa das extremidades da peça, vai constituir o balcão de atendimento ao público (1,12 m).

Foram feitas várias aberturas nos sofás, nas mesas e no balcão, de forma a possibilitar o armazenamento, na própria peça, de itens como os jogos de tabuleiro, cartas, jornais, revistas e documentos que sejam úteis, não necessitando assim de mais nenhum objeto de mobiliário auxiliar para satisfazer as necessidades deste espaço.

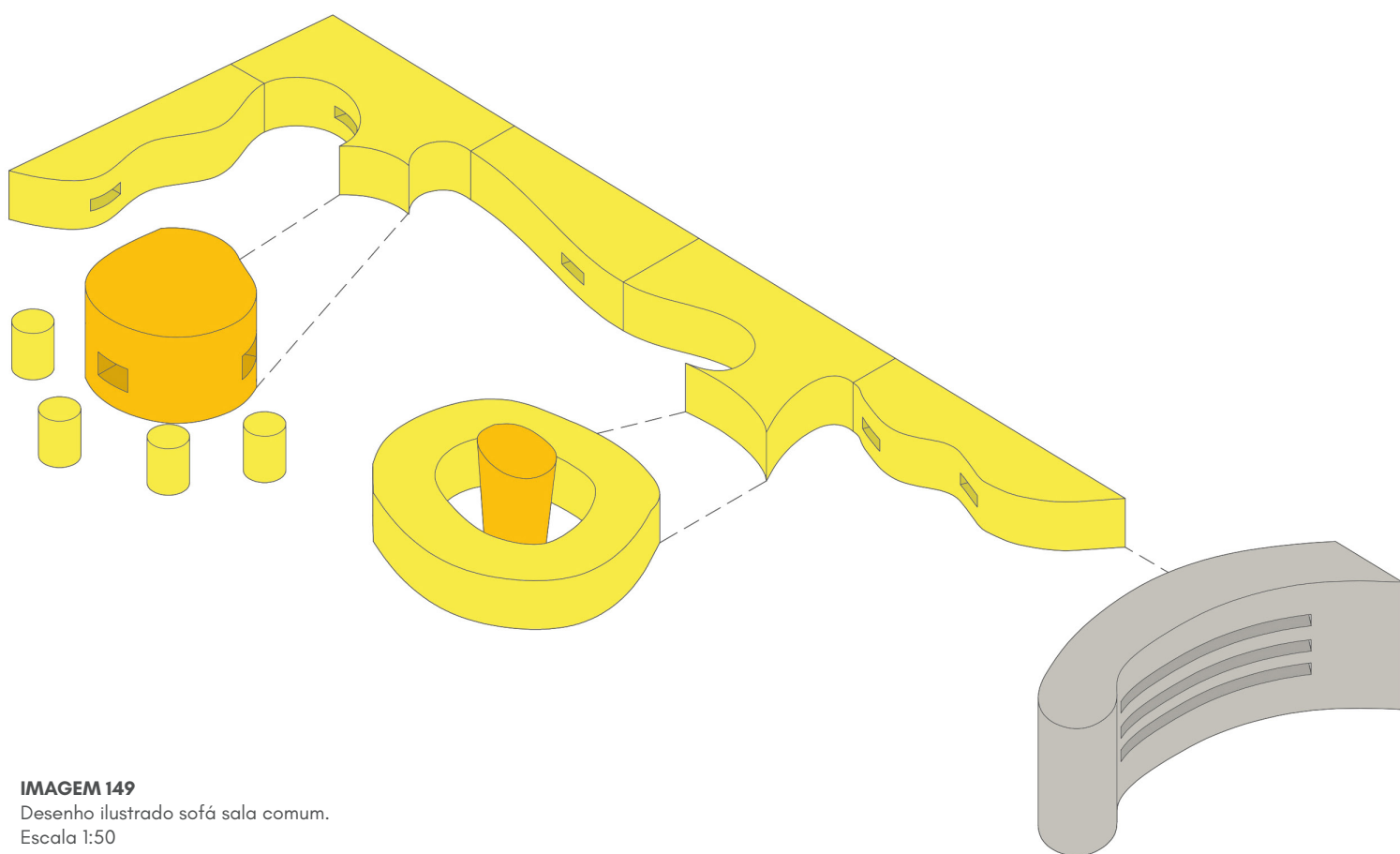


IMAGEM 149

Desenho ilustrado sofá sala comum.
Escala 1:50





IMAGEM 151
Render da sala comum.



IMAGEM 152
Render da entrada
para a sala comum

ESPAÇO EXPOSITIVO

Este é um espaço que tem início no corredor e se prolonga até à sala. Aqui propõe-se, a percorrer o perímetro quase total do espaço, um sistema expositivo simples, através de calhas, que irão permitir pendurar as várias obras de arte expostas.

Para a sala de exposições, foi desenhado um sofá nesta linha orgânica. Aqui, o uso da cor já se pretendeu mais neutro, uma vez que este é um espaço que vai receber variadas obras de arte e, portanto, não se pretende destacar pela sua cor no meio do espaço de arte. As cores usadas foram dois tons de azul acinzentado, que estabelecem uma ligação com o cinza do pavimento do mosaico hidráulico. Este sofá está numa localização central na divisão, permitindo ao utilizador movimentar-se à volta da peça para ver e apreciar a exposição ou, simplesmente, parar, e sentar-se um pouco mais afastado. A forma do sofá, com 42 cm de altura e larguras variáveis, cria um espaço de dentro e fora da própria peça, possibilitando um maior número de lugares.

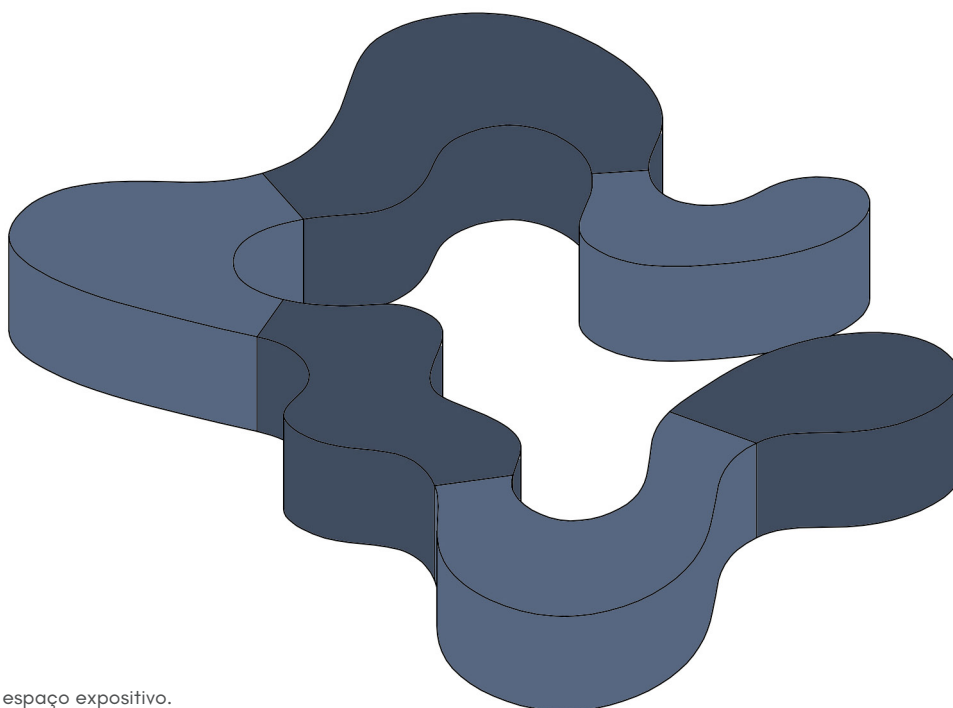


IMAGEM 153

Desenho ilustrado sofá espaço expositivo.
Escala 1:40



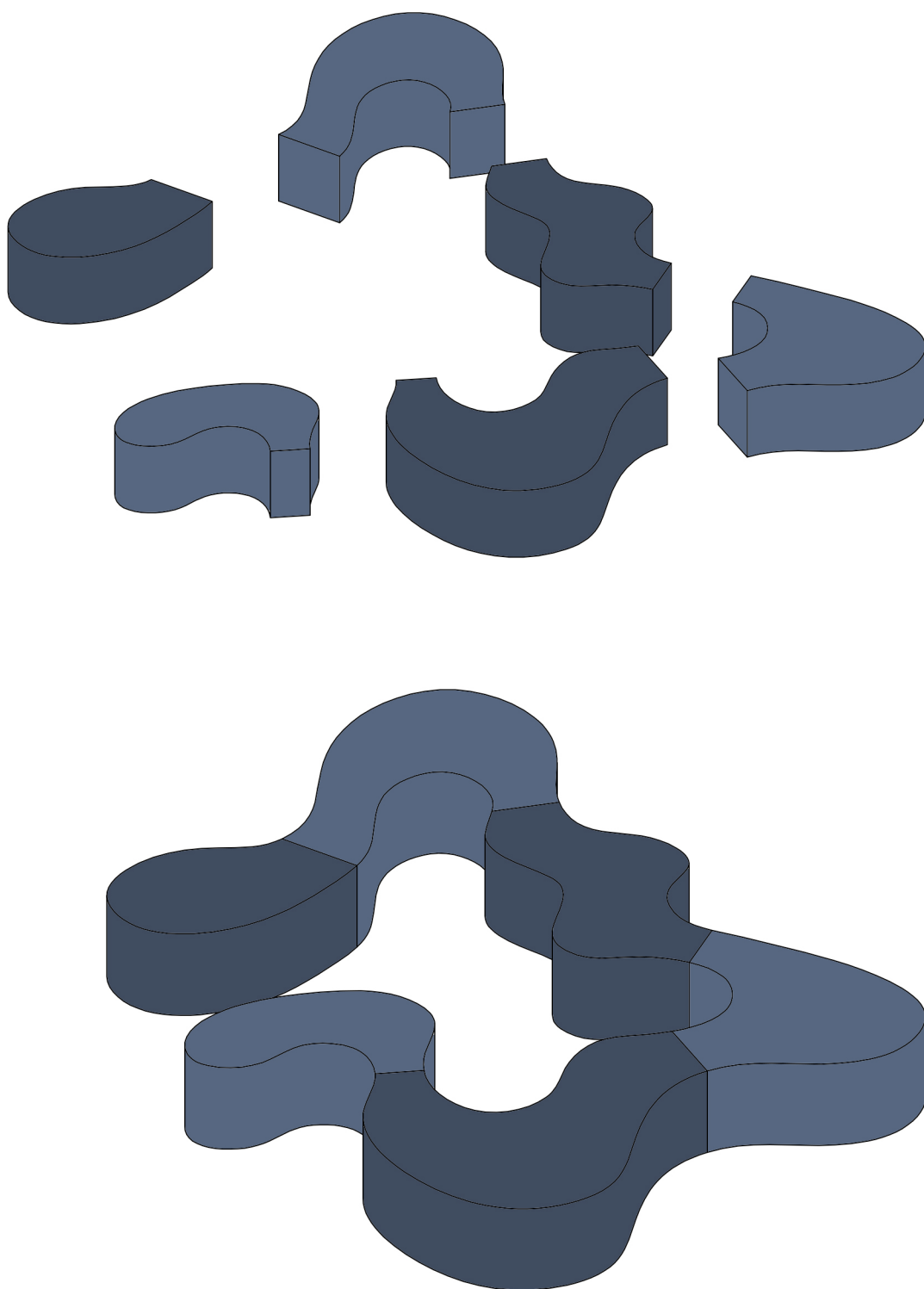


IMAGEM 155

Desenho ilustrado sofá espaço expositivo.
Escala 1:50



IMAGEM 156
Render do espaço expositivo.



IMAGEM 157
Render do espaço expositivo.

EXTERIOR

No espaço exterior, no seguimento das peças desenhadas no interior, desenvolveu-se um sofá contínuo, que cria várias zonas. Assim, diferentes pessoas poderem usufruir do espaço (e do sofá), ao mesmo tempo que se cria uma separação entre as várias áreas, cada uma com a sua mesa e espaço respetivo, onde o utilizador pode estar a apreciar o ar fresco e alguns espaços verdes que lhe façam lembrar a Natureza. Este elemento foi pintado num tom de verde, de forma a estar englobado no ambiente natural do exterior. O sofá com 42 cm de altura, num tom de verde mais claro que as mesas, estas de forma cilíndrica, com 50 cm de altura e 60 cm de diâmetro, num tom mais escuro.

Daquí pode-se aceder à oficina, onde, como foi já anteriormente referido, se poderão alugar bicicletas, bem como proceder a pequenas reparações.

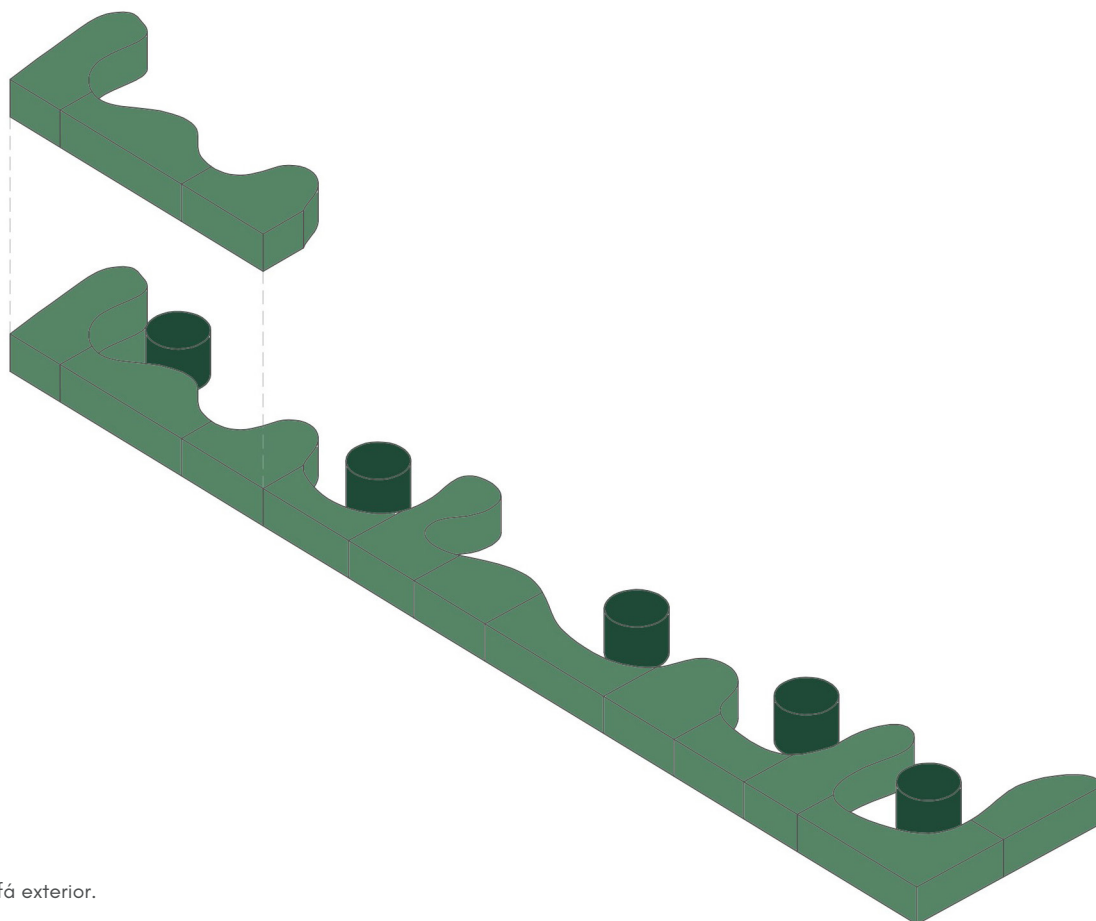


IMAGEM 158

Desenho ilustrado sofá exterior.
Escala 1:70



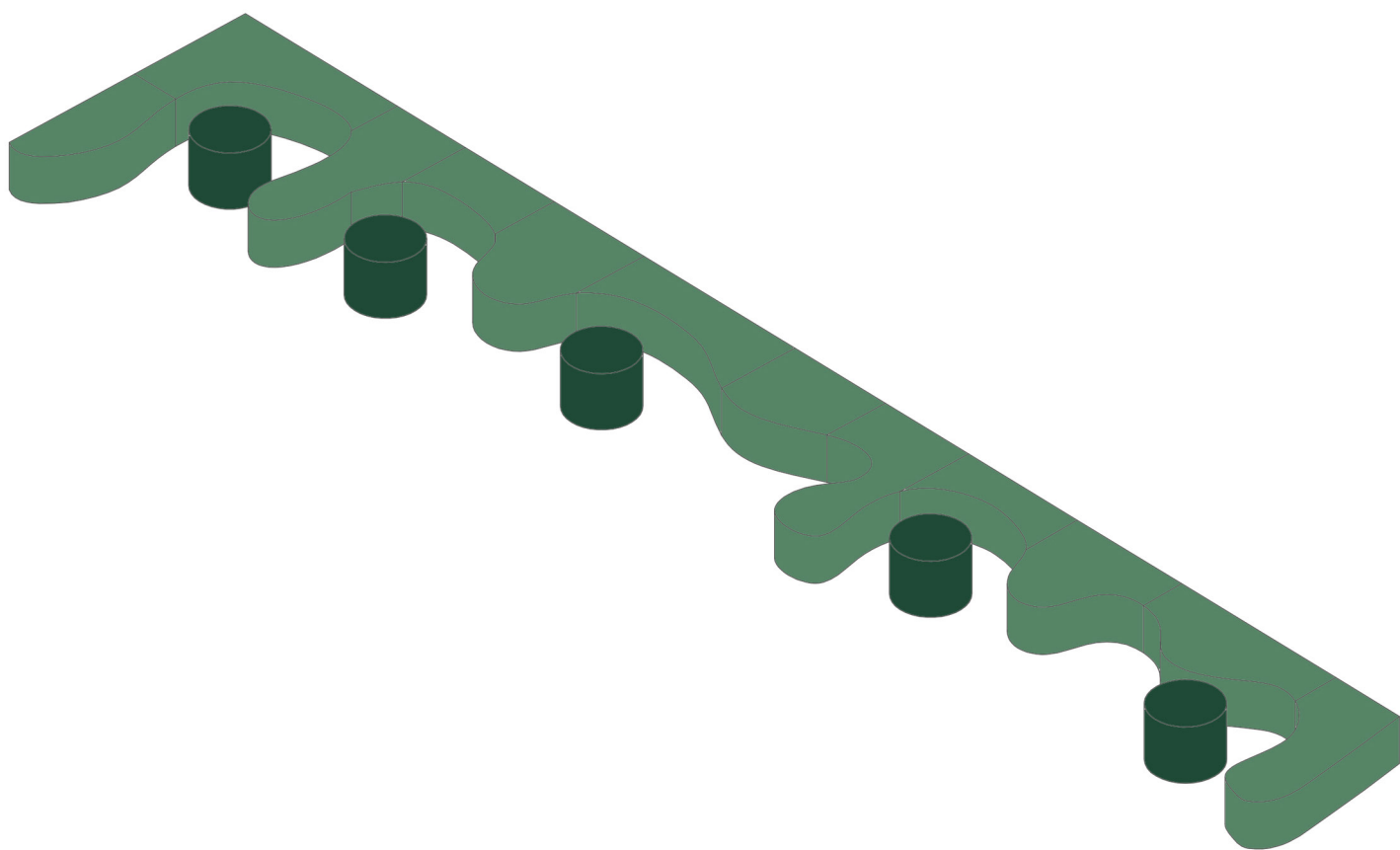


IMAGEM 160

Desenho ilustrado sofá exterior.
Escala 1:50



A zona de cozinha é um espaço difícil de organizar. Há restrições por parte da localização do mobiliário fixo, como os fogões, frigoríficos e lava loiças, e também do espaço em si, que é muito estreito. Esta cozinha pretende, para além de outras funções, receber refeições comunitárias, pelo que foi pensado um espaço aberto e amplo, localizando o balcão e as infraestruturas fixas num canto da cozinha, libertando o resto do espaço para a movimentação e para as grandes refeições. O balcão e as prateleiras são em madeira e os móveis em aço inox.

As mesas e bancos desenhados têm de permitir grandes refeições, pelo que foram criadas duas mesas, com dois bancos cada, em contraplacado, que se podem juntar nessas ocasiões, tornando as duas mesas numa só, indicada para refeições conjuntas. As pernas das mesas e bancos são em placas finas de contraplacado de 10x3 e 5x3 cm, respetivamente, e os seus tampo têm 3 cm de espessura.

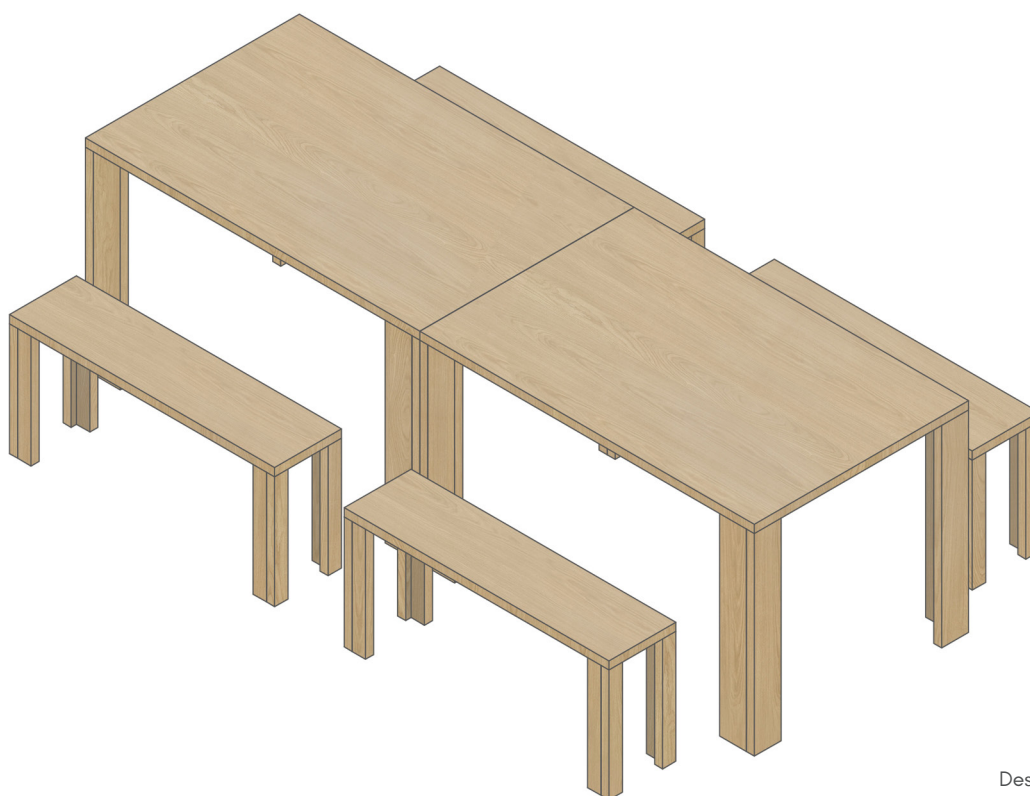


IMAGEM 162
Desenho ilustrado mesas
e bancos da cozinha.
Escala 1:20



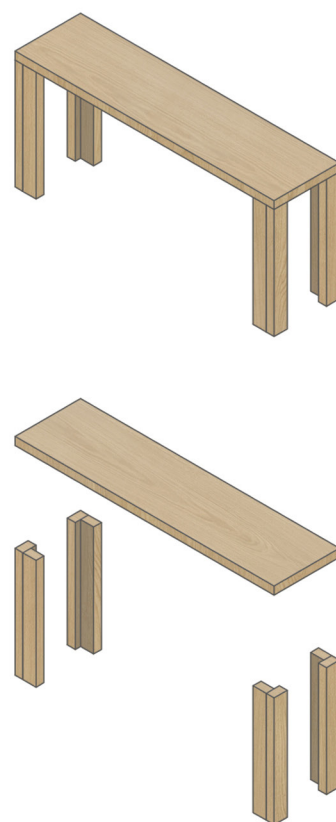
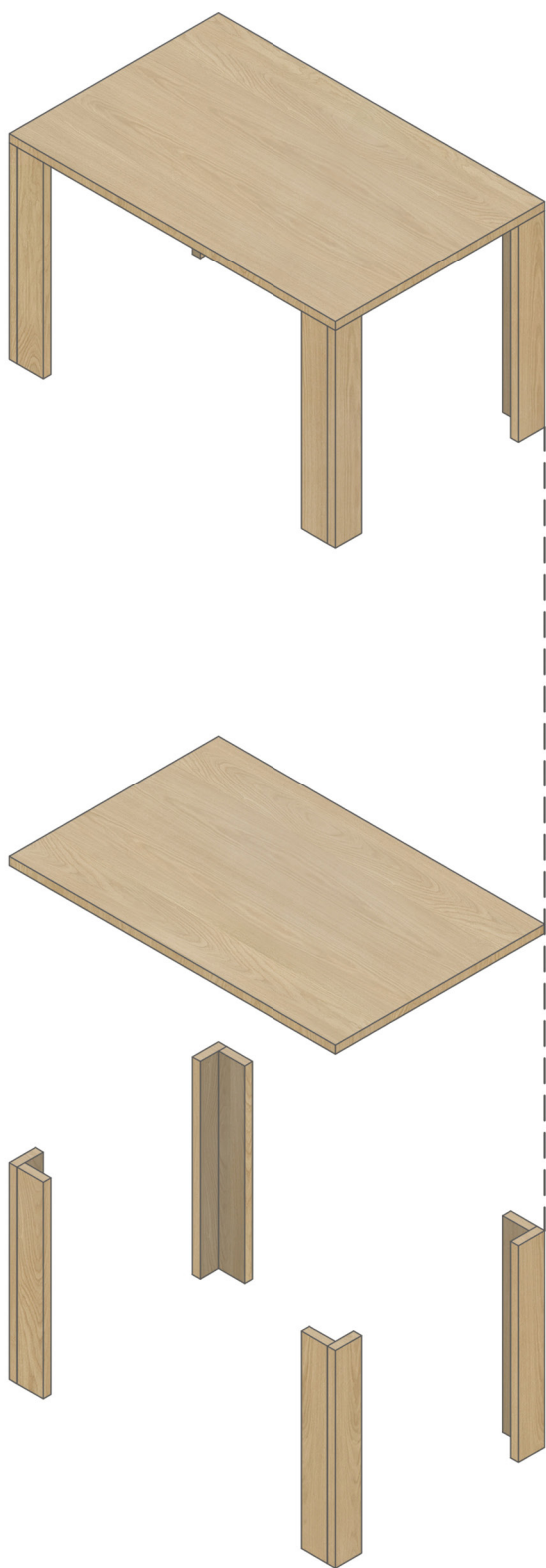
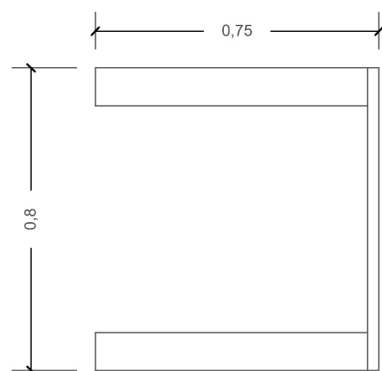


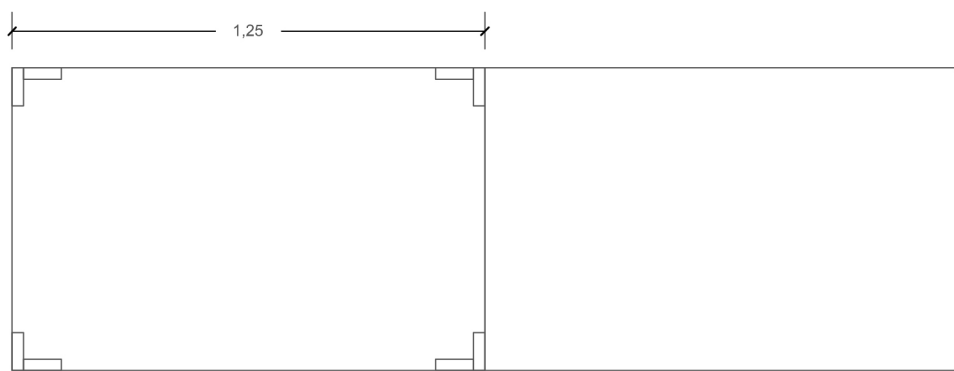
IMAGEM 164

Desenho ilustrado pormenor construtivo
das mesas e bancos da cozinha.
Escala 1:20



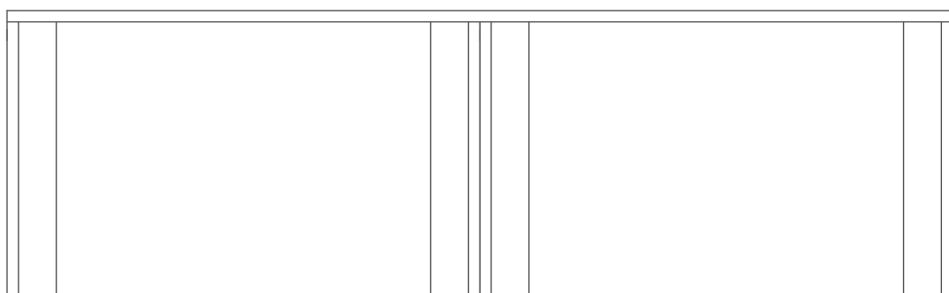


lateral

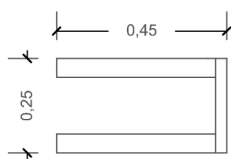


corte

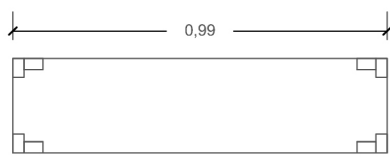
planta



frente



lateral



corte



planta



frente

IMAGEM 166

Desenhos técnicos das
mesas e bancos da cozinha.
Escala 1:20



IMAGEM 167
Projeto Zalando Pop Up Store- Sigurd Larsen.



IMAGEM 168
Projeto Salone del Mobile Pop Up Store - COS.



PISO 1



IMAGEM 169
Projeto Decerto – MFRMGR.



IMAGEM 170
Projeto OMA's office Rotterdam building – Studio Makkink & Bey.

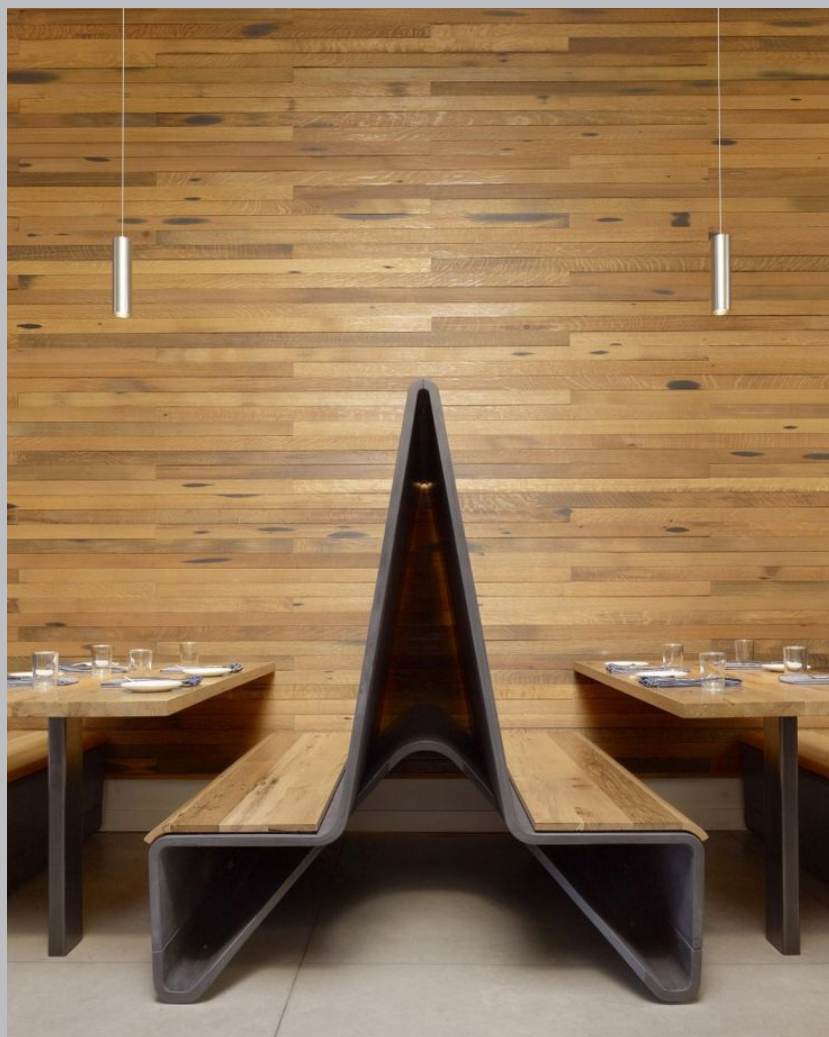


IMAGEM 171
Projeto Bar Agricole – Aidlin Darling.

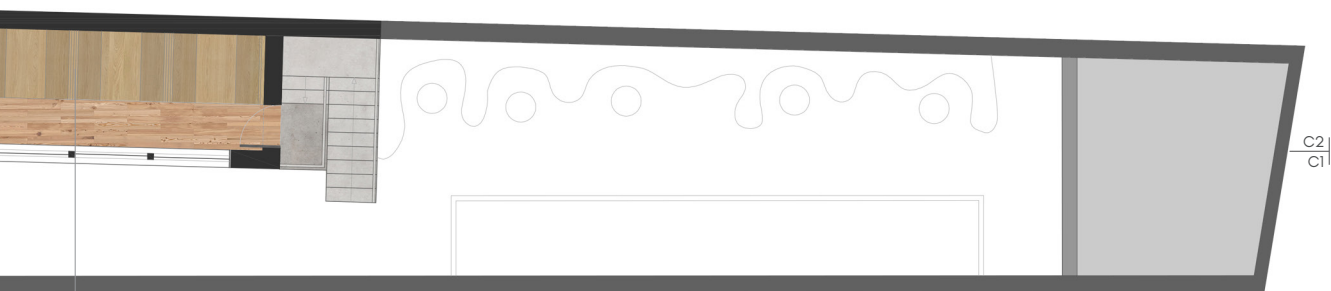
7.2.2 PISO 1

○ piso 1 pretende ser, no seu todo, um espaço de loja. Embora não seja um andar amplo e aberto, os compartimentos, esses, são-no. As peças de mobiliário partilham da mesma linha, do uso do mesmo material, o contraplacado, e da localização central no compartimento, de forma a unificar a função do espaço. A localização do elemento faz com que seja ele próprio que influencia os movimentos e o percurso do utilizador no espaço. Cria ainda os espaços de passagem, como os corredores, e espaços mais amplos, os de estar.





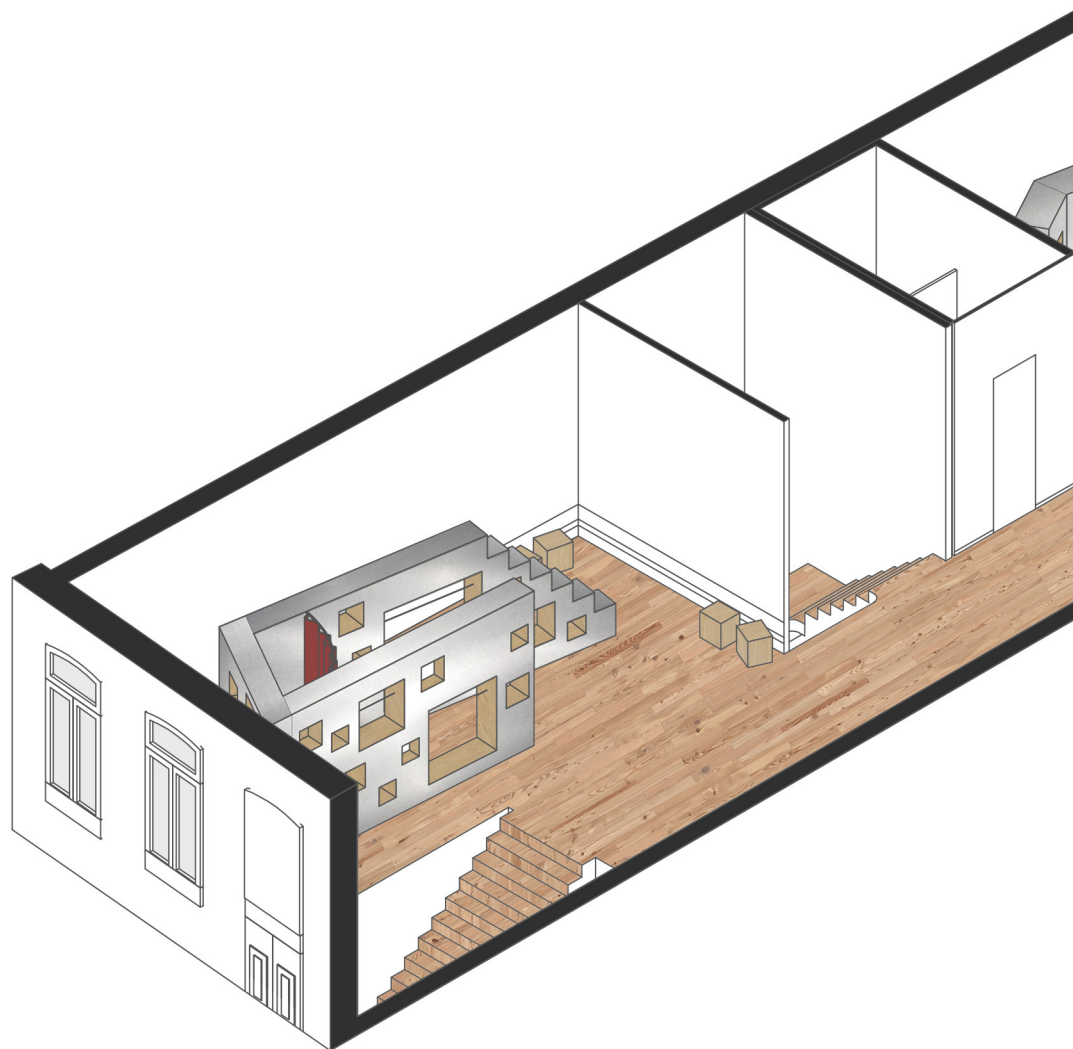
IMAGEM 172
Corte ilustrado C2 - piso 1.
Escala 1:300



Bar



IMAGEM 173
Planta ilustrada do piso 1.
Escala 1:150



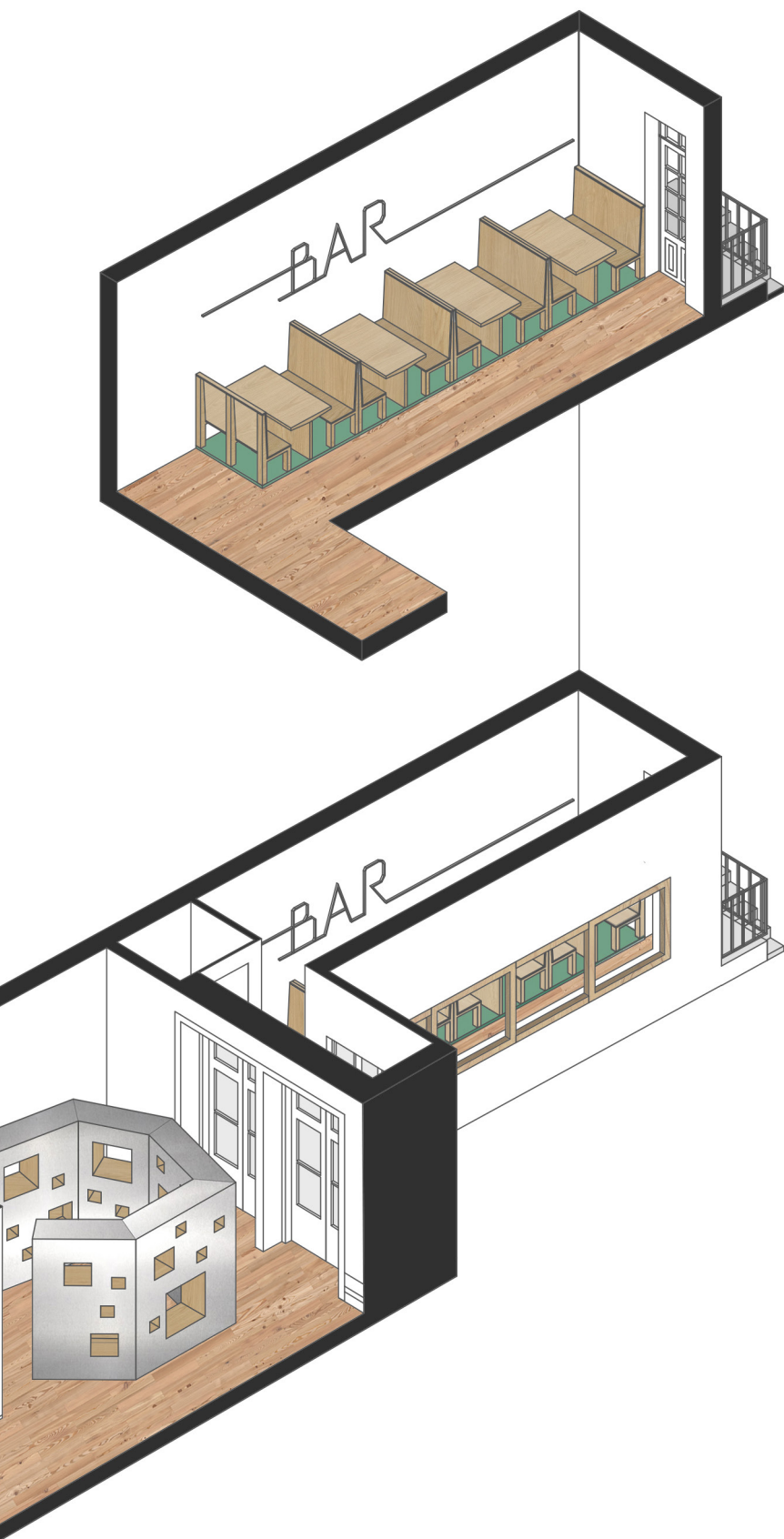


IMAGEM 174
 Axonometria ilustrada piso 1.
 Escala 1:100



○ elemento desenhado nesta divisão do edifício, pretendeu utilizar as características do espaço para o seu desenho, como o facto de estar num piso com pé direito elevado, da respetiva largura ser estreita e a profundidade elevada, e ainda das paredes não serem retas. Surgiu então uma peça em forma de U, com dimensões e ângulos irregulares, voltada para a entrada do espaço.

○ desenho desta peça é composto por três elementos altos, de 2,5 m de altura, cada um perfurado com aberturas de vários tamanhos, em que alguns desses elementos podem atravessar a largura total do elemento, enquanto outros estão apenas acessíveis de um lado da peça. Estas aberturas servem de expositores da loja, como peças de vestuário e de calçado. Esta forma cria um espaço interior dentro do próprio espaço de Loja Viva, e é ocupada por um provador.

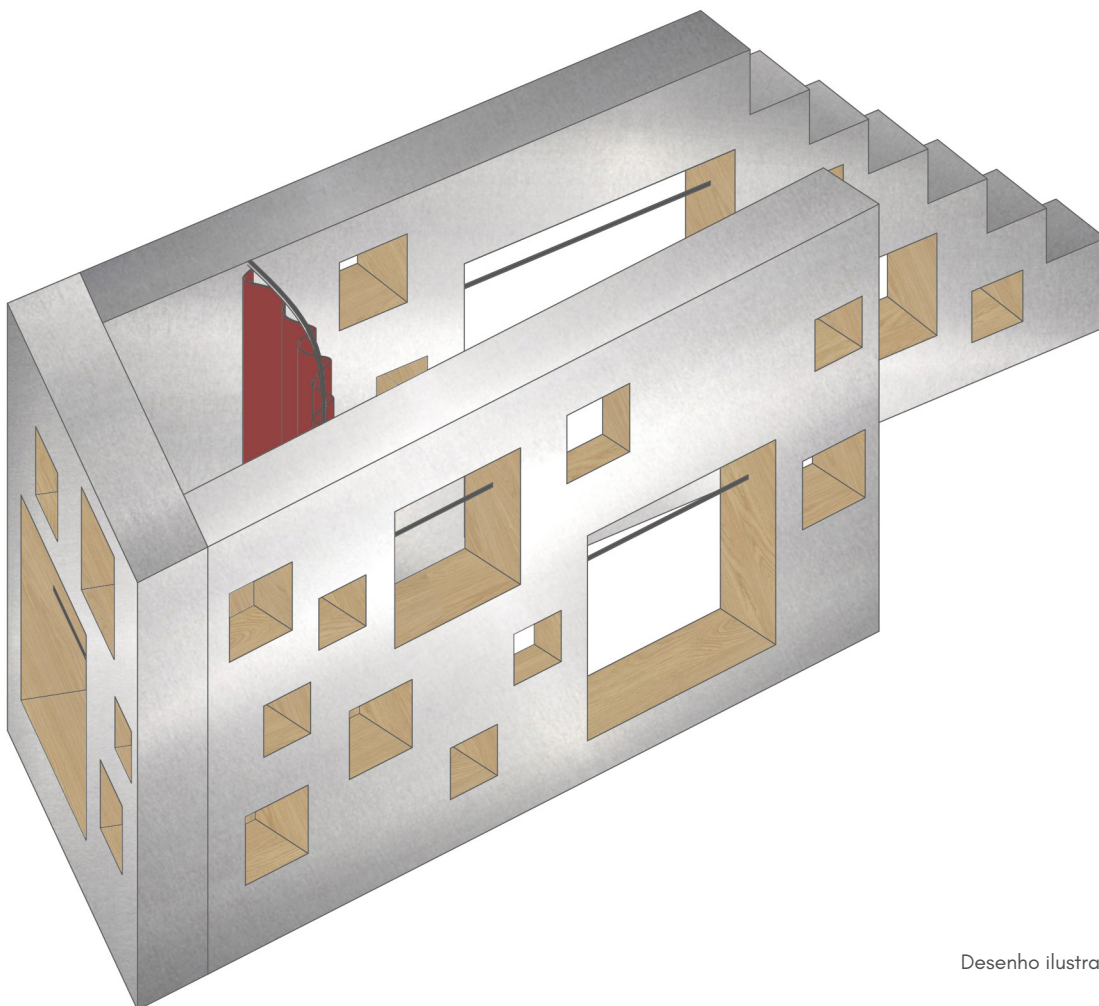


IMAGEM 175

Desenho ilustrado móvel loja viva.
Escala 1:40



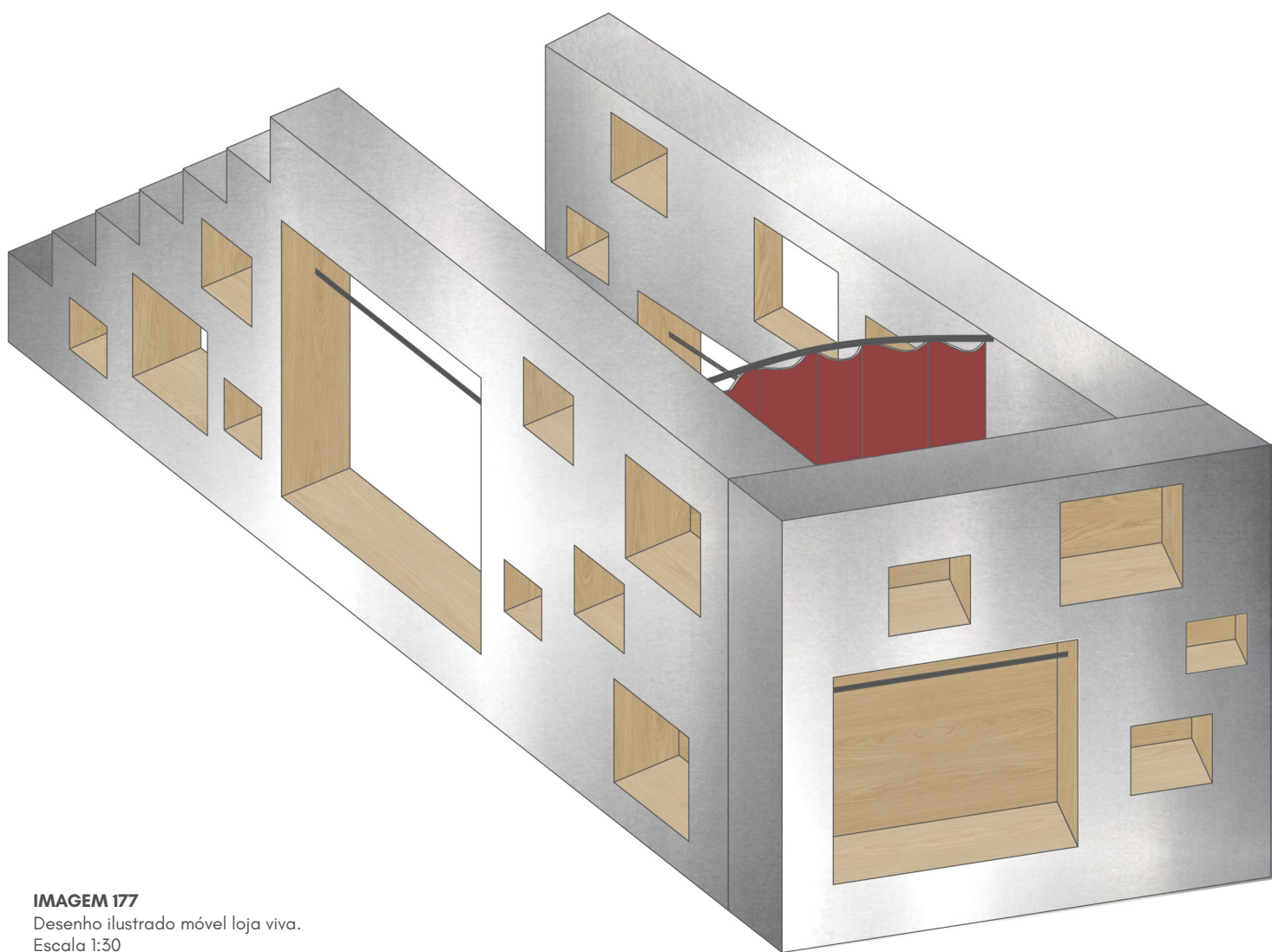


IMAGEM 177

Desenho ilustrado móvel loja viva.
Escala 1:30



○ sistema construtivo destes elementos é baseado em estrutura e caixas em contraplacado (de 3 cm de espessura), que vão definir as aberturas na peça, sendo ela revestida a espelho, o que uniformiza a peça. Uma vez que é um espaço de largura estreita, este material cria uma ilusão de que o espaço se prolonga para além das paredes, ao mesmo tempo que faz um jogo de luzes refletidas, conferindo-lhe maior luminosidade.

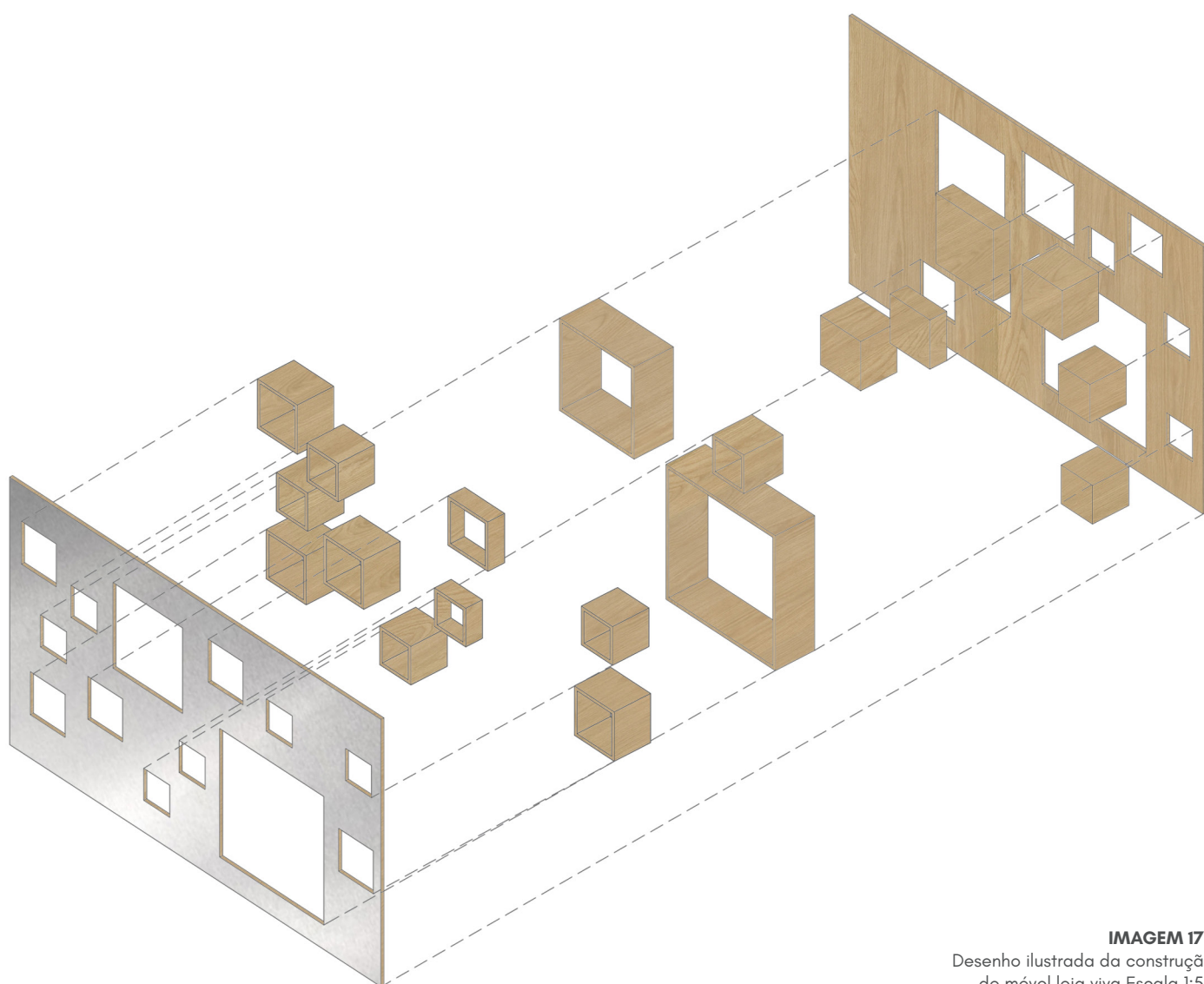


IMAGEM 179

Desenho ilustrada da construção
do móvel loja viva. Escala 1:50

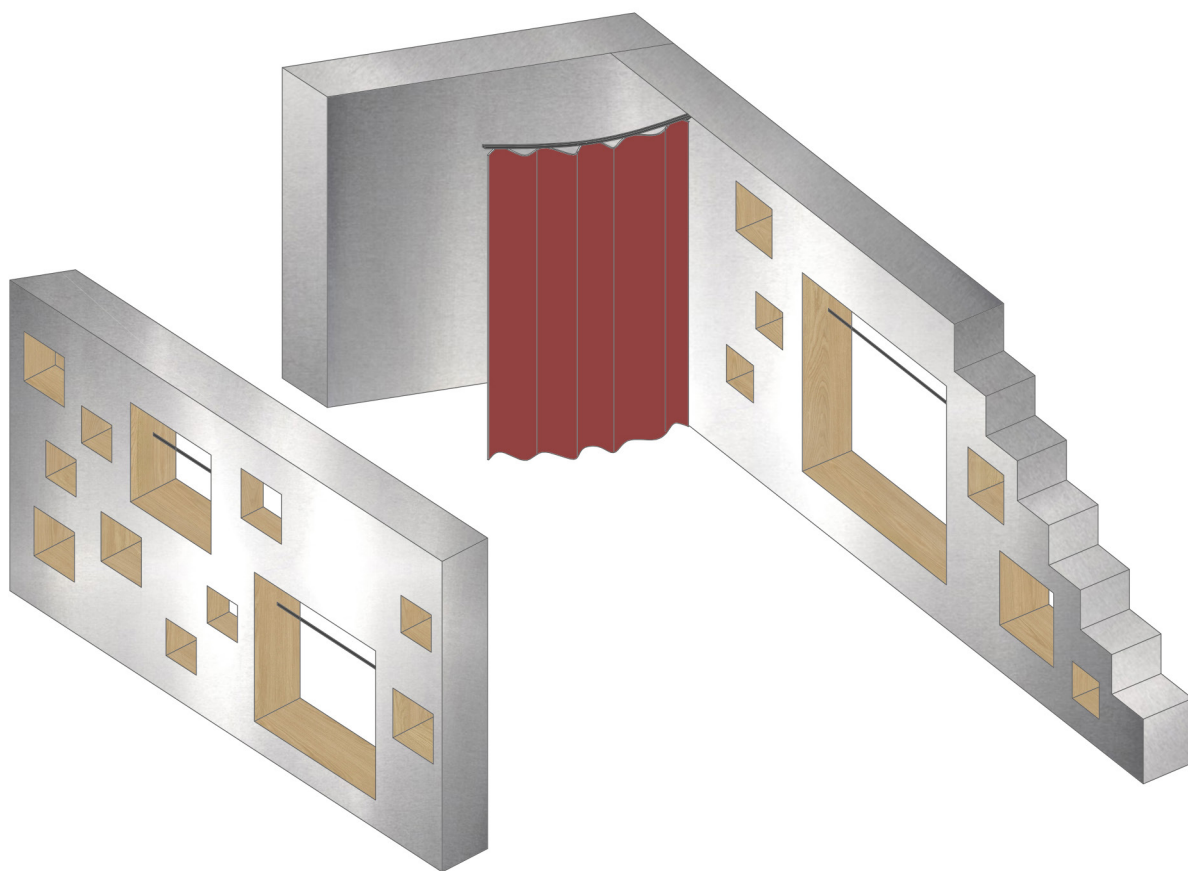
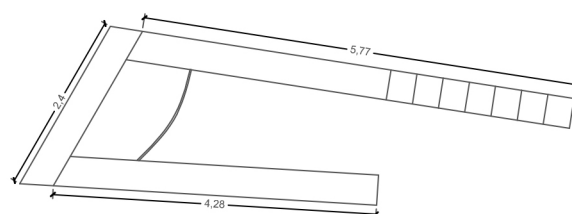
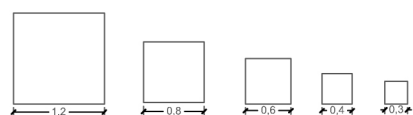


IMAGEM 180

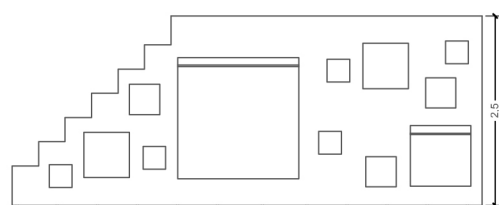
Desenho ilustrado da construção
do móvel loja viva.
Escala 1:50



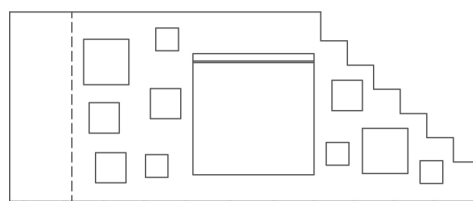
IMAGEM 181
Render loja viva.



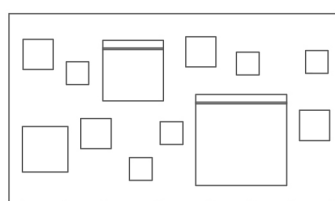
planta



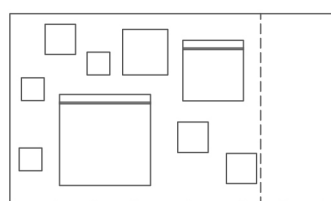
alçado 1 exterior



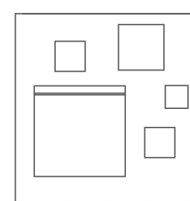
alçado 1 interior



alçado 2 exterior



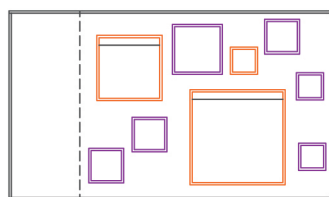
alçado 2 interior



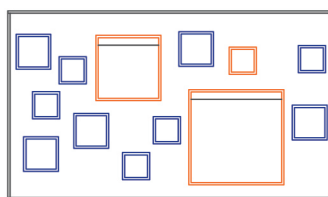
alçado 3 exterior

IMAGEM 182

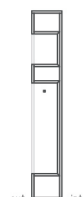
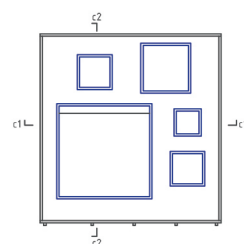
Desenho técnico do móvel loja viva.
Escala 1:100



corte interior



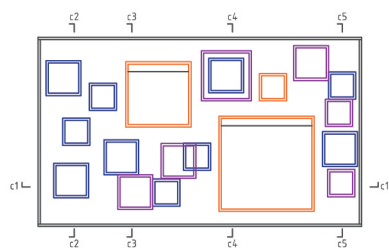
corte exterior



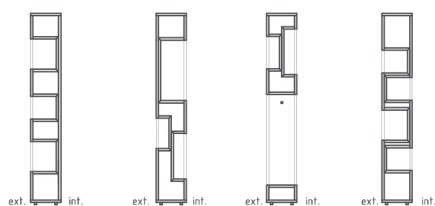
corte 2



corte 1



corte 1

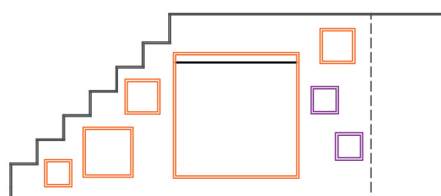
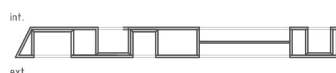


corte 2

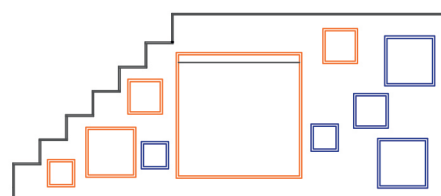
corte 3

corte 4

corte 5

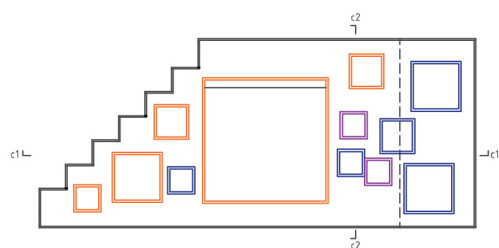


corte interior



corte exterior

- aberturas que atravessam
- aberturas exteriores
- aberturas interiores



corte 2



corte 1

IMAGEM 183

Desenho técnico do móvel loja viva.
Escala 1:100

LOJA

Na loja, a peça foi desenhada em forma de um hexágono aberto, ou seja, possibilitando estar no interior da própria peça. É, portanto, composta por 5 faces de tamanhos irregulares e grandes alturas (2,5 m), que apresentam diversas aberturas. Como este elemento é de venda de peças de designers, de menores dimensões do que as localizadas no espaço da Loja Viva, as suas aberturas são de menor dimensão. Sendo que, como é um espaço de venda, foi criada, numa das aberturas, uma mesa com tampo e perna rebatível. Esta abertura tem a vantagem de poder ser aberta ou fechada, constituindo a mesa que permite ao vendedor ter um espaço de estar e efetuar os pagamentos; se estiver fechada, servirá de armário seguro.

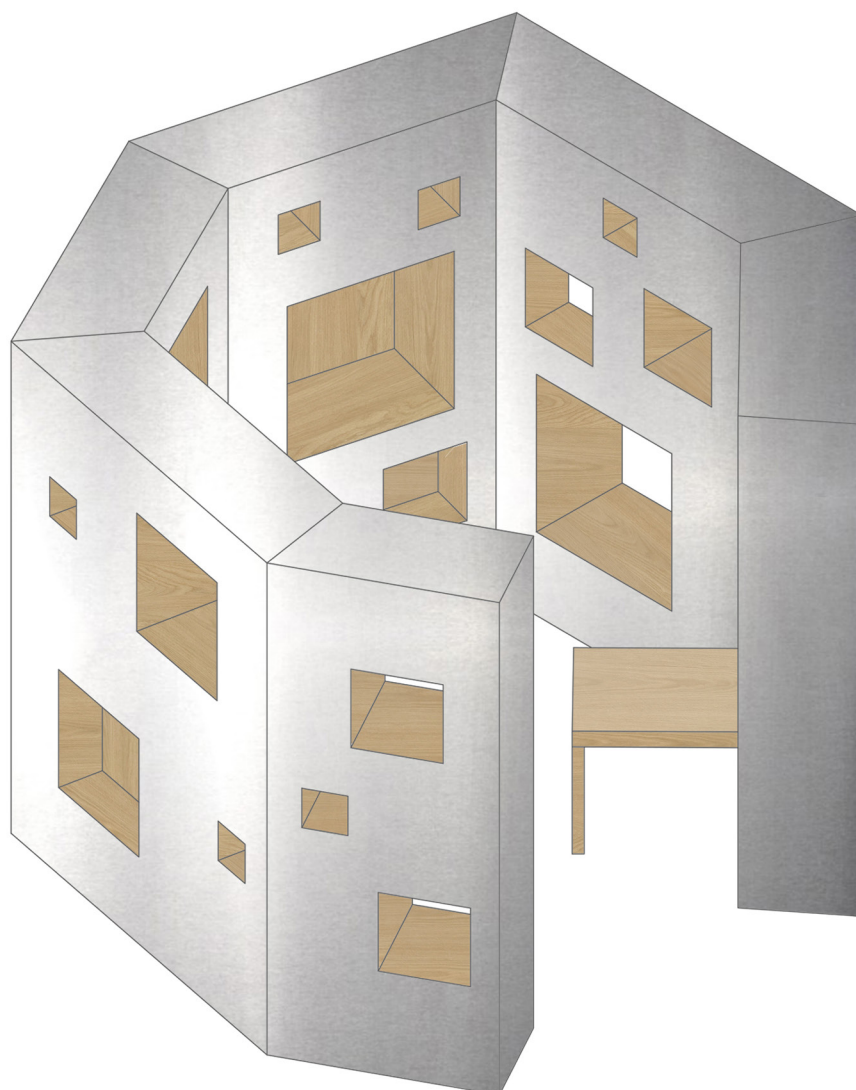


IMAGEM 184

Desenho ilustrado móvel loja.
Escala 1:30



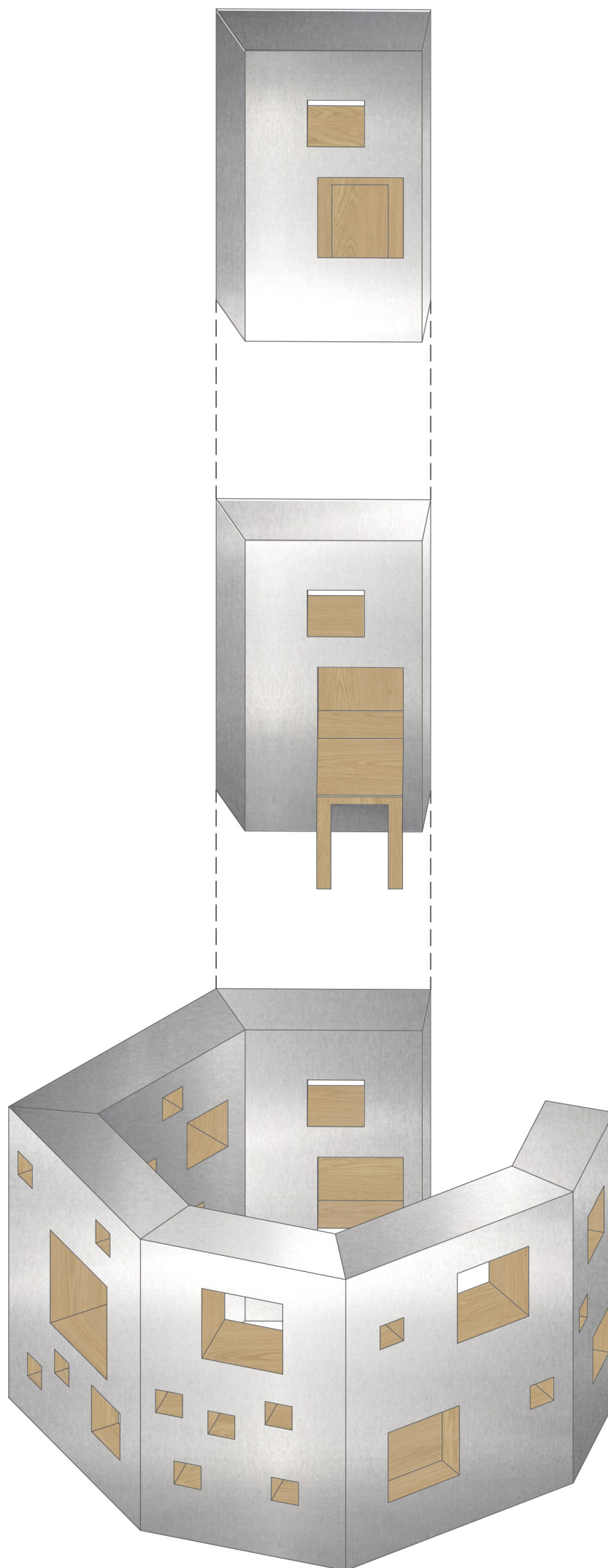


IMAGEM 186
Desenho ilustrado móvel loja.
Escala 1:40



○ sistema construtivo é o mesmo que foi utilizado na peça da Loja Viva; uma estrutura e caixas em contraplacado com 3 cm de espessura, revestidos em espelho.

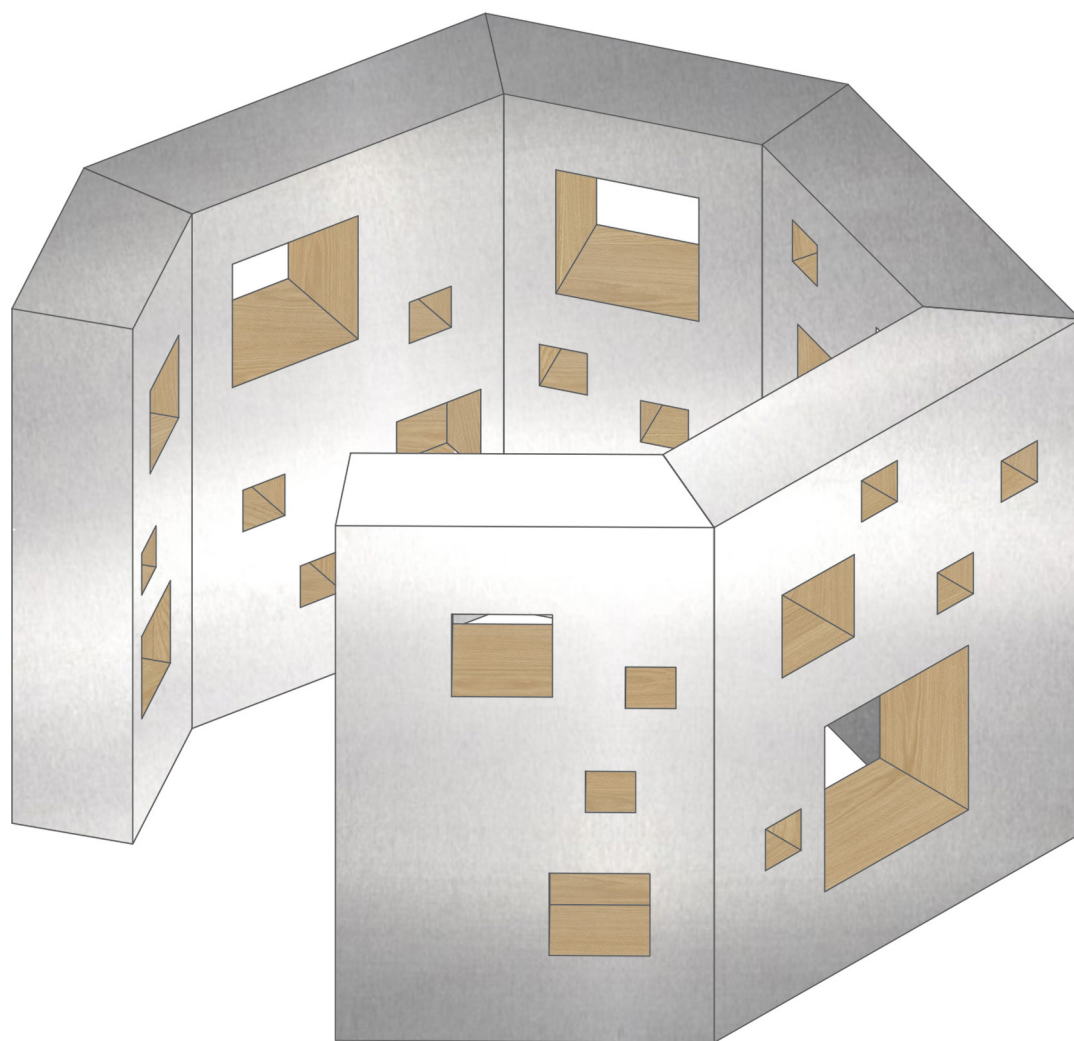
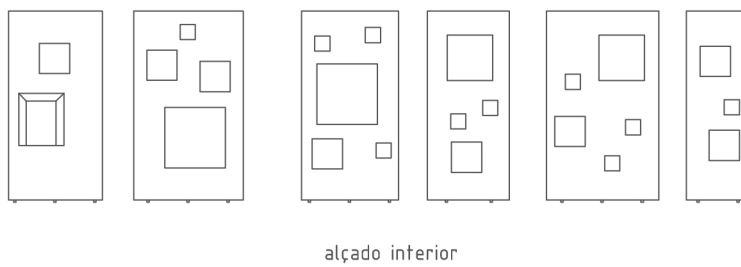
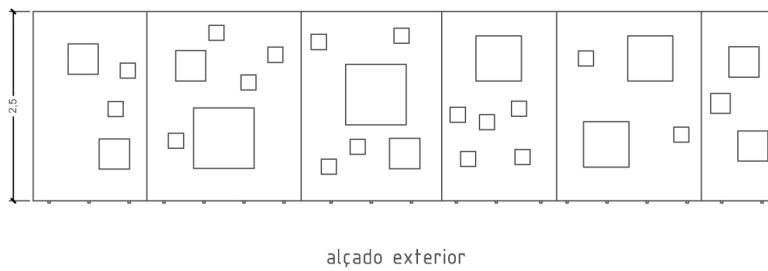
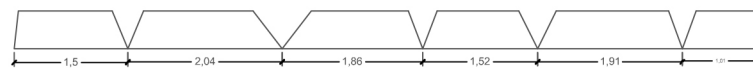
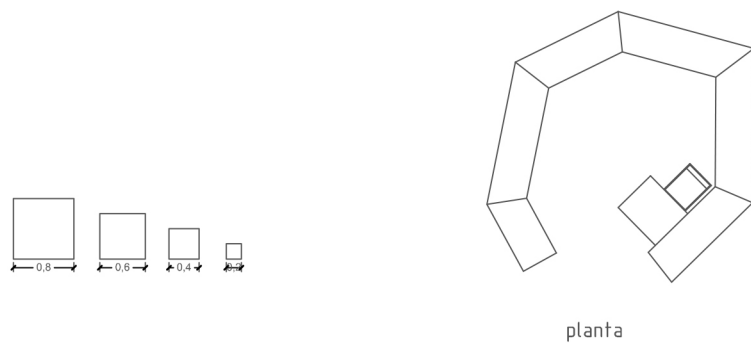
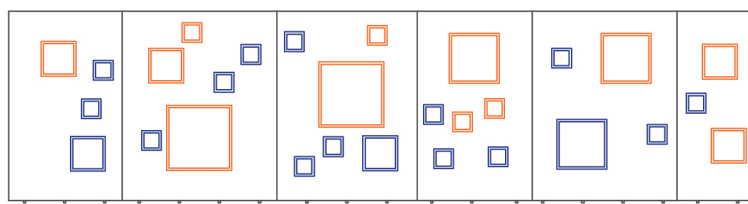
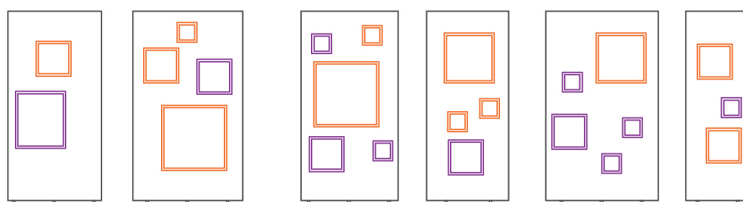


IMAGEM 188
Desenho ilustrado móvel loja.
Escala 1:30



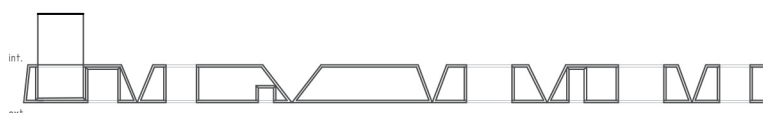
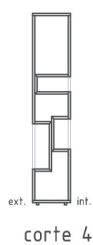
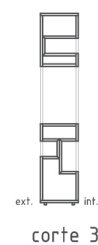
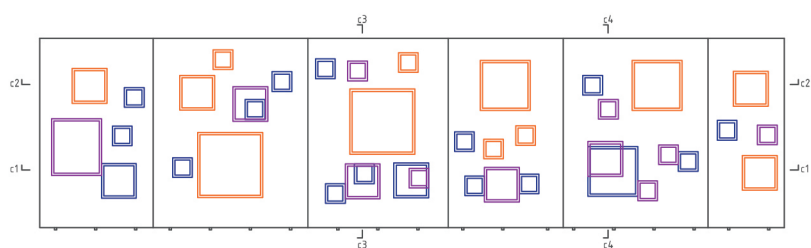


corte exterior



corte interior

- aberturas que atravessam
- aberturas exteriores
- aberturas interiores



corte 1



corte 2

IMAGEM 190
Desenho técnico do móvel loja.
Escala 1:100

BAR

O espaço de bar, tal como a cozinha, tem dimensões muito estreitas. Dentro do conceito de objeto único, e de forma a libertar um corredor lateral de passagem e acesso ao interior e ao exterior da casa, a peça que foi desenhada é contínua e composta por 4 mesas e 8 bancos. Todos estão interligados pelo estrado e pelas costas de um banco do outro, constituindo assim um único dispositivo, encostado à parede lateral.

A sua estrutura é em contraplacado, possui três pernas em cada banco (7x10 cm), onde o tampo e o encosto são pousados (de 3 cm de espessura), repetindo-se este padrão em todos os bancos. As mesas são também em contraplacado e compostas por três pernas e um tampo. A respetiva face aproveita o ângulo que o tampo e as costas do banco fazem, para definirem o seu desenho.

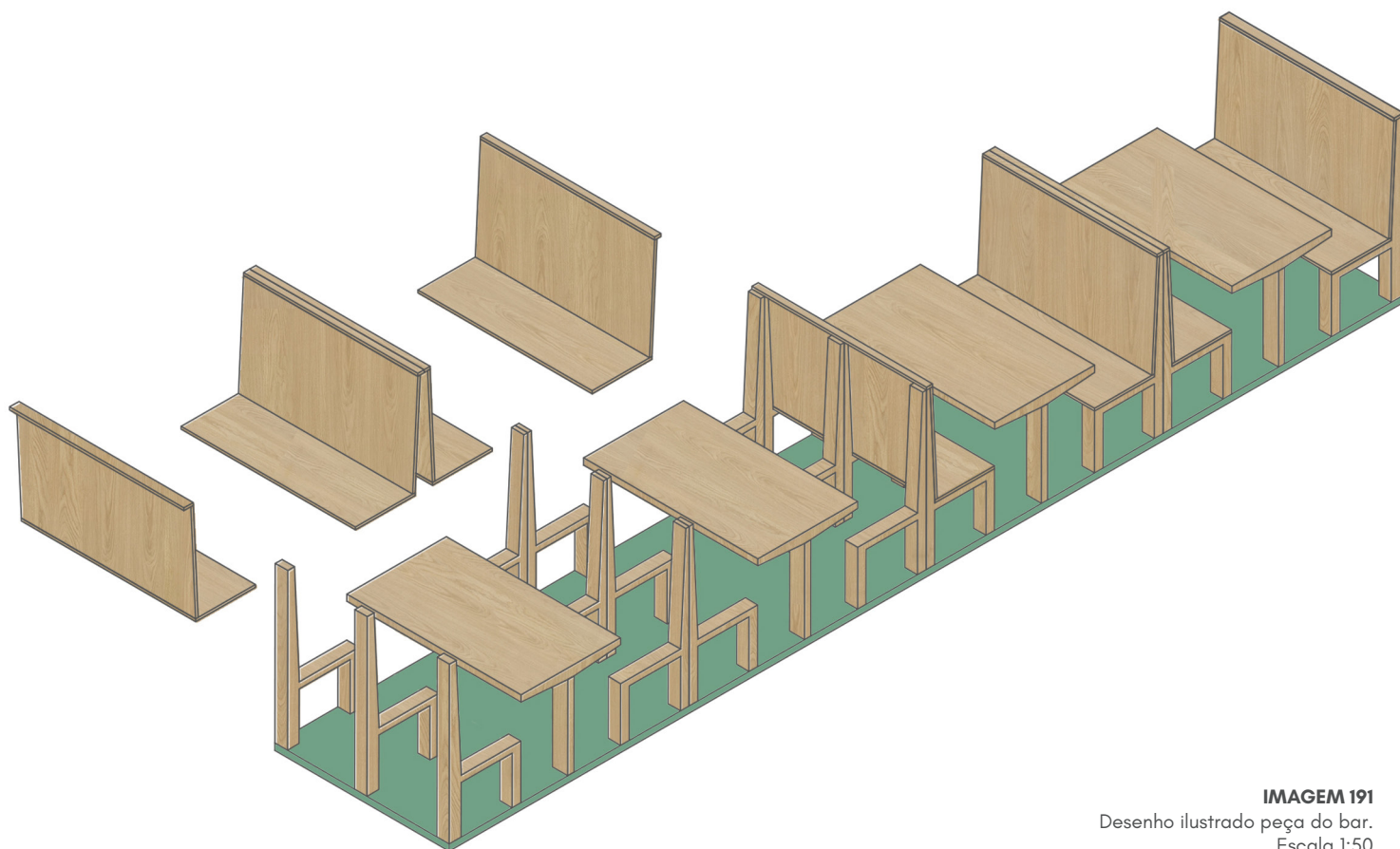
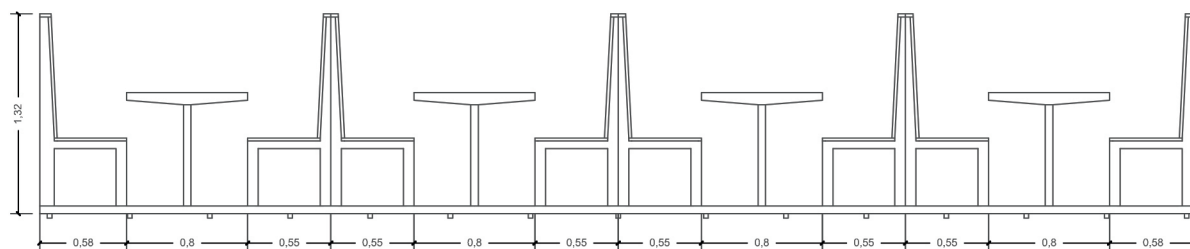


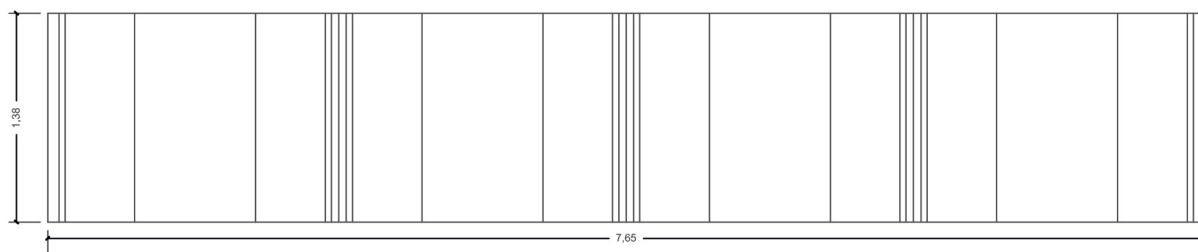
IMAGEM 191

Desenho ilustrado peça do bar.
Escala 1:50

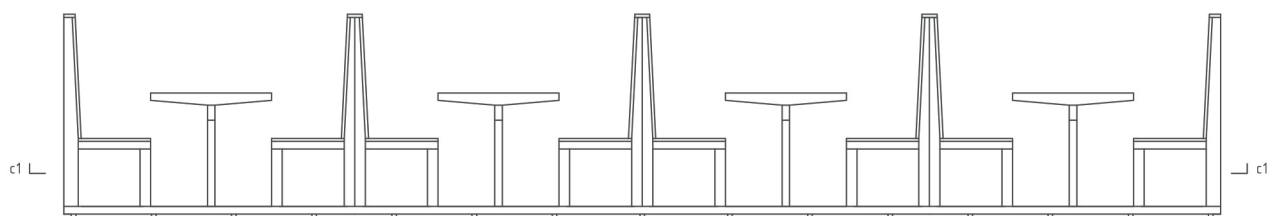




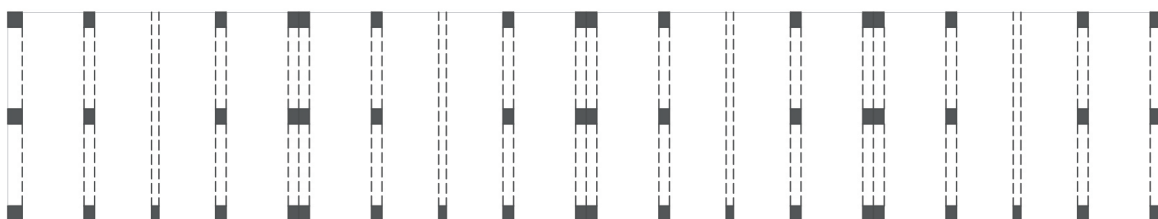
alçado lateral



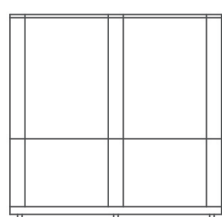
planta



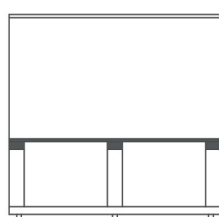
corte



corte 1



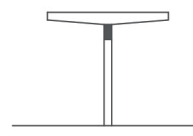
alçado frente banco



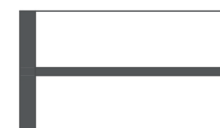
corte



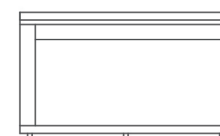
alçado frente mesa+banco



corte



corte



alçado lateral mesa





IMAGEM 195
Projeto Prada Store – OMA.

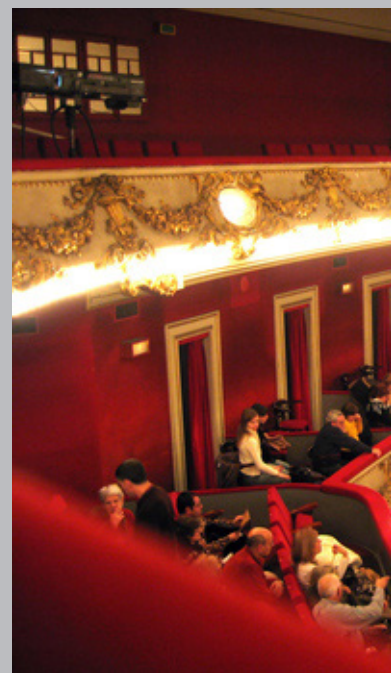


IMAGEM 196
Projeto Camper Store –
Neri & Hu Design.



IMAGEM 197
Projeto Fairphone Head Office – Melinda Delst Interior Design.



IMAGEM 198
Theatro Circo de Braga – Moura Coutinho.

7.23 PISO 2

No piso 2 não é perceptível um conceito específico, inerente aos espaços do próprio, como acontece nos restantes. Aqui as peças tiveram como inspiração o desenho de elementos cénicos.

Um elemento cénico cria e organiza o espaço onde as ações dramáticas vão ter lugar. A cenografia é uma parte bastante importante num espetáculo, porque desenvolve ambientes e contribui para ilustrar o espaço imaginário.

Os espaços reais, neste piso, serão ocupados por um salão de espetáculos e por um anfiteatro, onde a cor vermelha é o fator constante, remetendo, no caso do salão, para as grandes salas de teatro e cinema, com as suas grandes cortinas em veludo vermelho.



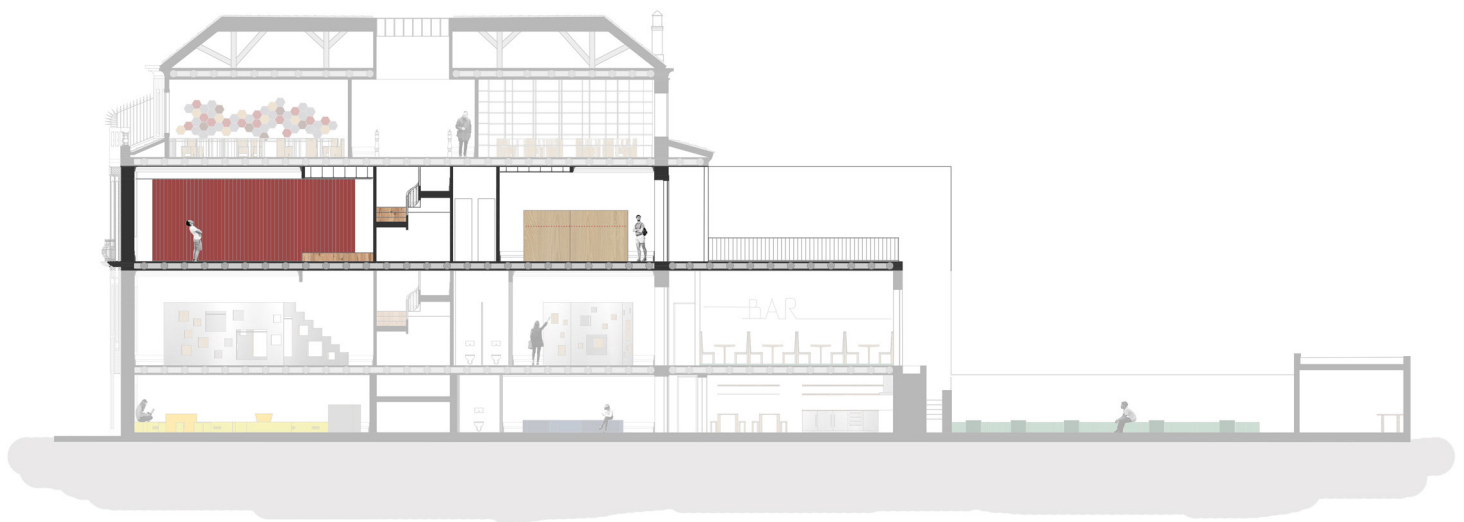
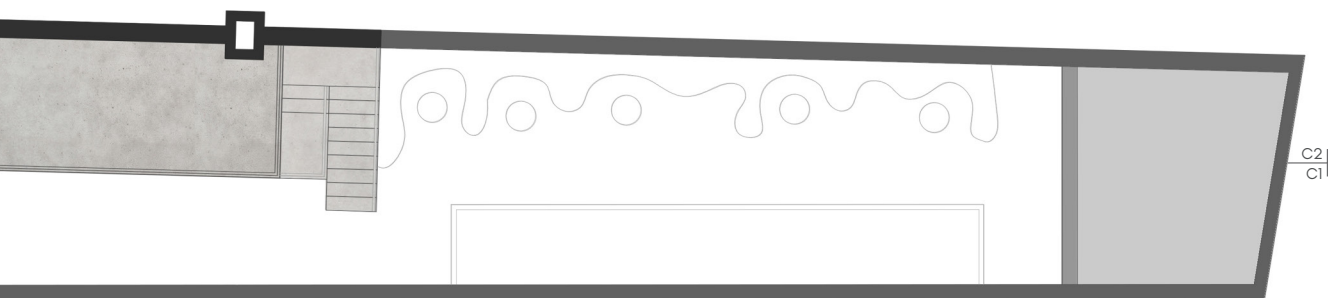


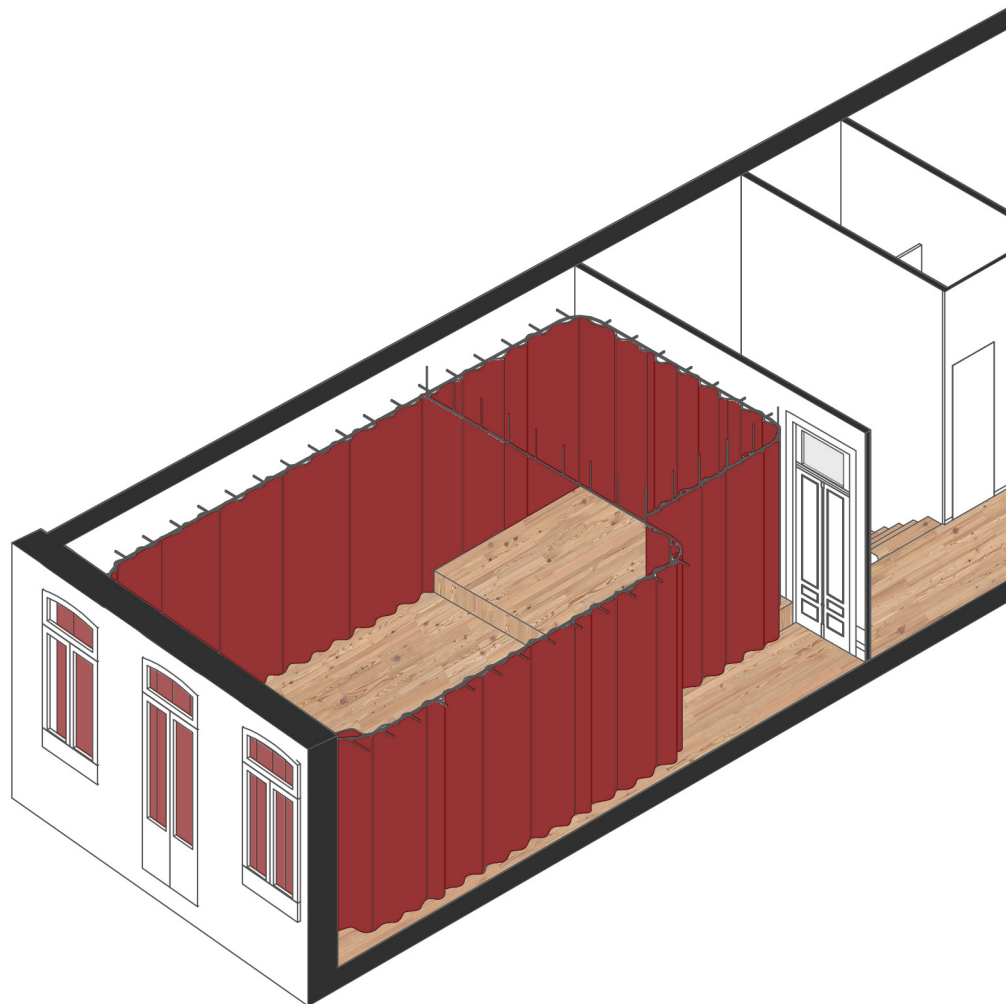
IMAGEM 199
Corte ilustrado C2 - piso 2.
Escala 1:300



0 1 2 3



IMAGEM 200
Planta ilustrada do piso 2.
Escala 1:150



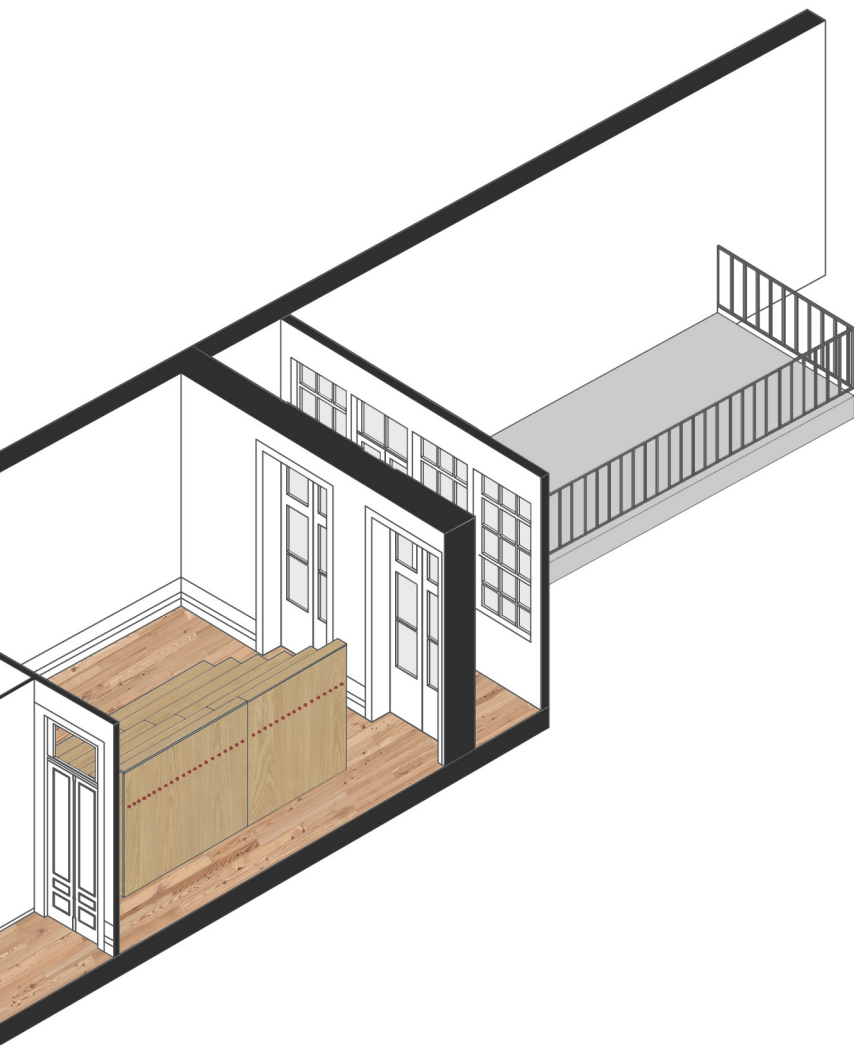


IMAGEM 201
 Axonometria ilustrada piso 2.
 Escala 1:100



SALÃO

No salão foi desenhado, para além de um palco, que dá continuidade ao pavimento, um jogo de cortinas, de cor vermelha. Este jogo vai permitir, consoante o espetáculo que recebe, quer seja um concerto, uma peça de teatro ou um espetáculo de dança, alterar o ambiente, a sensação e o aspeto visual da sala. As cortinas podem estar todas fechadas, escondendo as paredes, as janelas e a porta, ou estar todas abertas, permitindo ao espectador usufruir das características do espaço. Se estiver apenas com uma parte das cortinas aberta, permitirá a entrada e saída dos artistas em palco, sem que o espetador se aperceba. Existe um grande número de soluções na posição das cortinas, que irá provocar diferentes sensações às diferentes pessoas, em diferentes ocasiões.

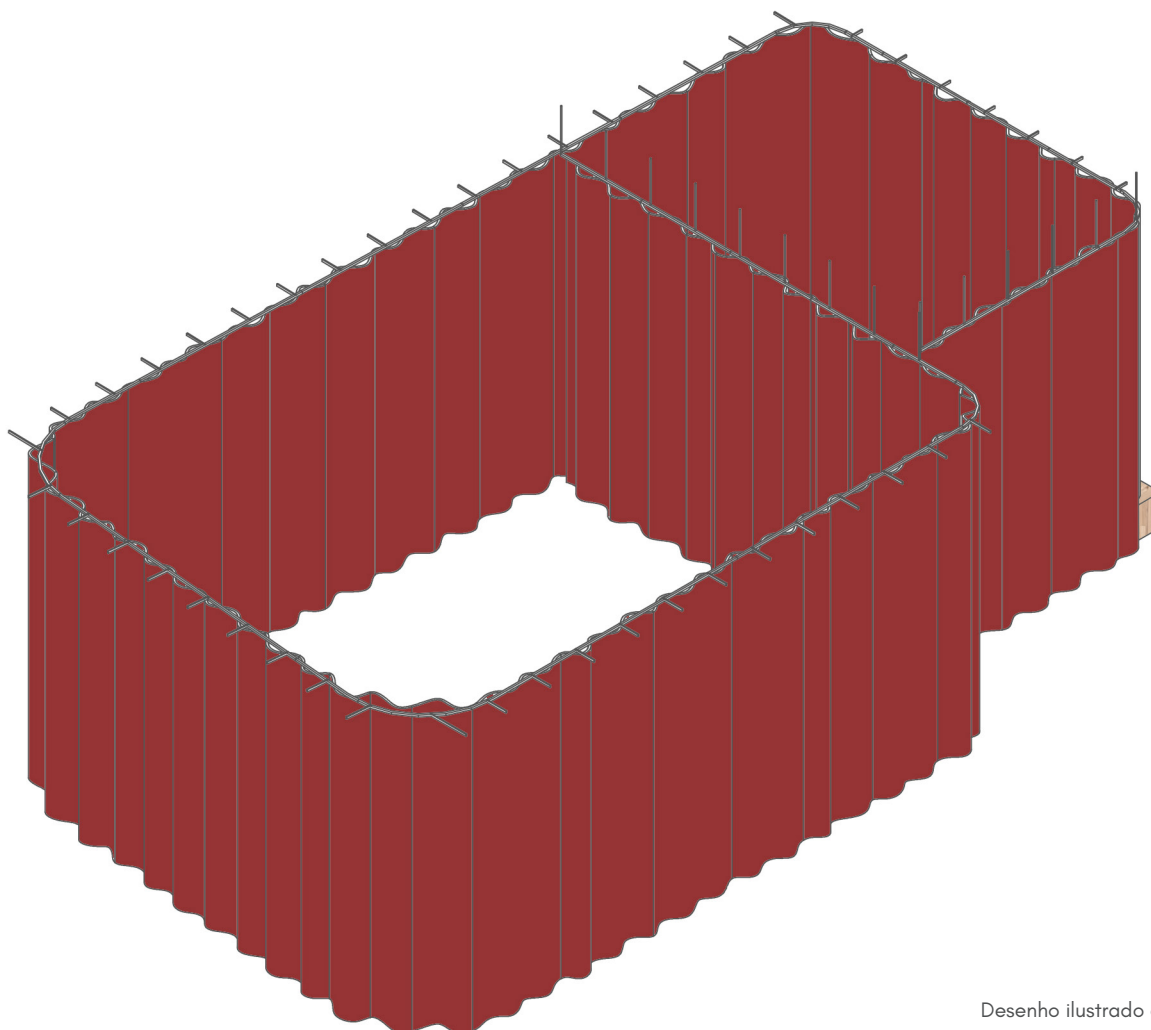


IMAGEM 202

Desenho ilustrado cortinas salão.
Escala 1:100



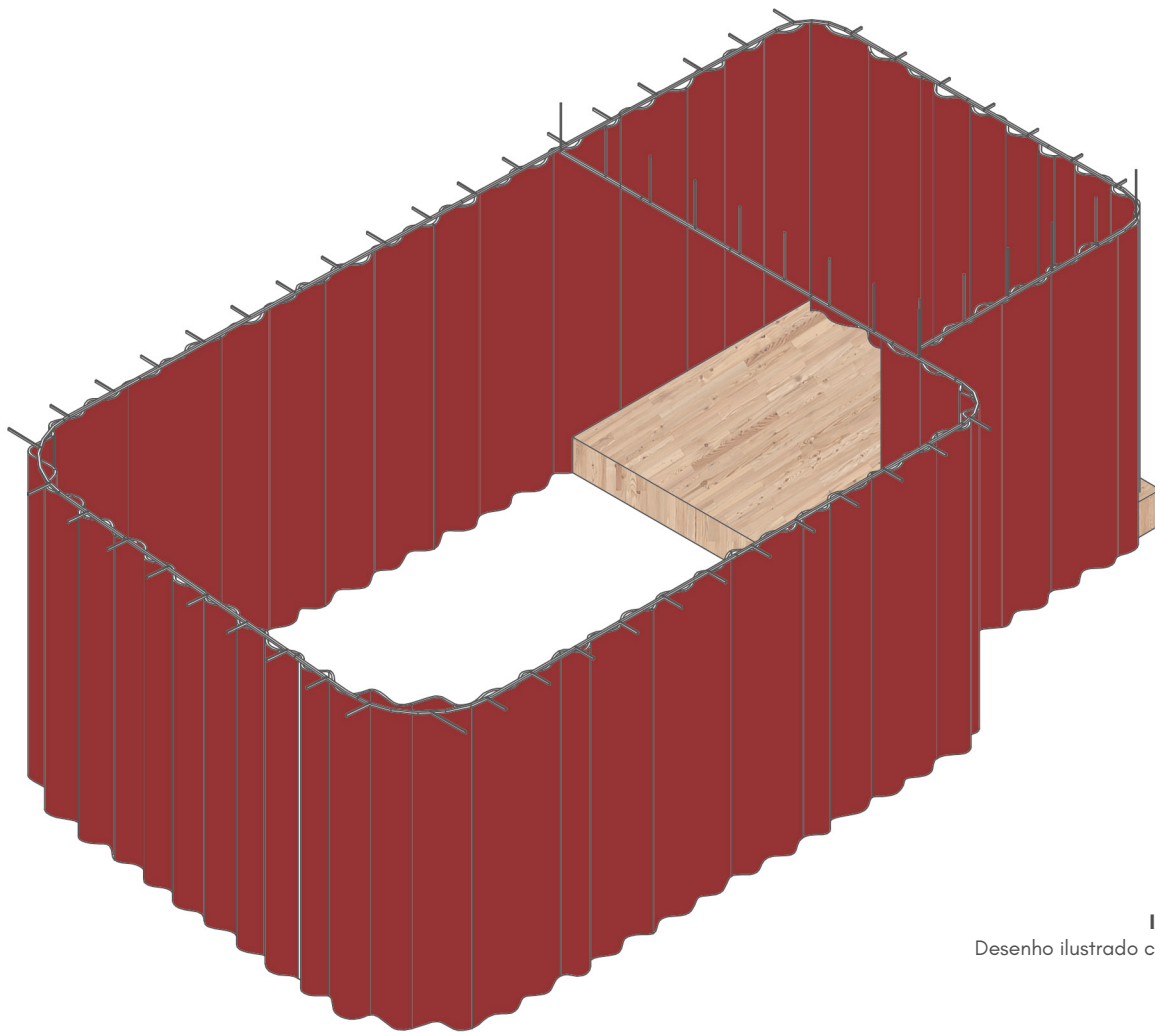


IMAGEM 204
Desenho ilustrado cortinas salão.
Escala 1:100

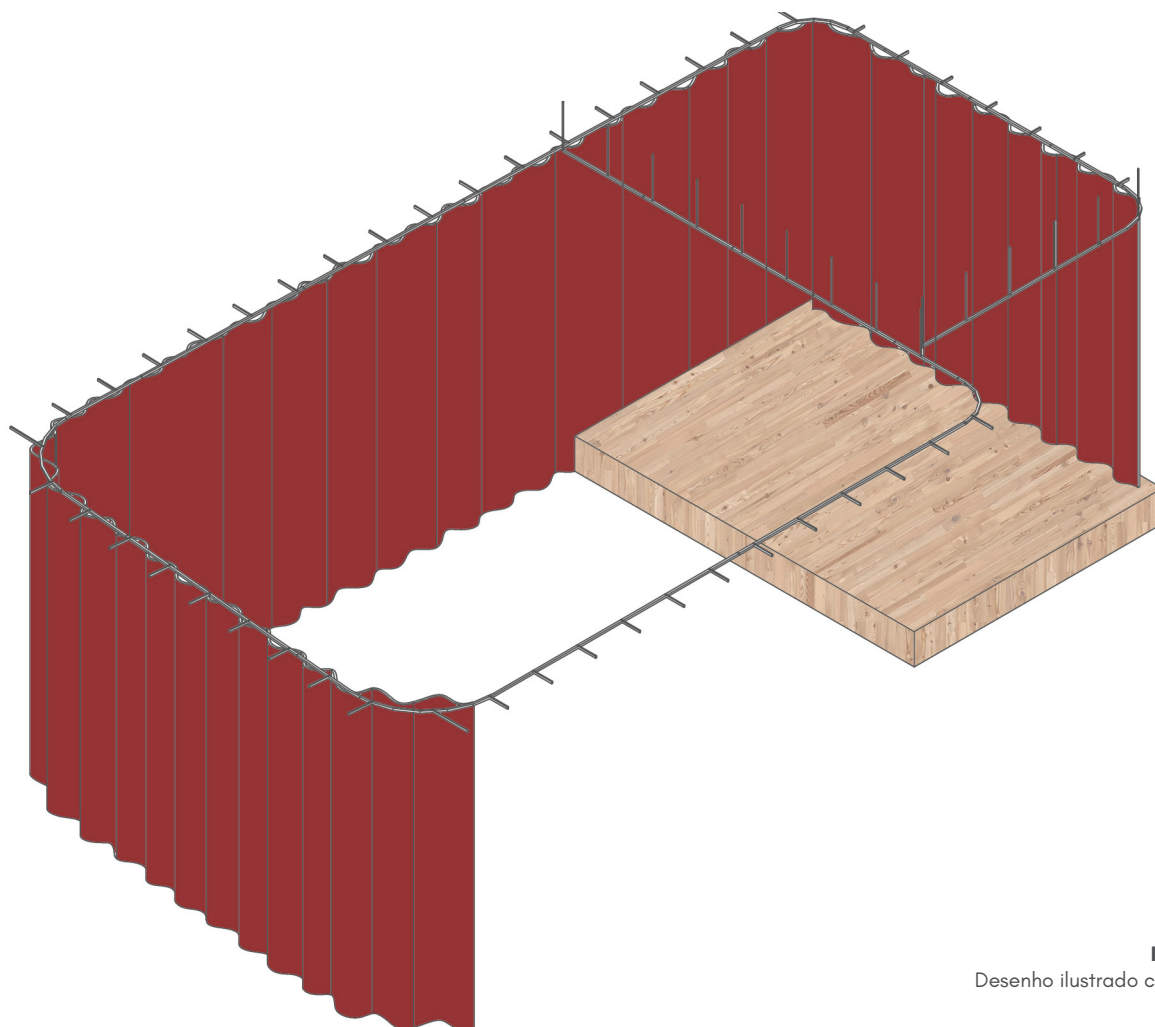


IMAGEM 205
Desenho ilustrado cortinas salão.
Escala 1:100



IMAGEM 206
Render do salão.

ANFITEATRO

Para o espaço de anfiteatro, a peça cénica que foi projetada foi uma bancada.

Dadas as dimensões, características e entradas de luz deste compartimento, este elemento foi pousado no centro do espaço. Pôs-se assim em destaque o elemento escultural, virado para a parede, libertando espaço a toda a volta. Permite-se assim a passagem e acesso tanto à bancada como ao terraço. Esta posição permite aos utilizadores acederem ao espaço sem que a sua entrada seja perturbadora. Nas costas da peça existem cabides, que permitem arrumar roupa.

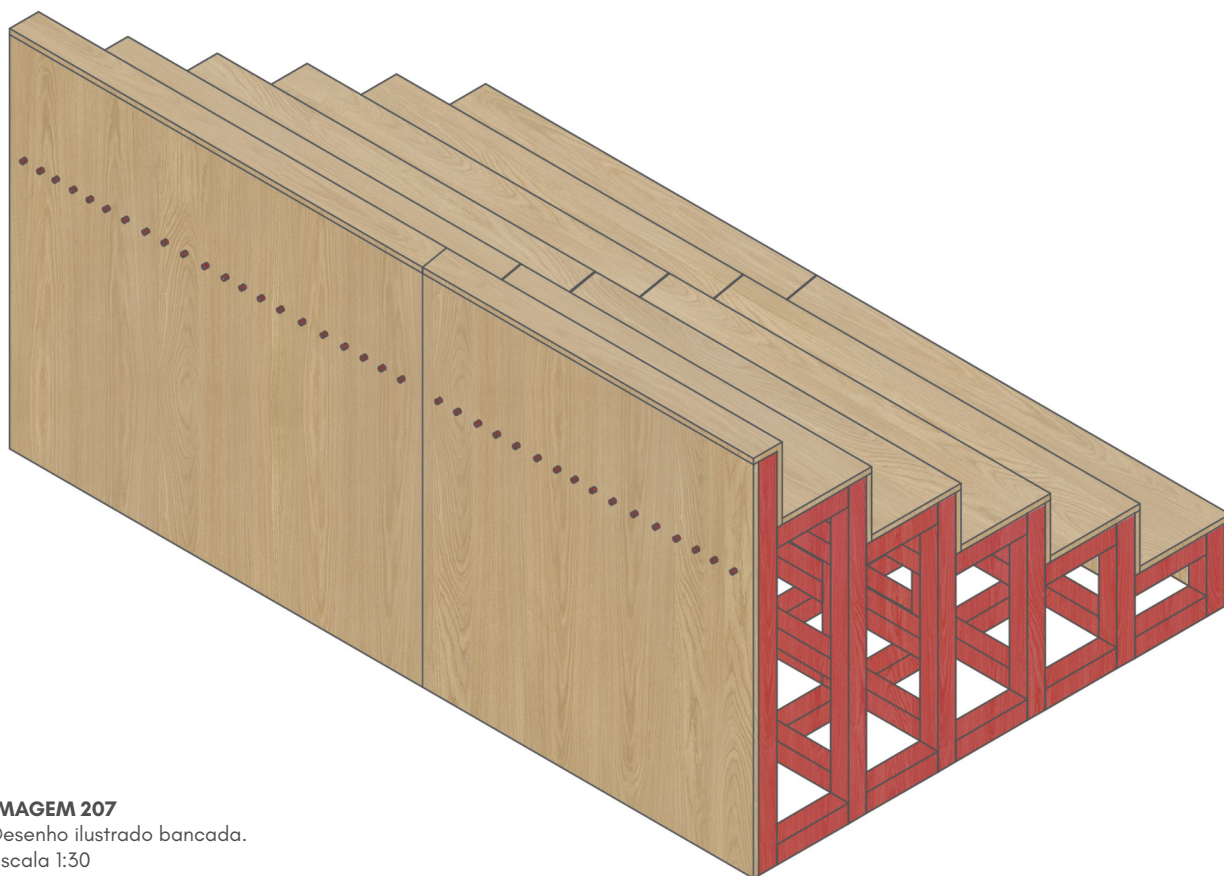


IMAGEM 207
Desenho ilustrado bancada.
Escala 1:30



Este elemento, de 2 m de altura, permite ainda a possibilidade de, ao separar-se de forma irregular, se transformar em duas bancadas distintas, possibilitando a criação de diferentes dinâmicas no espaço. Passam a constituir áreas de acolhimento de diferentes tipos de palestras, conversas ou outros eventos, posicionando-as frente a frente ou lado a lado, em função dum objetivo particular.

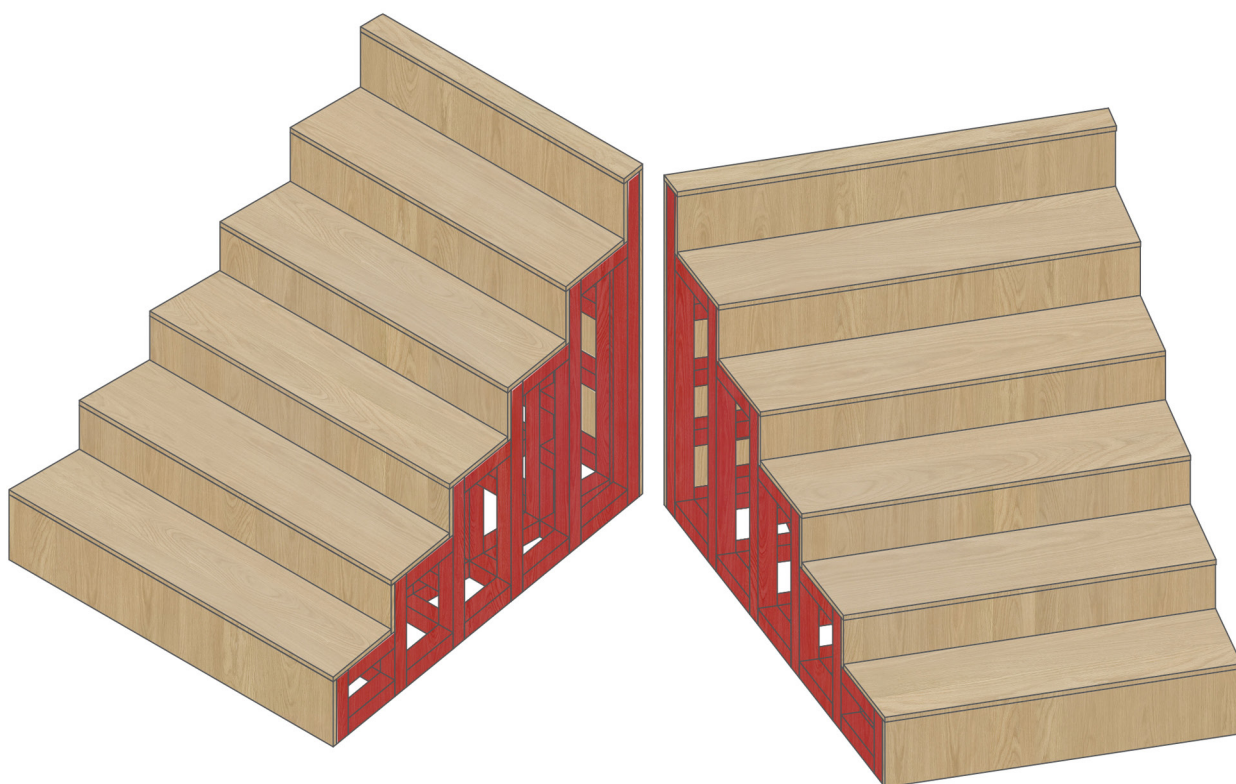


IMAGEM 209
Desenho ilustrado bancada.
Escala 1:40



O sistema construtivo deste elemento é baseado numa estrutura de barrote de madeira, com 10 cm de espessura, pintados em cor vermelha, de forma a evidenciar a estrutura. Essa estrutura será visível na peça, e estabelecerá a ligação com o outro espaço no piso, o salão. Esta estrutura que, repetida ao longo da largura da bancada, é revestida com painéis de 3 cm de espessura de contraplacado, que servem de costas e assento.

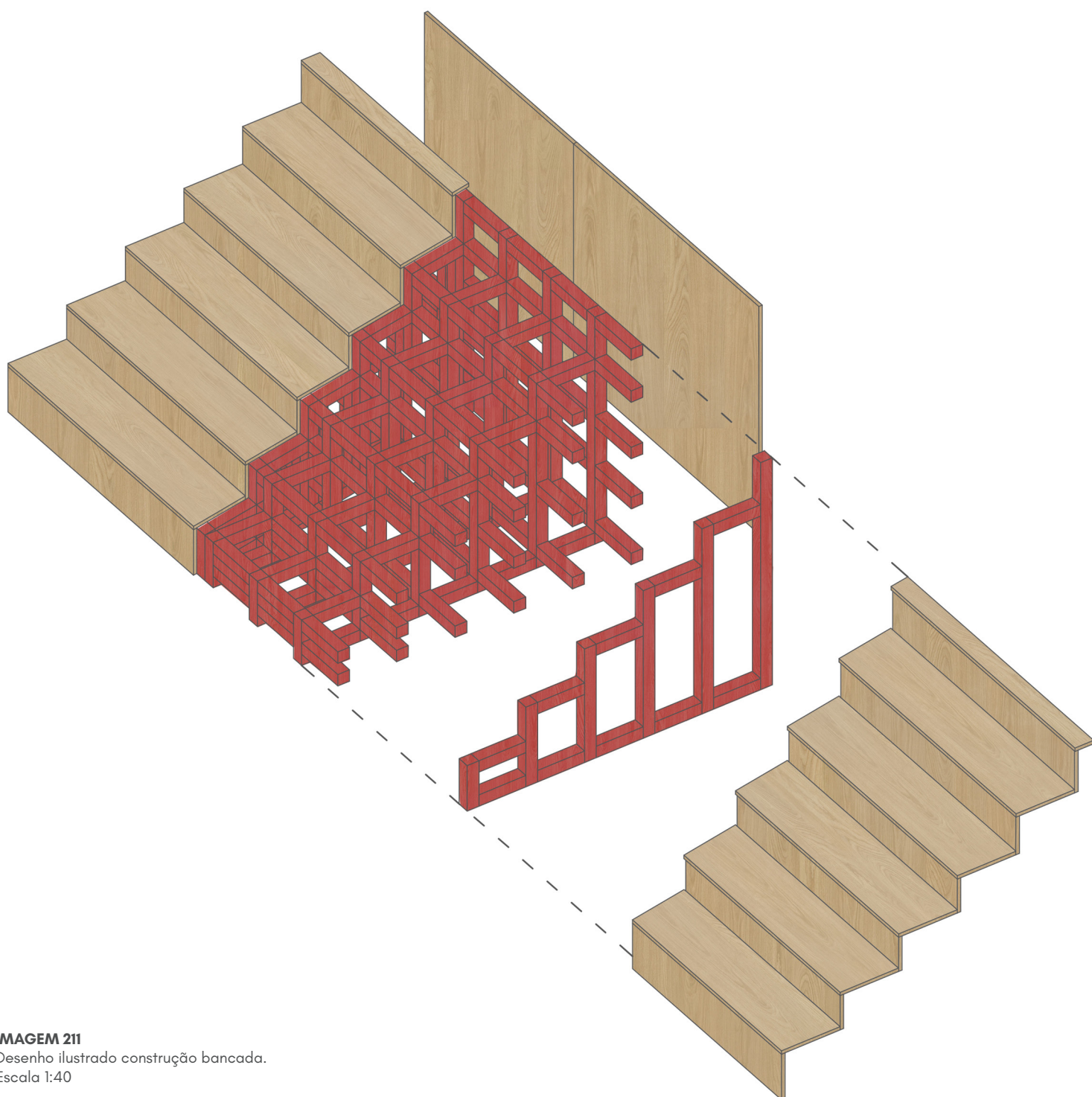
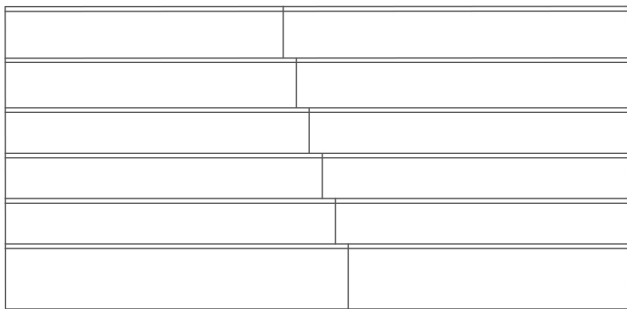
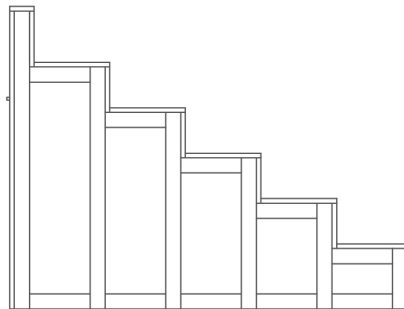


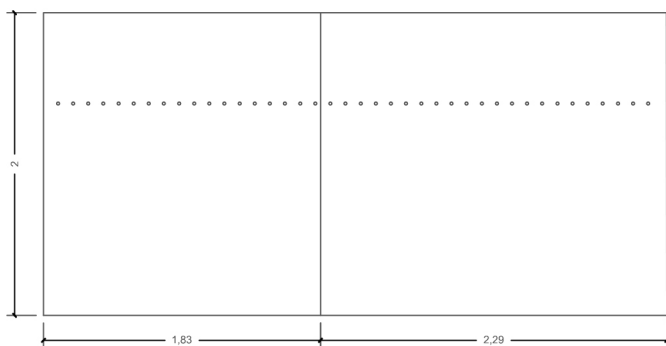
IMAGEM 211
Desenho ilustrado construção bancada.
Escala 1:40



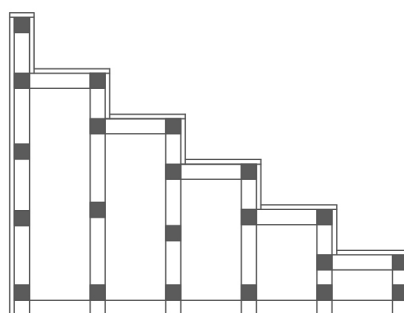
alçado frontal



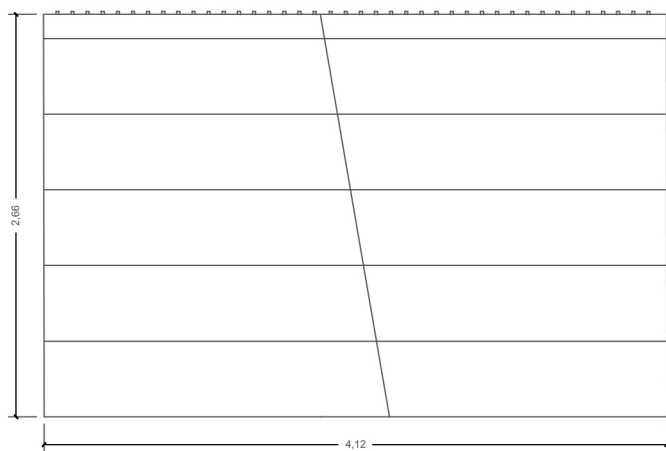
alçado



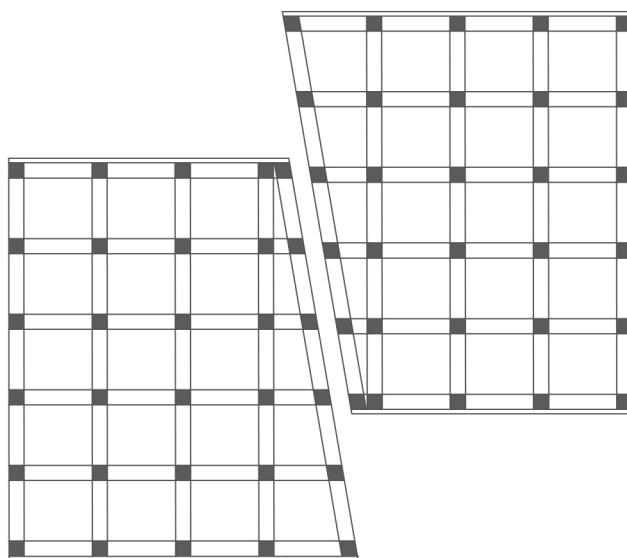
alçado ladoz



corte



planta



corte

IMAGEM 212
Desenho técnico bancada.
Escala 1:50

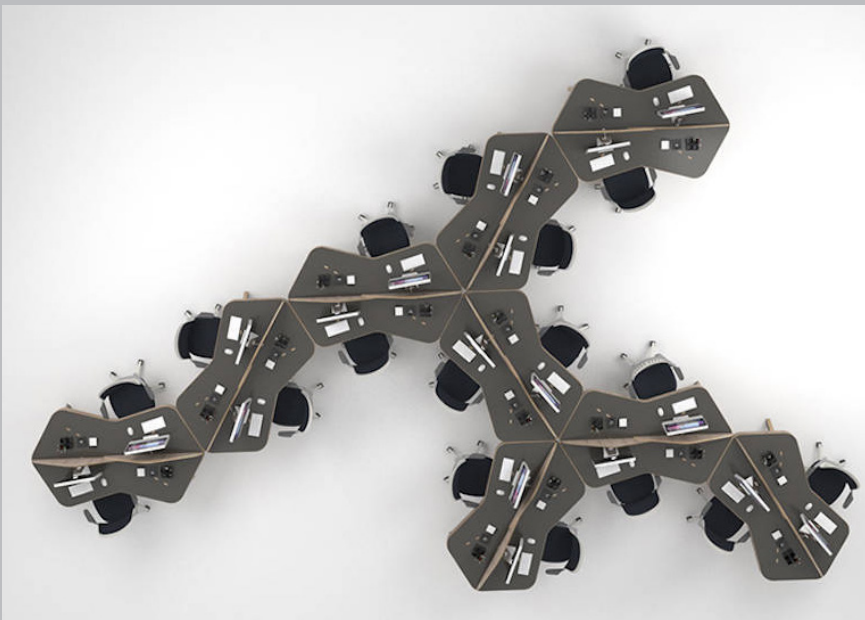


IMAGEM 213
Projeto Tessella desk – NOS design.



IMAGEM 214
Projeto Office space for Plxiv – Teamlab.





IMAGEM 215
Projeto Musashino library -
Sou Fujimoto.



7.2.3 PISO 3

O terceiro piso da casa destina-se a espaços de trabalho, onde estão localizados o escritório e a biblioteca. O conceito presente neste piso, passa pelo negativo e o positivo dos dispositivos. Quando um dos lados está preenchido pela peça, o outro está vazio, e quando este último estiver cheio, o outro estará vazio.

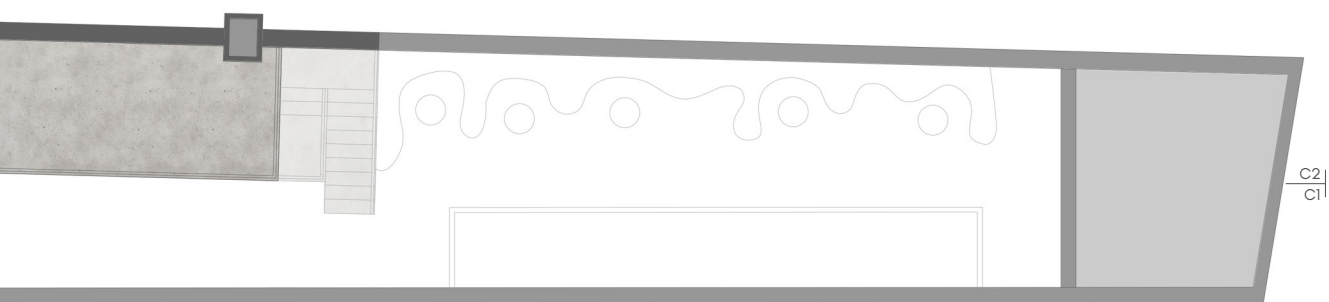


Escritório

Biblioteca



IMAGEM 217
Corte ilustrado C2 - piso 3.
Escala 1:300



0 1 2 3



IMAGEM 218
Planta ilustrada do piso 3.
Escala 1:150

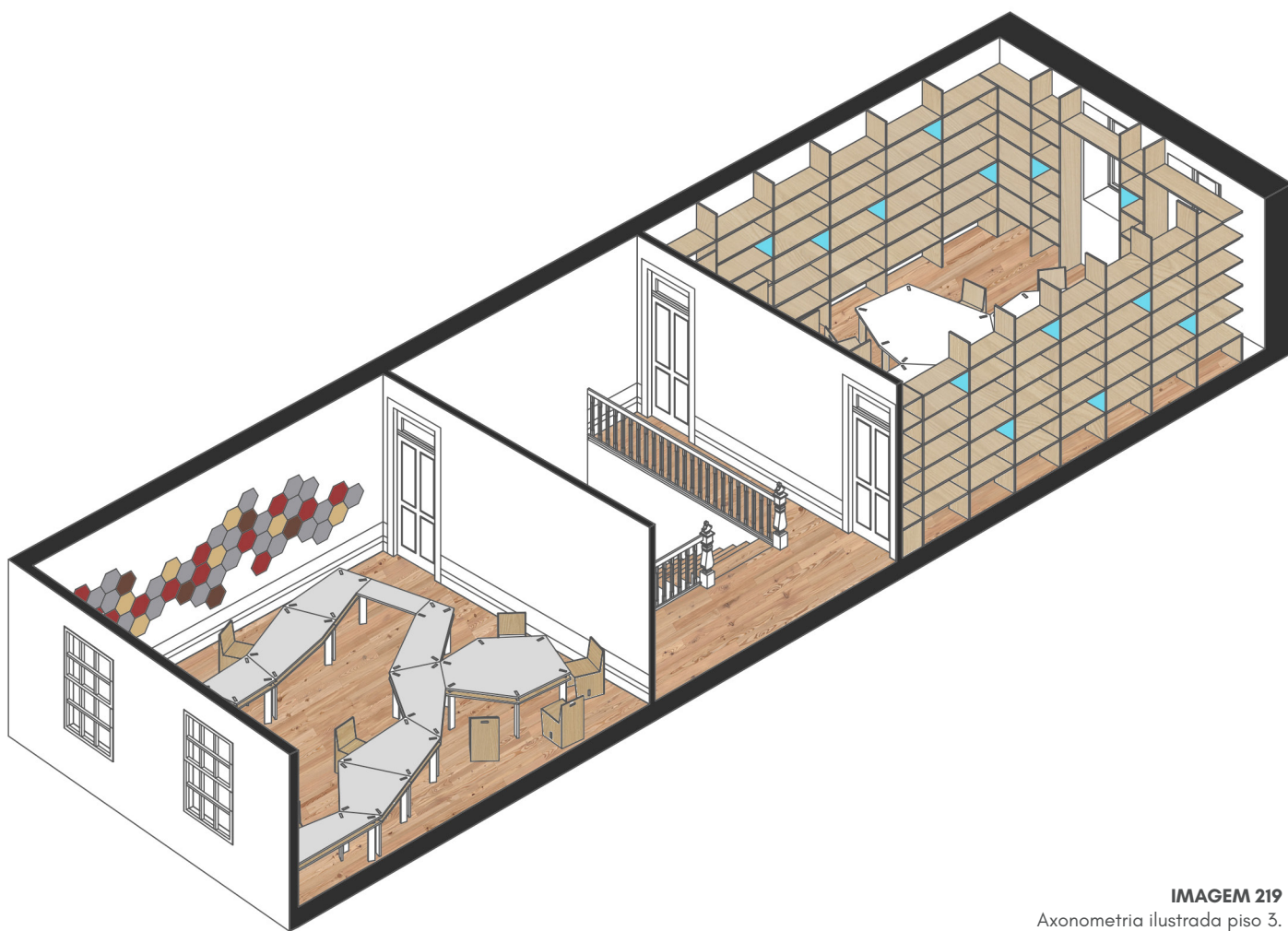


IMAGEM 219
 Axonometria ilustrada piso 3.
 Escala 1:100





ESCRITÓRIO

O escritório é um local de trabalho para os funcionários do espaço cultural. O princípio para o desenho desta peça no espaço partiu da peça única. Conduziu a um desenho de uma mesa de trabalho contínua, que percorre o perímetro da sala, com formas irregulares, tirando partido da angulosidade do próprio espaço, libertando no centro um volume.

Esta forma permite o acesso a várias zonas de trabalho ao longo da mesa, vários lugares de atividade e uma mesa, de forma hexagonal, para reuniões. É um elemento fechado, cujo acesso ao interior é feito a partir de um dos tampos articulado.

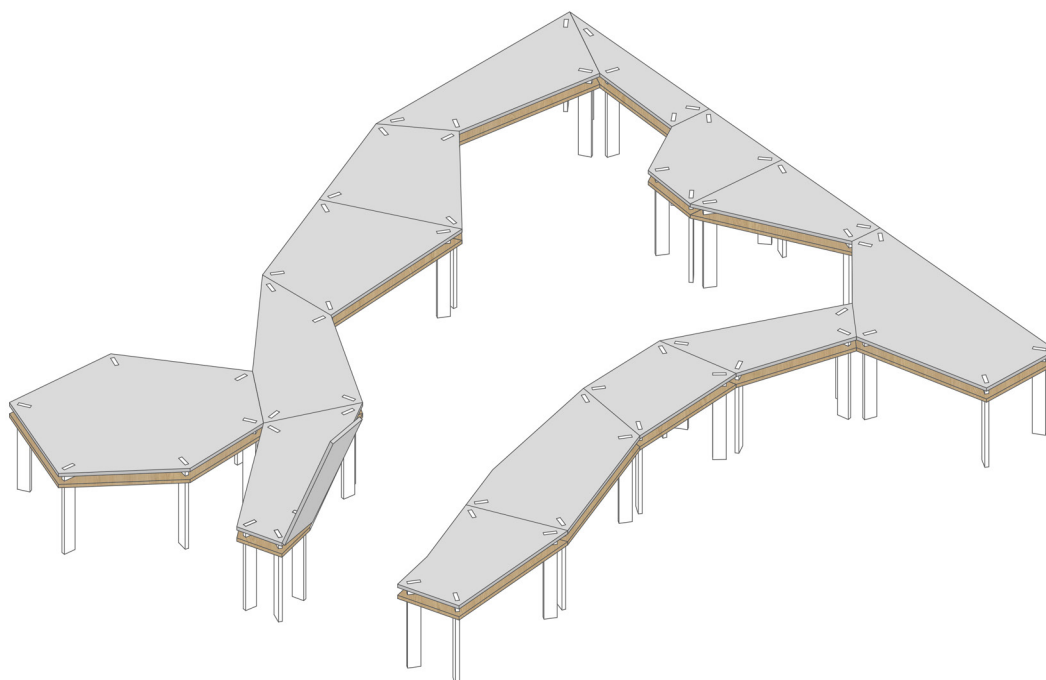


IMAGEM 221

Desenho ilustrado mesa escritório.
Escala 1:50



Tem ainda a particularidade de ter dois tampos, de 2 cm de espessura cada, espaçados entre si. O primeiro, serve de apoio à arrumação de documentos e outros materiais de que os utilizadores necessitem; o segundo, é o tampo onde se pode trabalhar efetivamente. Estes são em contraplacado, de cor cinza (o tampo superior). As pernas das mesas (de face 10x3 cm, em contraplacado) estão colocadas em cada vértice de cada separação de tampo, formando diferentes ângulos. Vão atravessar os dois tampos até estarem visíveis no tampo superior, criando um desenho mais atrativo.

Foi também introduzido um painel nas paredes, num padrão hexagonal, em tons de vermelho, castanho, cinza e amarelo, que permite afixar informação relevante.

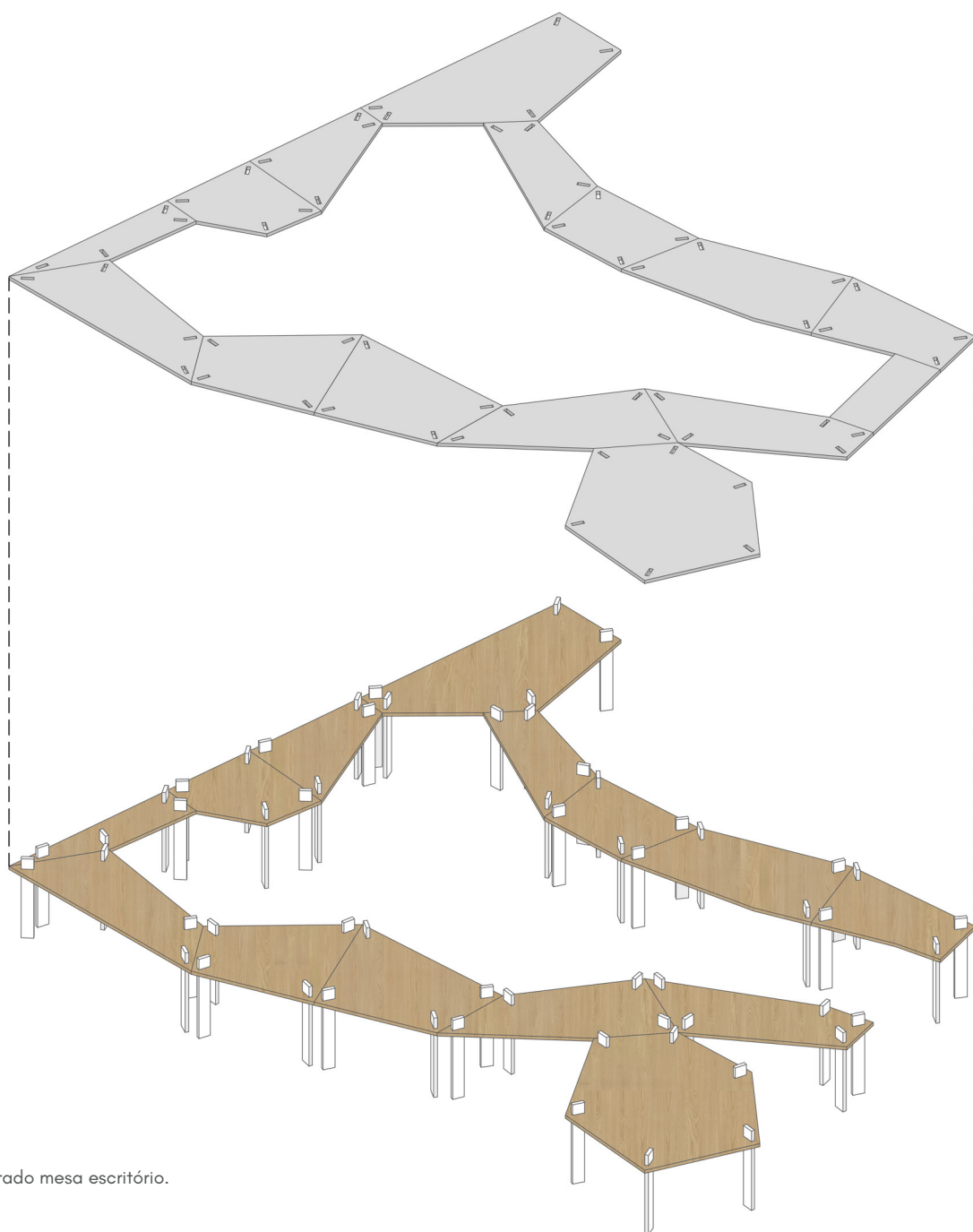


IMAGEM 223

Desenho ilustrado mesa escritório.
Escala 1:50





A CADEIRA

Foi criado um desenho de uma cadeira, especialmente destinado a ocupar os espaços do terceiro piso. A concepção teve, como principal desígnio, a obtenção dum objeto que se enquadrasse no conceito existente, caracterizado pela presença de linhas retas.

A cadeira tem assim uma altura de 75 cm e uma largura de 40. É constituída por 5 elementos: dois laterais, um de encosto, um assento, um posterior e um terceiro, estrutural, que se destina a conferir a resistência necessária à sua utilização continuada. O conjunto faz sobressair uma peça fechada e contínua.

IMAGEM 225

Desenho ilustrado construção da cadeira.
Escala 1:7



IMAGEM 226
Desenho ilustrado cadeira.
Escala 1:5

Cada uma das peças anteriormente referidas é obtida a partir de contraplacado com 1 cm de espessura, sendo o elemento estrutural, que tem maiores dimensões, uma exceção.

Apesar da aparência volumosa e pesada, o facto de as placas de contraplacado serem finas faz com que, na realidade, se trate de uma peça leve e, como tal, facilmente manejável: uma cadeira leve e fácil de transportar através de uma abertura na peça tardo.



IMAGEM 227
Desenho ilustrado cadeira.
Escala 1:5

BIBLIOTECA

Na biblioteca foi criado um elemento de estantes, colocadas a toda a volta. Fazem aberturas na estereotomia, para os acessos, a porta da entrada e as janelas. São em placas de 3 cm de espessura e 40 cm de largura, de contraplacado, estando presentes dum modo aleatório algumas prateleiras de cor azul ciano.

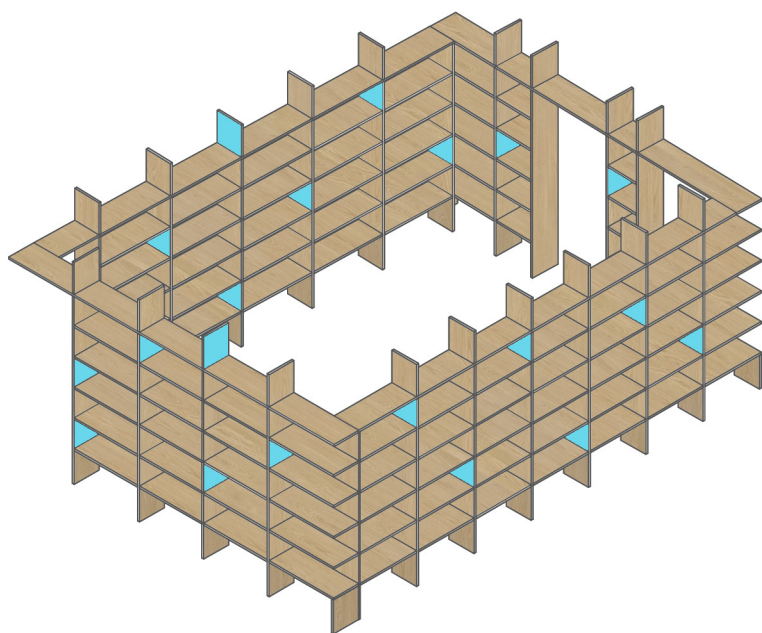


IMAGEM 228

Desenho ilustrado estantes.
Escala 1:70

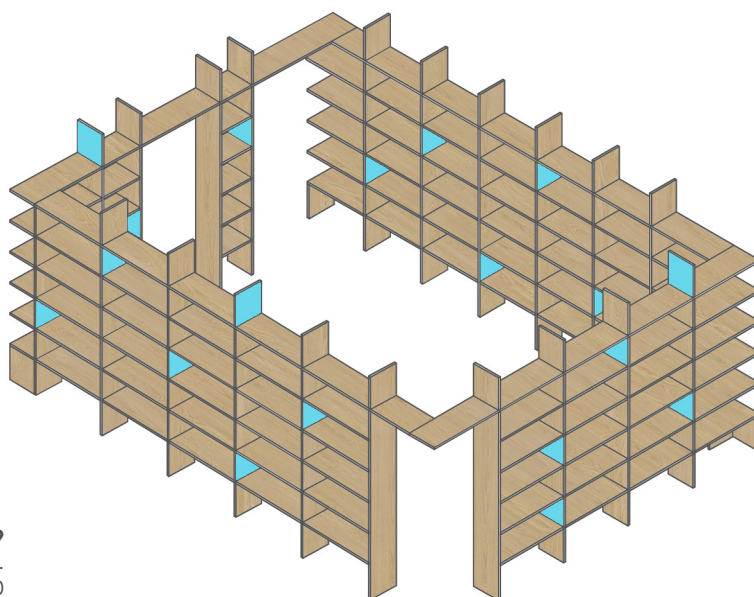


IMAGEM 229

Desenho ilustrado estantes.
Escala 1:70



Já tendo criado um dos elementos essenciais numa biblioteca, as estantes, acrescenta-se uma mesa de apoio e estudo que, neste caso, está localizada no centro do compartimento. A sua forma é a junção de três hexágonos irregulares, num tampo com 3 cm em contraplacado pintado de branco. As pernas são também em contraplacado, de faces 10x3 cm, colocadas em cada vértice do tampo. Estas peças têm a singularidade de atravessarem o tampo e de aparecerem no mesmo, criando um desenho diferente, da mistura das duas cores. O facto de a mesa ter esta forma faz com que cada face dos hexágonos possa receber um utilizador, delimitando um espaço individual.

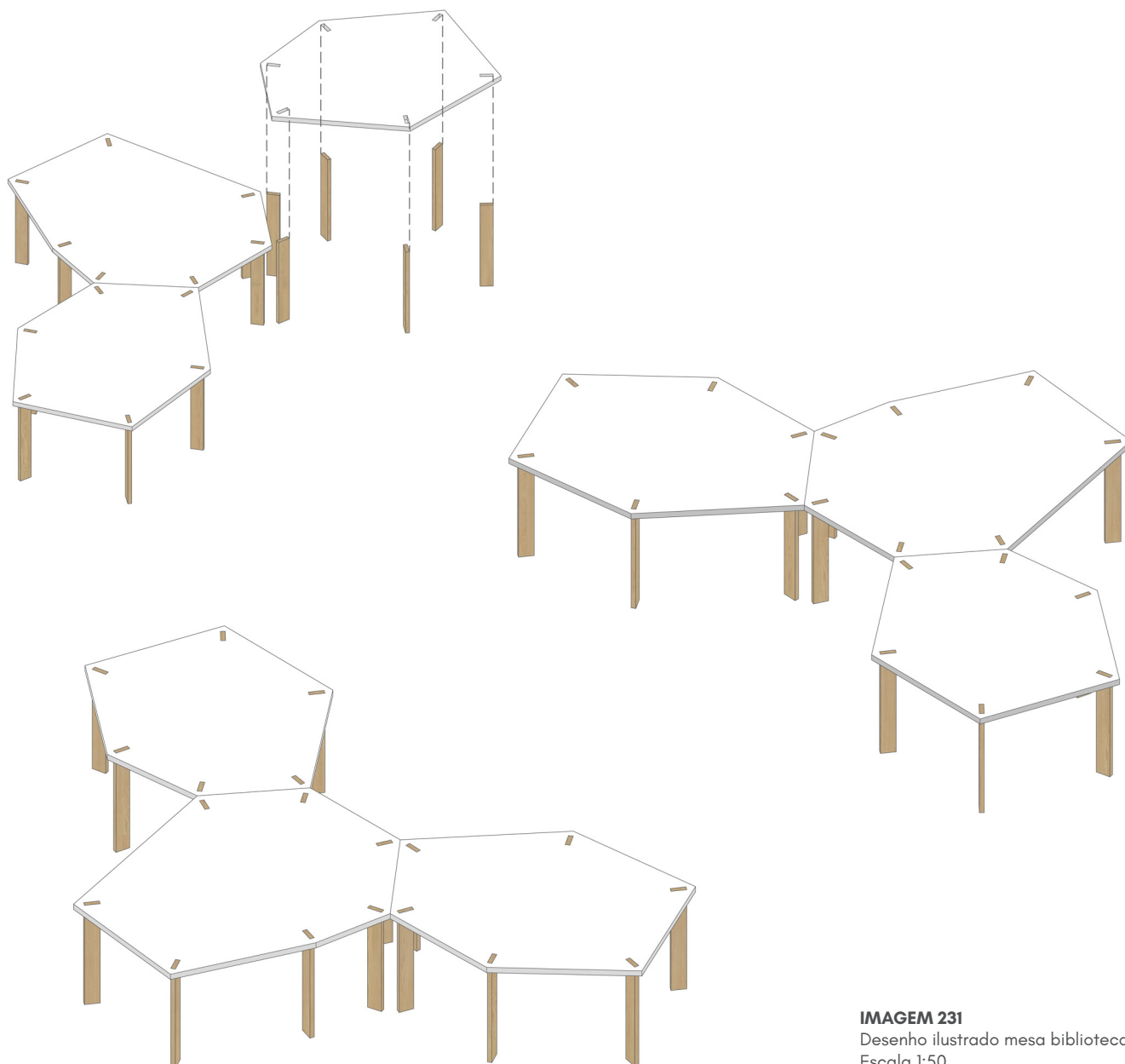


IMAGEM 231
Desenho ilustrado mesa biblioteca.
Escala 1:50







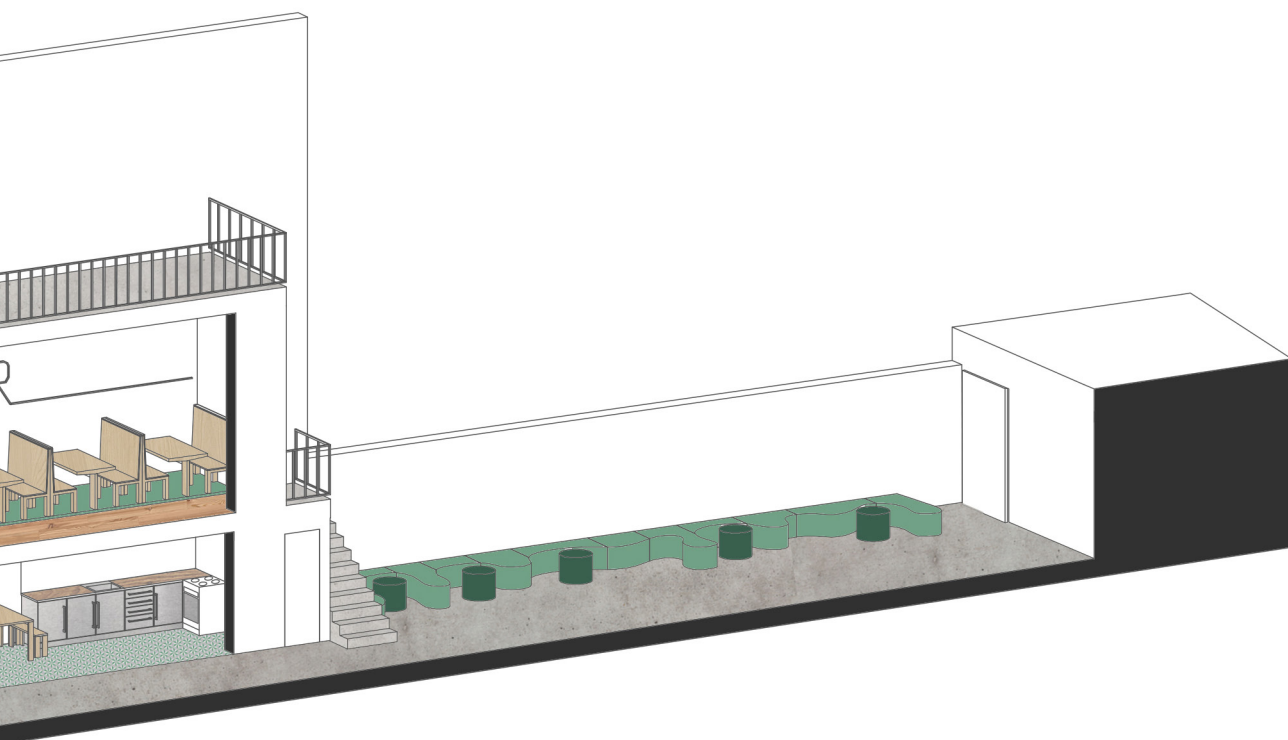


IMAGEM 234

Axonometria ilustrada do edifício completo.
Escala 1:100





IMAGEM 235

Corte C1 ilustrada do edifício.
Escala 1:150





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um Designer de Interiores tem como principal função o planeamento e organização dos espaços interiores. É convicção da autora deste trabalho que o projeto desenvolvido atingiu esse objetivo, quer por parte da intervenção feita no edifício, que melhorou as condições térmicas, de segurança, de salubridade e de iluminação, quer por parte da criação de ambientes, conseguida através dos dispositivos únicos projetados para cada espaço.

Foi possível fazer uma intervenção que não só trabalhasse com as características destes modelos habitacionais, como as realçasse em prol do programa que se instalou no edifício, evitando que este se tornasse em mais um edifício devolutu e degradado da cidade do Porto, contribuindo para a criação eventual de mais um espaço de referência da cidade. Um edifício atrativo, não só para quem já o frequentava como para novos visitantes, uma vez que promoveria atividades e eventos de arte e cultura de produtores e artistas locais ou nacionais.

Um dos maiores desafios ao desenvolver o projeto dos dispositivos no espaço interior foi o que disse respeito ao conceito geral, o de desenhar um objeto único por espaço, demonstrando criatividade projetual que não só fosse esteticamente agradável como confortável e funcional. Para tal, foi necessária uma pesquisa em torno de projetos semelhantes. Esses projetos foram identificados a partir das ideias já existentes, a que se foram acrescentando outras em resultado da leitura e reflexão que aqueles estimularam. Essas ideias foram fornecendo a base com que se foram criando sucessivos esboços das peças, que tomaram variadas formas, foram pensadas para serem feitas com diferentes materiais, acabamentos, cores, bem como com diferentes tipos de iluminação, tudo antes de se ter encontrado aquela que se julgou traria o ambiente pretendido.

Concluindo, é a partir, sobretudo, do desenho, dos materiais, das formas e das cores que o Designer é capaz de influenciar os espaços e produzir ambientes adaptados às vivências e atividades humanas que imagina que nos mesmos irão ter lugar, de forma e função harmoniosa e útil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adrião, José (2001). – *A casa ideal* – Lisboa acedido em http://www.joseadriao.com/paginas/p00_04.htm

Aguiar, José e Cabrita, A. M. Reis (1998). – *Monografia Portuguesa sobre Inovação e Reabilitação de Edifícios*. LNEC, Lisboa.

Almeida, Joaquim Augusto Ferreira Pimenta de – *Reabilitação do Património Edificado Corrente. Estratégias de Intervenção na Casa Burguesa do Porto* – Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura do Porto em Arquitectura.

Ascher, François (2010). – *Novos principios do urbanismo seguido de novos compromissos urbanos : um léxico* / François Ascher ; prof. Nuno Portas ; trad. Margarida de Souza Lobo. – Lisboa : Livros Horizonte.

Brandão, Douglas Queiroz (2003). – *Significado multidimensional e dinâmico do morar: compreendendo as modificações na fase de uso e propondo flexibilidade nas habitações sociais* – <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ambienteconstruido/article/view/3504/1905>

Castro, Maria de Fátima Morais de Aguiar e (2008). – *Reabitar no Porto – um estudo sobre a integração de novas exigências de conforto nos processos de reabilitação*.

Costa, Andreia Patrícia Alba da (2013). – *A casa burguesa do Porto no séc. XXI : diálogo entre o habitar contemporâneo e a identidade dos espaços interiores burgueses* / Andreia Patrícia Alba da Costa ; prof. responsável Rui Póvoas. – Porto : Faup, 2013.

Domingues, Joana Luisa Peixoto (2002). – *O Património e a imagem da cidade*. Prova final, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto.

Fernandes, Francisco Barata (1999). – *Transformação e Permanência na Habitação Portuense. As formas da casa na forma da cidade*. FAUP Publicações, Porto.

Ferrão, Bernardo José (1997). – *Projecto de transformação urbana do Porto na época dos Almadás : 1758-1813 : uma contribuição para o estudo da cidade pom-balina* / Bernardo José Ferrão ; prefácio de Fernando Távora. – 3. ed. – Porto : FAUP.

Ferreira, João (2013). – *A Casa para uma Cidade Intensa*. Dissertação, Faculdade de Arquitectura – Universidade do Porto, Portugal.

Freitas, V., Sousa, H., Costa, A. & Quintela, M. (2012). Reabilitação de edifícios In Freitas, V. (Org.). *Manual de apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos*. Porto: Ordem dos Engenheiros da Região Norte.

Gomes, Rita Inês Rocha Oliveira (2014). – *Reconversão da habitação burguesa portuense : casos de alojamento local* / Rita Inês Rocha Oliveira Gomes ; Prof. responsável Francisco Barata Fernandes. – Porto : Faup.

Lopes, Nuno Valentim Rodrigues lopes (2006). – *Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX : do restauro à selecção exigencial de uma nova caixilharia : o estudo do caso da habitação corrente portuense* / Nuno Valentim Rodrigues Lopes. – Porto : FEUP.

Martins, J e **Nakayama**,T (2009). – *Intercultural Communication in Contexts*, 5th ed., McGraw-Hill Humanities & Social Sciences.

Meireles, Henrique. (2006). – *Identidade e metamorfose. Transformações da imagem da Casa Burguesa do Porto*. Prova final, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto.

Mota, Nelson. Darq (2009). – *Arquitectura do quotidiano: privado e público no espaço doméstico da burguesia portuense no final do séc. XIX*. Coimbra, Edarq.

Niemeyer, Oscar (2003). – *Conversas de Amigos entre Niemeyer e José Carlos Sussekind em Habitar com qualidade e urbanidade: s/l: Reveista Habitar Hoje*. Acedido em <http://www-ext.lnec.pt/GH-APPQH/Site/htm/textos.htm>

Oliveira e Galhano (1992). – *Casas do Porto in arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa Publicações D. Quixote.

Pacheco, Mónica Daniela Ribeiro (2013). – *Construir no construído* / Mónica Daniela Ribeiro Pacheco ; prof. responsável Carlos Nuno Lacerda Lopes. – Porto : Faup.

Pereira, Rita Alexandra Sarmiento (2007). – *Vazios humanos : uma proposta de reabilitação de um edifício do século XIX no centro histórico do Porto para um centro de abrigo* / Rita Alexandra Sarmiento Pereira ; Prof. responsável Eliseu Gonçalves. – Porto : Faup.

Pontes, João Edgar Carvalho da Silva (2009). – *Tardoz : projecto, construção e vivência da fachada posterior da casa burguesa portuense* / João Edgar Carvalho da Silva Pontes ; Prof. responsável Nuno Valentim. – Porto : Faup.

Portas, Nuno (2010). – *Falemos de casas: Entre o Norte e o Sul – Trienal de Arquitectura de Lisboa*, Athena.

Ramos, Rui Jorge Garcia. (2004). – *A casa unifamiliar burguesa na arquitectura portuguesa: mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX Porto*, FAUP publicação.

Reis, Jose Miguel Teixeira dos (2011). – *Regulamentação versus Reabilitação. Aplicação à Casa Burguesa do Porto*. Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto.

Rosso, T. (1980), a partir de Brandão, D. Q. & Mahlmann, L. F. (2003). – *Significado multidimensional e dinâmico do morar: compreendendo as modificações na fase de uso e propondo flexibilidade nas habitações sociais*. Retirado em Abril, 2015 de <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ambienteconstruido/article/view/3504/1905>

Schneider, T. & Till, J. (2007). – *Flexible housing*. Oxford,UK: Architectural Press:5

Silva, Sérgio Veloso. (2008). – *Flexibilidade como experimentação no habitar contemporâneo*. Porto, FAUP publicações.

Silva, Tiago Almeida Alves. (2011). – *O conceito da flexibilidade na arquitectura*. Dissertação de mestrado integrado. Covilhã, Universidade da Beira Interior.

Vasconcelos, Domingues (2008). – *A Praça do Marquês do Pombal na cidade do Porto : das suas origens até à construção da igreja da Senhora da Conceição / Domingas Vasconcelos*. – Porto : Faup publicações.

Paiva, José Vasconcelos, Aguiar, Jose. & Pinho, Ana. (2006). – *Guia técnico de reabilitação habitacional*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Teixeira, Joaquim (2004). – *Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX. Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa de localização do edifício, desenho da autora.

Imagem 2 – Fotografia dos alçados principais do edifício, cedida pela Casa Viva.

Imagem 3 – Fotografia dos alçados tardoz do conjunto do edifício, cedida pela Casa Viva.

Imagem 4 – Conjunto dos 10 edifícios na Praça do Marques de Pombal no Porto, desenho da autora.

Imagem 5 – Desenho da planta da Praça do Marquês de Pombal no Porto em 1960, retirada do livro Vasconcelos, Domingas (2008). – A Praça do Marquês do Pombal na cidade do Porto : das suas origens até à construção da igreja da Senhora da Conceição.

Imagem 6 – Desenho do alçado nascente da Praça do Marquês de Pombal no Porto, retirada do livro Vasconcelos, Domingas (2008). – A Praça do Marquês do Pombal na cidade do Porto : das suas origens até à construção da igreja da Senhora da Conceição.

Imagem 7 – Desenho do alçado poente da Praça do Marquês de Pombal no Porto, retirada do livro Vasconcelos, Domingas (2008). – A Praça do Marquês do Pombal na cidade do Porto : das suas origens até à construção da igreja da Senhora da Conceição.

Imagem 8 – Fotografia da Praça do Marquês de Pombal no Porto, actualmente. Retirada a 24 de Fevereiro, 2016 de <http://visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/DetalhesPOI.aspx?POI=1880>

Imagem 9 – Fotografia da Praça do Marquês de Pombal no Porto, actualmente. Retirada a 24 de Fevereiro, 2016 de <http://visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/DetalhesPOI.aspx?POI=1880>

Imagem 10 – Fotografia da Praça do Marquês de Pombal no Porto, actualmente. Retirada a 24 de Fevereiro, 2016 de <http://visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/DetalhesPOI.aspx?POI=1880>

Imagem 11 – Fotografia da Praça do Marquês de Pombal no Porto, actualmente. Retirada a 24 de Fevereiro, 2016 de <http://visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/DetalhesPOI.aspx?POI=1880>

Imagem 12 – Fotografia da Praça do Marquês de Pombal no Porto, actualmente. Retirada a 24 de Fevereiro, 2016 de <http://visitporto.travel/Visitar/Paginas/Viagem/DetalhesPOI.aspx?POI=1880>

Imagem 13 – Diagrama funcional da pré-existência, desenho da autora.

Imagem 14 – Fotografia da cidade do Porto. Retirada a 24 de Fevereiro, 2016 de <http://www.cm-porto.pt/cidade>

Imagem 15 – Fotografia da cidade do Porto, de autoria Inês Monney.

Imagem 16 – Fotografia de casas do Porto. Retirada a 24 de Fevereiro, 2016 de <https://www.publico.pt/local/noticia/camara-do-porto-vai-gerir-bolsa-de-casas-no-centro-historico-para-arrendamento-e-actividades-sociais-1639491>

Imagem 17 – Fotografia de casas do Porto. Retirada a 24 de Fevereiro, 2016 de <http://www.ionline.pt/490487>

Imagem 18 – Fotografia de casas do Porto, Praça Carlos Alberto, de autoria Giorgio Magli.

Imagem 19 – Fotografia da cidade do Porto, de autoria Giorgio Magli.

Imagem 20 – Maquete de estudo dos materiais e sistemas construtivos das casas burguesas, executadas por alunos. Retirada de Teixeira, Joaquim (2004). – Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX. Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.

Imagem 21 – Maquete de estudo dos materiais e sistemas construtivos das casas burguesas, executadas por alunos. Retirada de Teixeira, Joaquim (2004). – Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX. Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.

Imagem 22 – Maquete de estudo dos materiais e sistemas construtivos das casas burguesas, executadas por alunos. Retirada de Teixeira, Joaquim (2004). – Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX. Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.

Imagem 23 – Desenho do pormenor tipo da estrutura dos sobrados de uma casa com três vãos. Retirada de Teixeira, Joaquim (2004). – Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX. Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.

Imagem 24 – Fotografia da fachada tardoz do edifício, de autoria Inês Monney.

Imagem 25 – Fotografia da fachada tardoz do edifício, a partir da varanda, de autoria Inês Monney.

Imagem 26 – Fotografia exterior do corpo adjacente ao edifício, de autoria Inês Monney.

Imagem 27 – Conjunto de cartazes de atividades e eventos ocorridos na Casa Viva. Retirados a 29 de Fevereiro, 2016 de <http://casa-viva.blogspot.pt/>

Imagem 28 – Diagrama funcional da Casa Viva, desenho da autora.

Imagem 29 – Fotografia do interior do edifício, entrada para a sala de exposições

no piso 2, de autoria Inês Monney.

Imagem 30 – Fotografia do interior do edifício, escadas para o último piso, de autoria Inês Monney.

Imagem 31 – Fotografia do interior do edifício, sala do 1º piso, de autoria Inês Monney.

Imagem 32 – Fotografia do interior do edifício, corredor no piso 1, de autoria Inês Monney.

Imagem 33 – Fotografia do interior do edifício, corredor piso 0 para o exterior, de autoria Inês Monney.

Imagem 34 – Fotografia do interior do edifício, escadas da entrada do edifício, de autoria Inês Monney.

Imagem 35 – Fotografia do interior do edifício, loja viva no 3º piso, de autoria Inês Monney.

Imagem 36 – Fotografia do interior do edifício, biblioteca no piso 1, de autoria Inês Monney.

Imagem 37 – Fotografia do interior do edifício, sala e cozinha comunitária no piso 0, de autoria Inês Monney.

Imagem 38 – Fotografia do interior do edifício, salão no piso 2, de autoria Inês Monney.

Imagem 39 – Fotografia do interior do edifício, galerias piso 3, de autoria Inês Monney.

Imagem 40 – Alçado principal do edifício, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 41 – Alçado tardoz do edifício, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 42 – Plantas 0, 1, 2, 3 e cobertura do edifício Casa Viva, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 43 – Corte longitudinal C1 do edifício, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 44 – Corte longitudinal C2 do edifício, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 45 – Corte transversal C3 do edifício, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 46 – Fotografia do edifício AXA no Porto. Retirada a 29 de Fevereiro, 2016 de <http://www.portolazer.pt/noticias-porto-lazer/camara-do-porto-despede-se-do-edificio-axa-com-uma-festa-aberta-a-cidade-a-28-de-novembro->

Imagem 47 – Fotografia do edifício AXA no Porto. Retirada a 29 de Fevereiro, 2016 de <http://www.portolazer.pt/noticias-porto-lazer/camara-do-porto-despede-se-do-edificio-axa-com-uma-festa-aberta-a-cidade-a-28-de-novembro->

Imagem 48 – Fotografia do edifício AXA no Porto. Retirada a 29 de Fevereiro, 2016 de <http://www.portolazer.pt/noticias-porto-lazer/camara-do-porto-despede-se-do-edificio-axa-com-uma-festa-aberta-a-cidade-a-28-de-novembro->

Imagem 49 – Fotografia do edifício AXA no Porto. Retirada a 29 de Fevereiro, 2016 de <http://www.portolazer.pt/noticias-porto-lazer/camara-do-porto-despede-se-do-edificio-axa-com-uma-festa-aberta-a-cidade-a-28-de-novembro->

Imagem 50 – Fotografia dos eventos/atividades no edifício AXA no Porto. Retirada a 29 de Fevereiro, 2016 de <http://porto-sentido.blogs.sapo.pt/2014/07/>

Imagem 51 – Fotografia dos eventos/atividades no edifício AXA no Porto. Retirada a 29 de Fevereiro, 2016 de <http://olhares.sapo.pt/espetaculos>

Imagem 52 – Fotografia dos eventos/atividades no edifício AXA no Porto. Retirada a 29 de Fevereiro, 2016 de <http://porto-sentido.blogs.sapo.pt/2014/07/?page=3>

Imagem 53 – Fotografia dos eventos/atividades no edifício AXA no Porto. Retirada a 29 de Fevereiro, 2016 de <https://www.facebook.com/pages/Edificio-Axa/635720453111453?fref=ts>

Imagem 54 – Fotografia dos eventos/atividades no edifício AXA no Porto. Retirada a 29 de Fevereiro, 2016 de <https://www.facebook.com/pages/Edificio-Axa/635720453111453?fref=ts>

Imagem 55 – Fotografia dos eventos/atividades no edifício AXA no Porto. Retirada a 29 de Fevereiro, 2016 de <http://porto-sentido.blogs.sapo.pt/street-art-indoor-edificio-axa-mots-419856>

Imagem 56 – Plantas de identificação dos tetos trabalhados e escadas centrais no edifício. Desenho da autora.

Imagem 57 – Fotografia do alçado principal do edifício com o projeto do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://cargocollective.com/pedraliquida/130-Casa-do-Conto>

Imagem 58 – Fotografia do alçado principal do edifício com o projeto do Arquiteto José Gigante. Fornecida pelo arquiteto José Gigante.

Imagem 59 – Fotografia do alçado principal do edifício com o projeto do atelier Floret. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/1872-river-house#>

Imagem 60 – Fotografia do alçado tardoz do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 61 – Fotografia do alçado principal do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 62 – Plantas do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 63 – Corte longitudinal do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 64 – Corte transversal do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de

Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 65 – Alçado principal do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 66 – Alçado tardoz do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 67 – Fotografia projeto do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 68 – Fotografia projeto do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 69 – Fotografia projeto do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 70 – Fotografia projeto do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 71 – Fotografia do alçado principal do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 72 – Fotografia do alçado tardoz do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 73 – Plantas do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 74 – Corte longitudinal do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 75 – Corte transversal do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 76 – Alçado principal e tardoz do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 77 – Alçado tardoz do edifício do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 78 – Fotografia projeto do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 79 – Fotografia projeto do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 80 – Fotografia projeto do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 81 – Fotografia projeto do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 82 – Fotografia projeto do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 83 – Fotografia projeto do atelier Pedra líquida. Retirado a 6 de Março, 2016 de <http://www.pedraliquida.com/>

Imagem 84 – Fotografia do alçado principal do edifício do atelier José Gigante. Cedida pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 85 – Fotografia do alçado tardoz do edifício do atelier José Gigante. Cedida pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 86 – Plantas do edifício do atelier José Gigante. Cedida pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 87 – Corte transversal do edifício do atelier José Gigante. Cedido pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 88 – Alçado principal do edifício do atelier José Gigante. Cedida pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 89 – Alçado tardoz do edifício do atelier José Gigante. Cedida pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 90 – Fotografia projeto do atelier José Gigante. Cedida pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 91 – Fotografia projeto do atelier José Gigante. Cedida pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 92 – Fotografia projeto do atelier José Gigante. Cedida pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 93 – Fotografia projeto do atelier José Gigante. Cedida pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 94 – Fotografia projeto do atelier José Gigante. Cedida pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 95 – Fotografia projeto do atelier José Gigante. Cedida pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 96 – Cortes longitudinais do edifício do atelier José Gigante. Cedidos pelo Arquiteto José Gigante.

Imagem 97 – Plantas do edifício do atelier Floret. Cedidas pelo atelier Floret.

Imagem 98 – Fotografia do alçado principal, lateral e tardoz do edifício do atelier Floret. Retiradas a 6 de Março, 2016 de <http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/1872-river-house#>

Imagem 99 – Fotografia do projeto do edifício do atelier Floret. Retirada a 6 de Março, 2016 de <http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/1872-river-house#>

Imagem 100 – Fotografia do projeto do edifício do atelier Floret. Retirada a 6 de Março, 2016 de <http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/1872-river-house#>

Imagem 101 – Fotografia do projeto do edifício do atelier Floret. Retirada de <http://>

www.joaomorgado.com/pt/reportagens/1872-river-house#

Imagem 102 – Fotografia do projeto do edifício do atelier Floret. Retirada a 6 de Março, 2016 de <http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/1872-river-house#>

Imagem 103 – Fotografia do projeto do edifício do atelier Floret. Retirada a 6 de Março, 2016 de <http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/1872-river-house#>

Imagem 104 – Fotografia do projeto do edifício do atelier Floret. Retirada a 6 de Março, 2016 de <http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/1872-river-house#>

Imagem 105 – Fotografia do projeto do edifício do atelier Floret. Retirada a 6 de Março, 2016 de <http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/1872-river-house#>

Imagem 106 – Fotografia do projeto do edifício do atelier Floret. Retirada a 6 de Março, 2016 de <http://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/1872-river-house#>

Imagem 107 – Alçado principal e tardoz do edifício do atelier Floret. Cedida pelo atelier Floret.

Imagem 108 – Alçado lateral do edifício do atelier Floret. Cedida pelo atelier Floret.

Imagem 109 – Corte transversal e longitudinal do edifício do atelier Floret. Cedida pelo atelier Floret.

Imagem 110 – Desenho do alçado principal do edifício, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 111 – Desenho do alçado tardoz do edifício, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 112 – Plantas de vermelhos e amarelos do projeto, escala 1:300. Desenho da autora.

Imagem 113 – Desenho dos padrões de mosaicos hidráulicos utilizados nos pavimentos. Desenho da autora.

Imagem 114 – Diagrama funcional do projeto. Desenho da autora.

Imagem 115 – Planta ilustrada do piso 0, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 116 – Axonometria ilustrada do piso 0, escala 1:200. Desenho da autora.

Imagem 117 – Render das escadas da entrada da casa.

Imagem 118 – render da sala comum no piso 0.

Imagem 119 – Render do corredor no piso 0.

Imagem 120 – Render do espaço expositivo no piso 0.

Imagem 121 – Render do espaço expositivo no piso 0.

Imagem 122 – Render da cozinha no piso 0.

Imagem 123 – Planta ilustrada do piso 1, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 124 – Axonometria ilustrada do piso 1, escala 1:200. Desenho da autora.

Imagem 125 – Render da loja viva no piso 1.

Imagem 126 – Render da loja viva no piso 1.

Imagem 127 – Render da loja no piso 1.

Imagem 128 – Render do bar no piso 1.

Imagem 129 – Planta ilustrada do piso 2, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 130 – Axonometria ilustrada do piso 2, escala 1:200. Desenho da autora.

Imagem 131 – Render do salão no piso 2.

Imagem 132 – Render do salão no piso 2.

Imagem 133 – Render do anfiteatro no piso 2.

Imagem 134 – Render do anfiteatro no piso 2.

Imagem 135 – Planta ilustrada do piso 3, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 136 – Planta ilustrada da cobertura, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 137 – Axonometria ilustrada do piso 3, escala 1:200. Desenho da autora.

Imagem 138 – Render do escritório no piso 3.

Imagem 139 – Render da biblioteca no piso 3.

Imagem 140 – Projeto Tokyo Big sight de Sixinch. Retirado em <http://sixinch.be/project/Tokyo-Big-sight-2/193>

Imagem 141 – Projeto Benchwall de Molo. Retirado a 6 de Janeiro, 2016 em <http://www.architonic.com/pmsht/benchwall-molo/1268301>

Imagem 142 – Projeto Casa da Escrita em Coimbra de João Mendes Ribeiro. Retirada 6 de Janeiro, 2016 em <http://www.domalomenos.com/Joao-Mendes-Ribeiro-Casa-da-Escrita-in-Coimbra>

Imagem 143 – Projeto Centre Pompidou de Sixinch. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <http://sixinch.be/project/Centre-Pompidou/17>

Imagem 144 – Corte ilustrado C2, escala 1:300. Desenho da autora.

Imagem 145 – Planta ilustrado piso 0, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 146 – Axonometria ilustrada piso 0, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 147 – Desenho ilustrado sofá sala comum, escala 1:50. Desenho da autora.

Imagem 148 – Render sala comum.

Imagem 149 – Desenho ilustrado sofá sala comum, escala 1:50. Desenho da autora.

Imagem 150 – Render sala comum.

Imagem 151 – Render sala comum.

Imagem 152 – Render entrada para a sala comum.

Imagem 153 – Desenho ilustrado sofá sala exposição, escala 1:40. Desenho da autora.

Imagem 154 – Render do corredor do espaço expositivo. Fotografias expostas de autoria Inês Monney.

Imagem 155 – Desenho ilustrado sofá sala exposição, escala 1:50. Desenho da

autora.

Imagem 156 – Render do espaço expositivo. Fotografias expostas de autoria Inês Monney.

Imagem 157 – Render do corredor do espaço expositivo. Fotografias expostas de autoria Inês Monney.

Imagem 158 – Desenho ilustrado sofá exterior, escala 1:70. Desenho da autora.

Imagem 159 – Render do exterior.

Imagem 160 – Desenho ilustrado sofá exterior, escala 1:50. Desenho da autora.

Imagem 161 – Render do exterior.

Imagem 162 – Desenho ilustrado mesas e bancos da cozinha, escala 1:20. Desenho da autora.

Imagem 163 – Render da cozinha.

Imagem 164 – Desenho ilustrado pormenor construtivo das mesas e bancos da cozinha, escala 1:20. Desenho da autora.

Imagem 165 – Render da cozinha.

Imagem 166 – desenhos técnicos das mesas e bancos da cozinha, escala 1:20.

Imagem 167 – Projeto Zalando Pop Up Store em Berlim de Sigurd Larsen. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <http://sigurd Larsen.com/project/pop-up-store-berlin/>

Imagem 168 – Projeto Salone del mobile Pop Up Store em Milão de COS. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <http://retaildesignblog.net/2012/04/24/cos-pop-up-shop-milan/>

Imagem 169 – Projeto Decerto de MFRMGR. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <http://www.dezeen.com/2014/10/15/mfrmgr-decertooffice-interior-windowed-cubicles-poland/>

IMAGEM 170 – Projeto OMA's office Rotterdam building, de Studio Makkink & Bey. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <http://www.dezeen.com/2015/02/09/oma-de-rotterdam-skyscraper-municipal-government-office-interior-group-a-studio-makkink-bey-roukens-van-gils/>

Imagem 171 – Projeto Bar Agriculture de Aidlin Darling Design. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <http://aiasf.org/programs/competition/design-awards/2012/bar-agricole/>

Imagem 172 – Corte ilustrado C2, escala 1:300. Desenho da autora.

Imagem 173 – Planta ilustrado piso 1, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 174 – Axonometria ilustrada piso 1, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 175 – Desenho ilustrado peça loja viva, escala 1:40. Desenho da autora.

Imagem 176 – Render loja viva.

Imagem 177 – Desenho ilustrado peça loja viva, escala 1:30. Desenho da autora.

Imagem 178 – Render loja viva.

Imagem 179 – Desenho ilustrado pormenor construtivo da peça loja viva, escala 1:50. Desenho da autora.

Imagem 180 – Desenho ilustrado pormenor construtivo da peça loja viva, escala 1:50. Desenho da autora.

Imagem 181 – Render loja viva.

Imagem 182 – Desenhos técnicos peça loja viva, escala 1:100.

Imagem 183 – Desenhos técnicos peça loja viva, escala 1:100.

Imagem 184 – Desenho ilustrado peça da loja, escala 1:30. Desenho da autora.

Imagem 185 – Render da loja.

Imagem 186 – Desenho ilustrado peça da loja, escala 1:40. Desenho da autora.

Imagem 187 – Render da loja.

Imagem 188 – Desenho ilustrado peça da loja, escala 1:30. Desenho da autora.

Imagem 189 – Desenhos técnicos peça loja, escala 1:100.

Imagem 190 – Desenhos técnicos peça loja, escala 1:100.

Imagem 191 – Desenho ilustrado da peça do bar, escala 1:50. Desenho da autora.

Imagem 192 – Render do bar.

Imagem 193 – Desenhos técnicos peça bar, escala 1:50.

Imagem 194 – Render do bar.

Imagem 195 – Projeto Prada Store em New York, de OMA. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em http://www.prada.com/content/dam/prada/ASSETS/backgrounds_10_05_2015/epicenters.jpg/_jcr_content/renditions/cq5dam.web.1280.1280.jpeg

Imagem 196 – Projeto Camper Store de Neri & Hu Design. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <http://www.dezeen.com/2013/09/04/camper-shanghai-by-nerihu/>

Imagem 197 – Projeto Fairphone Head Office em Amesterdam, de Melinds Delst Interior Design. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <http://www.archdaily.com/769529/fairphone-head-office-in-amsterdam-melinda-delst-interior-design>

Imagem 198 – Theatro Circo de Braga, de Moura Coutinho. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <https://www.flickr.com/photos/7199043@N08/404569974>

Imagem 199 – Corte ilustrado C2, escala 1:300. Desenho da autora.

Imagem 200 – Planta ilustrado piso 2, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 201 – Axonometria ilustrada piso 2, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 202 – Desenho ilustrado cortinas salão, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 203 – Render salão.

Imagem 204 – Desenho ilustrado cortinas salão, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 205 – Desenho ilustrado cortinas salão, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 206 – Render salão.

Imagem 207 – Desenho ilustrado da bancada, escala 1:30. Desenho da autora.

Imagem 208 – Render do anfiteatro.

Imagem 209 – Desenho ilustrado da bancada, escala 1:40. Desenho da autora.

Imagem 210 – Render do anfiteatro.

Imagem 211 – Desenho ilustrado do pormenor construtivo da bancada, escala 1:40. Desenho da autora.

Imagem 212 – Desenhos técnicos da bancada, escala 1:50.

Imagem 213 – Projeto Tessela desk de NOS Design. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <http://nos.mx/mesa-tesella/>

Imagem 214 – Projeto Office space for Pixiv de Teamlab. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <http://www.designboom.com/design/teamlab-designs-pixiv-office-with-250m-interactive-work-desk-01-29-2014/>

Imagem 215 – Projeto Musashino Library de Sou Fujimoto. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <http://www.archdaily.com/145789/musashino-art-university-museum-library-sou-fujimoto>

Imagem 216 – Projeto Casa da Escrita em Coimbra de João Mendes Ribeiro. Retirado 6 de Janeiro, 2016 em <http://www.domalomenos.com/Joao-Mendes-Ribeiro-Casa-da-Escrita-in-Coimbra>

Imagem 217 – Corte ilustrado C2, escala 1:300. Desenho da autora.

Imagem 218 – Planta ilustrado piso 3, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 219 – Axonometria ilustrada piso 3, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 220 – Render das galerias.

Imagem 221 – Desenho ilustrado mesa escritório, escala 1:50. Desenho da autora.

Imagem 222 – Render escritório.

Imagem 223 – Desenho ilustrado mesa escritório, escala 1:50. Desenho da autora.

Imagem 224 – Render escritório.

Imagem 225 – Desenho ilustrado pormenor construtivo da cadeira, escala 1:7. Desenho da autora.

Imagem 226 – Desenho da cadeira, escala 1:5. Desenho da autora.

Imagem 227 – Desenho da cadeira, escala 1:5. Desenho da autora.

Imagem 228 – Desenho ilustrado estantes, escala 1:70. Desenho da autora.

Imagem 229 – Desenho ilustrado estantes, escala 1:70. Desenho da autora.

Imagem 230 – Desenhos técnicos estantes, escala 1:100.

Imagem 231 – Desenhos ilustrados da mesa, escala 1:50. Desenho da autora.

Imagem 232 – Render da biblioteca.

Imagem 233 – Render da biblioteca.

Imagem 234 – Axonometria ilustrada do edifício completo, escala 1:100. Desenho da autora.

Imagem 235 – Corte C1 ilustrado do edifício completo, escala 1:150. Desenho da autora.

Imagem 236 – Maqueta da intervenção no edifício.

Imagem 237 – Maqueta do edifício com os dispositivos no interior.

Imagem 238 – Fotografia maquete dos dispositivos – sofá exposição.

Imagem 239 – Fotografia maquete dos dispositivos – sofá sala comum.

Imagem 240 – Fotografia maquete dos dispositivos – mesas e bancos cozinha.

Imagem 241 – Fotografia maquete dos dispositivos – sofá exterior.

Imagem 242 – Fotografia maquete dos dispositivos – bancos e mesas bar.

Imagem 243 – Fotografia maquete dos dispositivos – peça loja viva.

Imagem 244 – Fotografia maquete dos dispositivos – peça loja.

Imagem 245 – Fotografia maquete dos dispositivos – bancada anfiteatro.

Imagem 246 – Fotografia maquete dos dispositivos – bancada anfiteatro.

Imagem 247 – Fotografia maquete dos dispositivos – cortinas salão.

Imagem 248 – Fotografia maquete dos dispositivos – biblioteca.

Imagem 249 – Fotografia maquete dos dispositivos – biblioteca.

Imagem 250 – Fotografia maquete dos dispositivos – mesa escritório.

Imagem 251 – Fotografia maquete dos dispositivos – mesa escritório.

Imagem 252 – Desenho original alçado principal.

Imagem 253 – Desenho original alçado tardoz.

Imagem 254 – Desenho original planta 0.

Imagem 255 – Desenho original planta 1.

Imagem 256 – Desenho original planta 2.

Imagem 257 – Desenho original planta 3.

Imagem 258 – Desenho original corte longitudinal.

Imagem 259 – Desenho original corte AB

Imagem 260 – Desenho original corte transversal.

ANEXOS

FOTOGRAFIAS MAQUETA VAZIA E CHEIA



IMAGEM 236

Maqueta da intervenção no edifício.



IMAGEM 237

Maqueta do edifício com os dispositivos no interior





IMAGEM 238
Fotografia maquete dos dispositivos
- sofá exposição.



IMAGEM 239
Fotografia maquete dos dispositivos
- sofá sala comum.



IMAGEM 240
Fotografia maquete dos dispositivos
- mesas e bancos cozinha.



IMAGEM 241
Fotografia maquete dos dispositivos
- sofá exterior.



IMAGEM 242
Fotografia maquete dos dispositivos
- bancos e mesas bar.



IMAGEM 243
Fotografia maquete dos dispositivos
- peça loja viva.



IMAGEM 244
Fotografia maquete dos dispositivos
- peça loja.

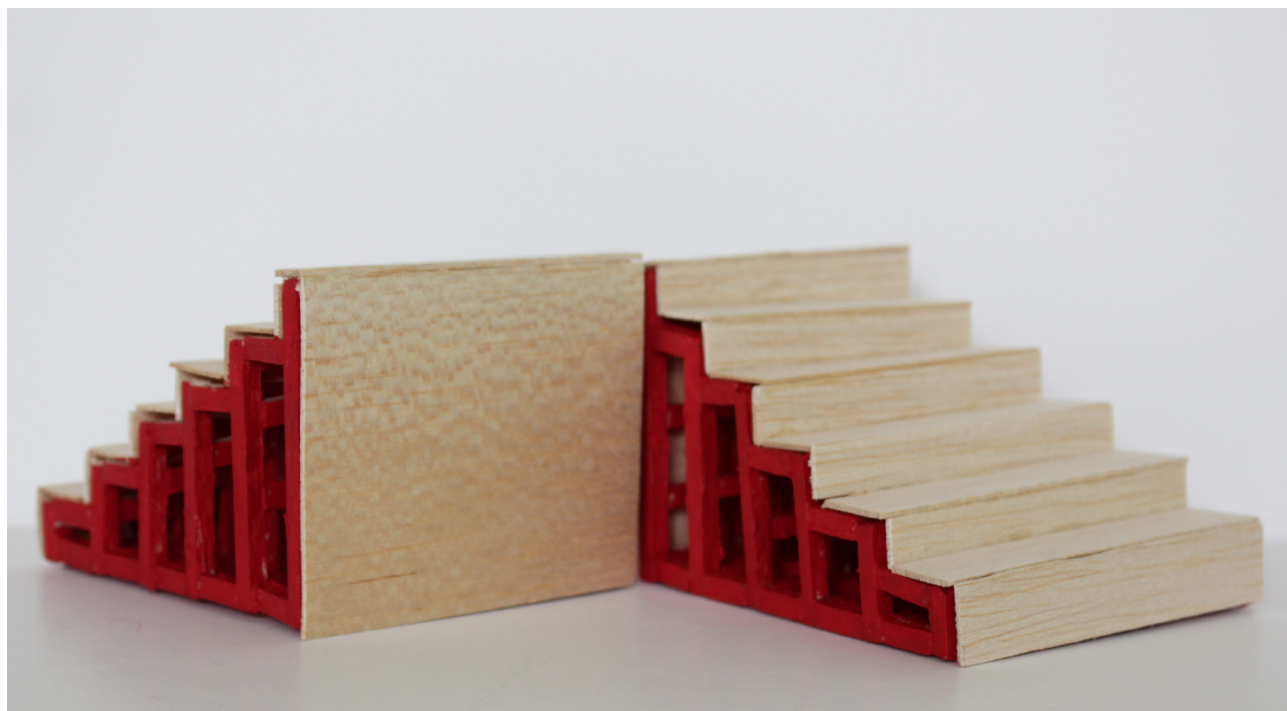


IMAGEM 245
Fotografia maquete dos dispositivos
- bancada anfiteatro.



IMAGEM 246

Fotografia maquete dos dispositivos - bancada anfiteatro.



IMAGEM 247

Fotografia maquete dos dispositivos - cortinas salão.



IMAGEM 248 e 249
Fotografia maquete dos dispositivos
- biblioteca.

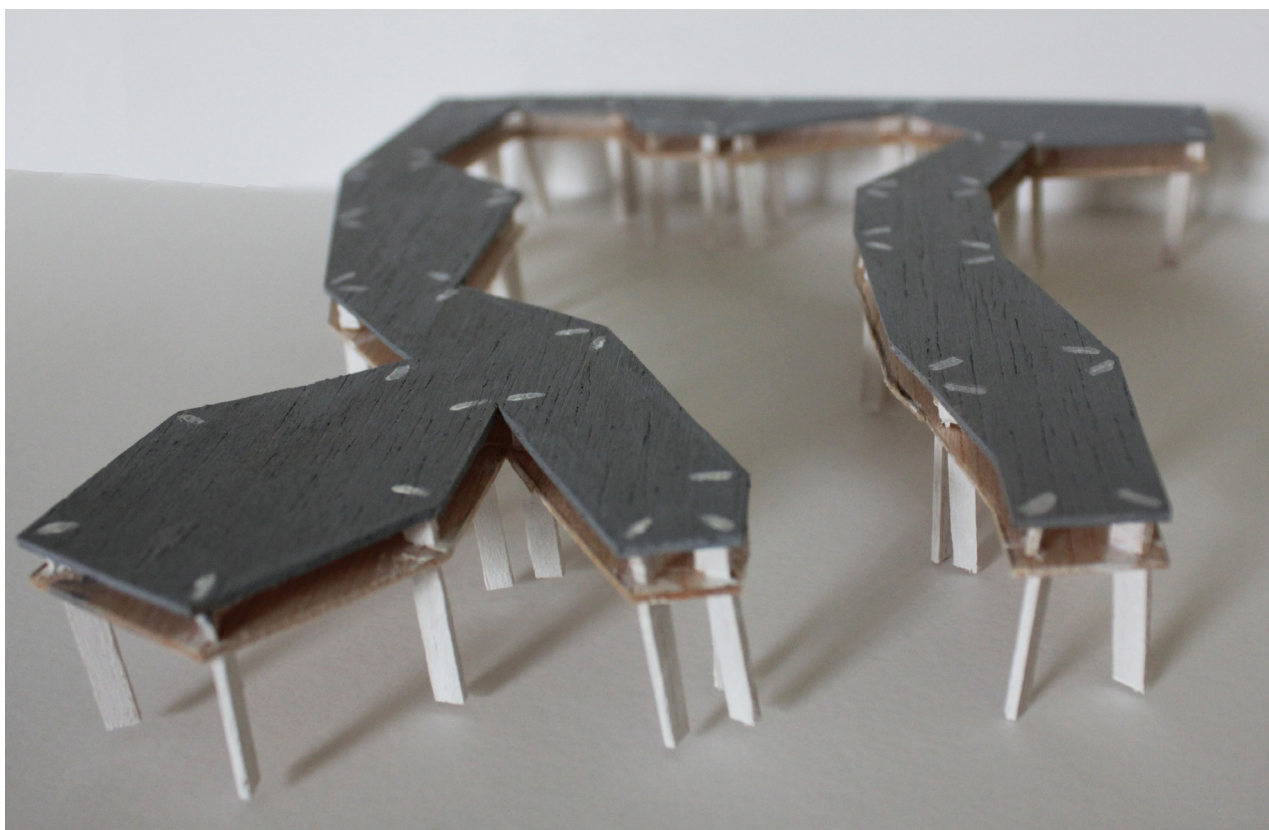


IMAGEM 250 e 251

Fotografia maquete dos dispositivos
- mesa escritório.

DESENHOS ORIGINAIS DO EDIFÍCIO - ARQUIVO GERAL DO PORTO

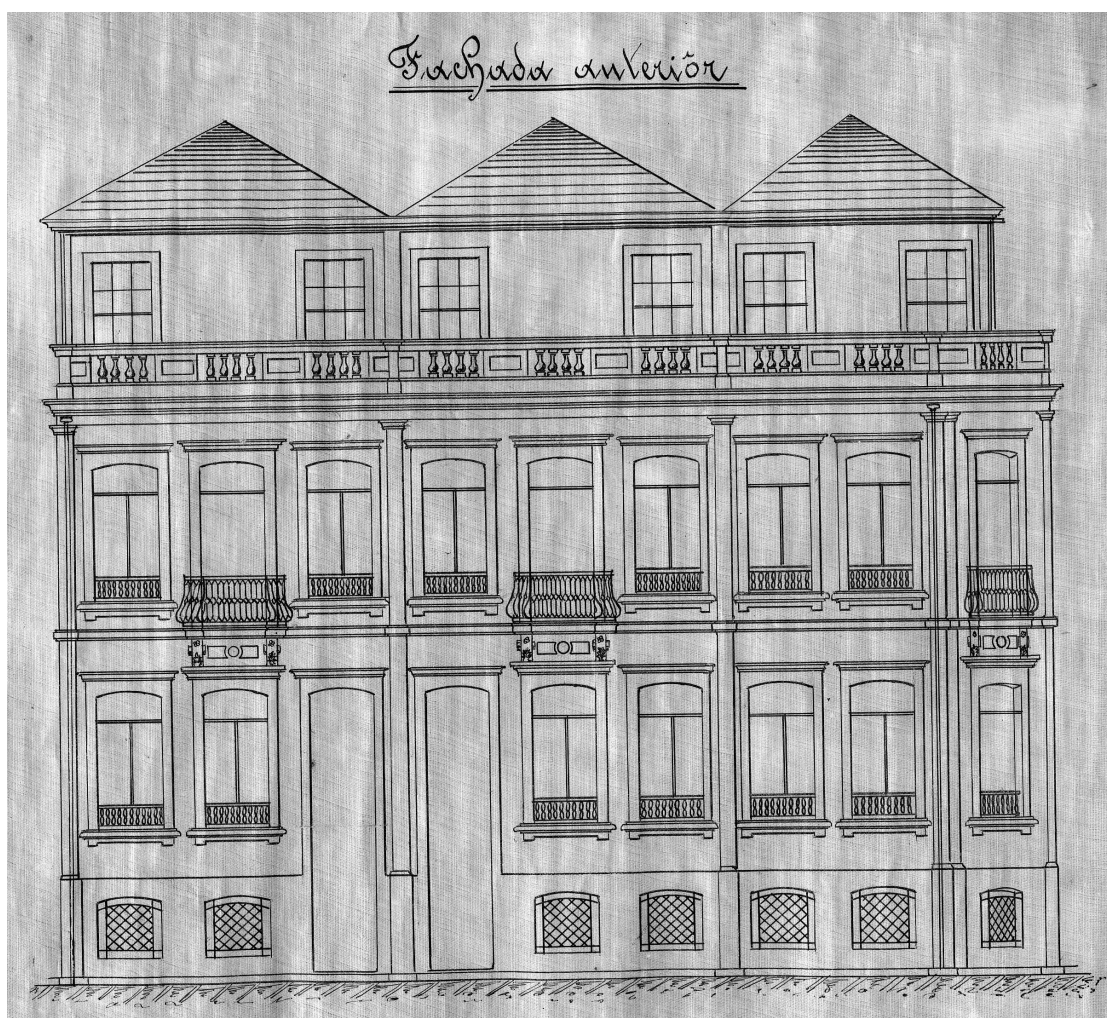


IMAGEM 252
Desenho original alçado principal.

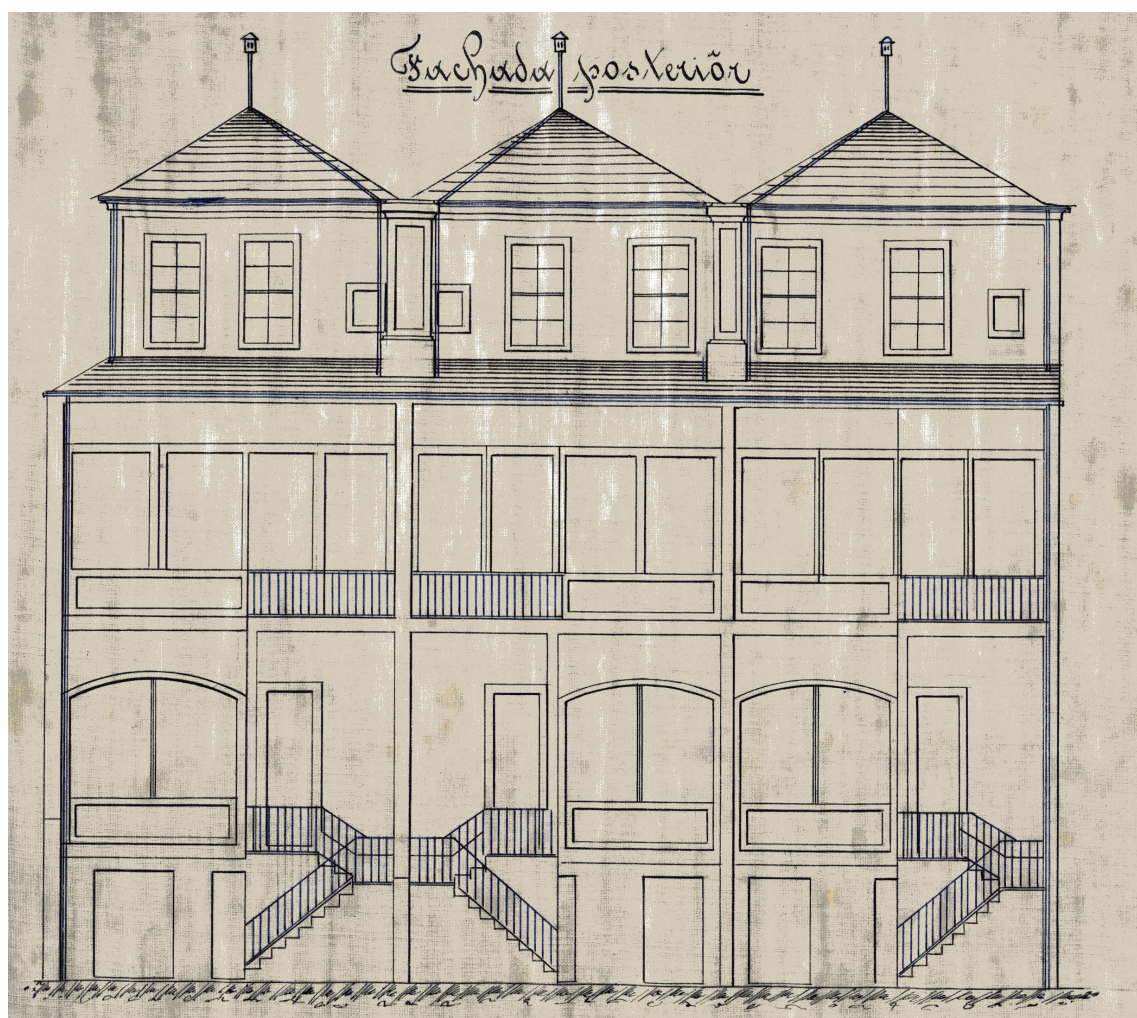


IMAGEM 253

Desenho original alçado tardoz.

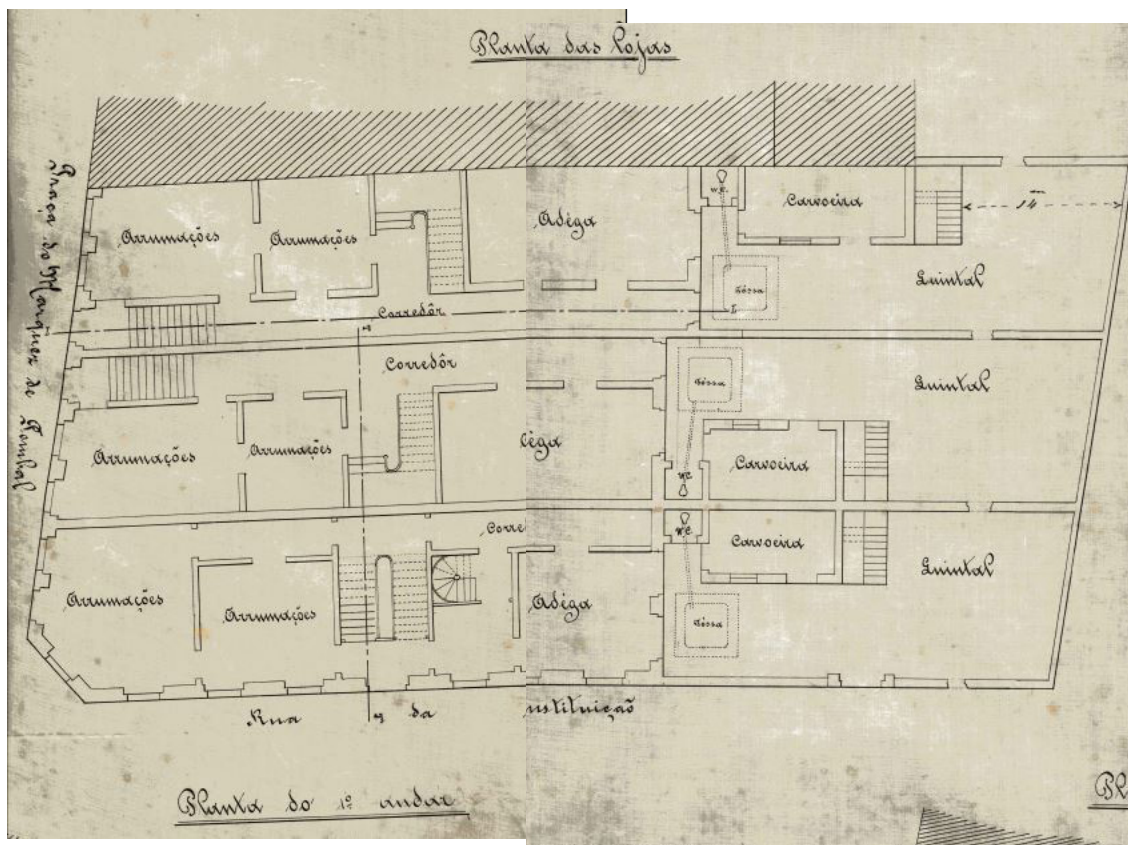


IMAGEM 254
Desenho original planta 0.

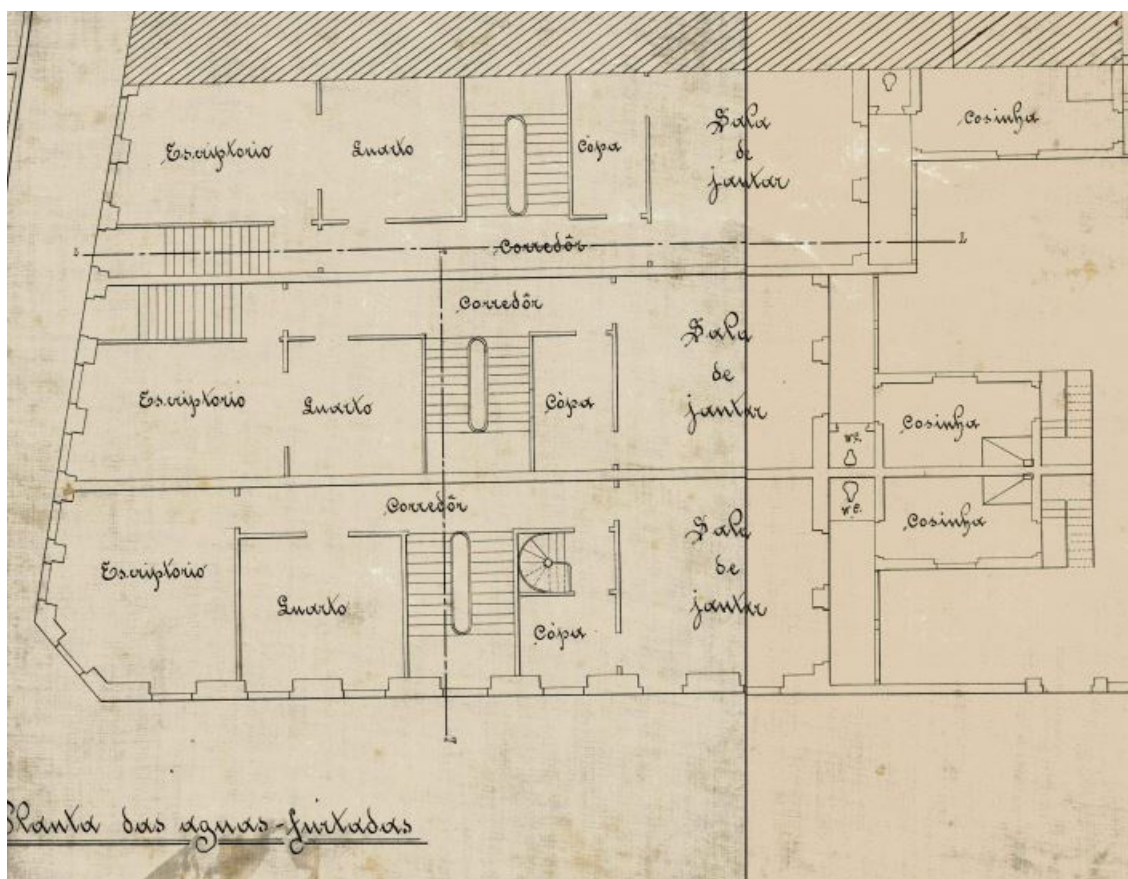


IMAGEM 255
Desenho original planta 1.

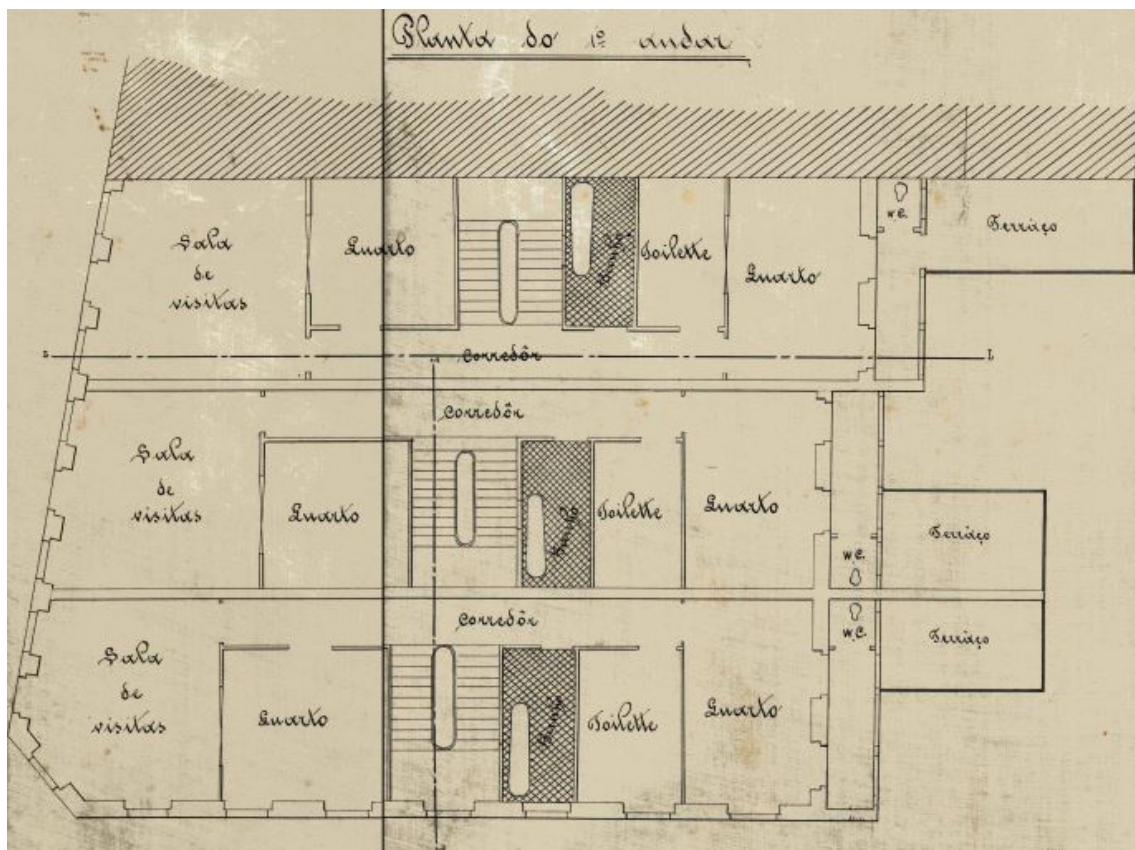


IMAGEM 256

Desenho original planta 2.

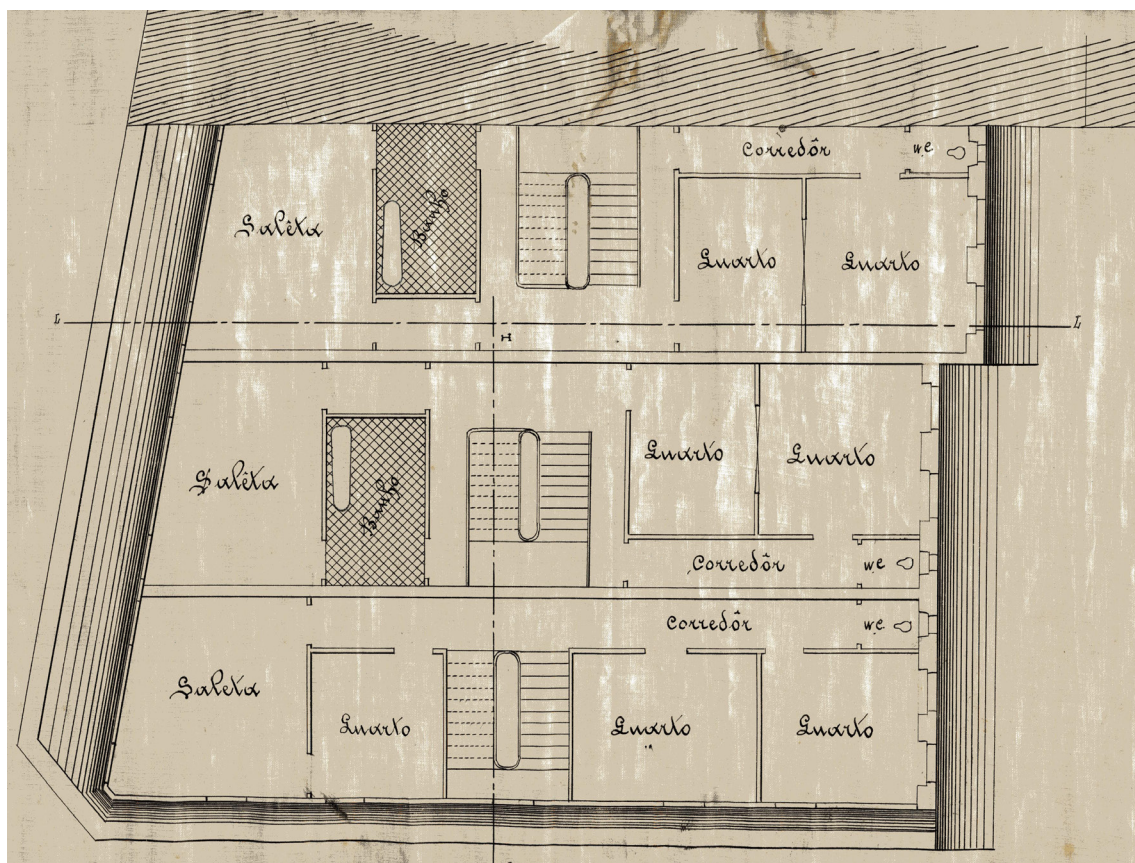
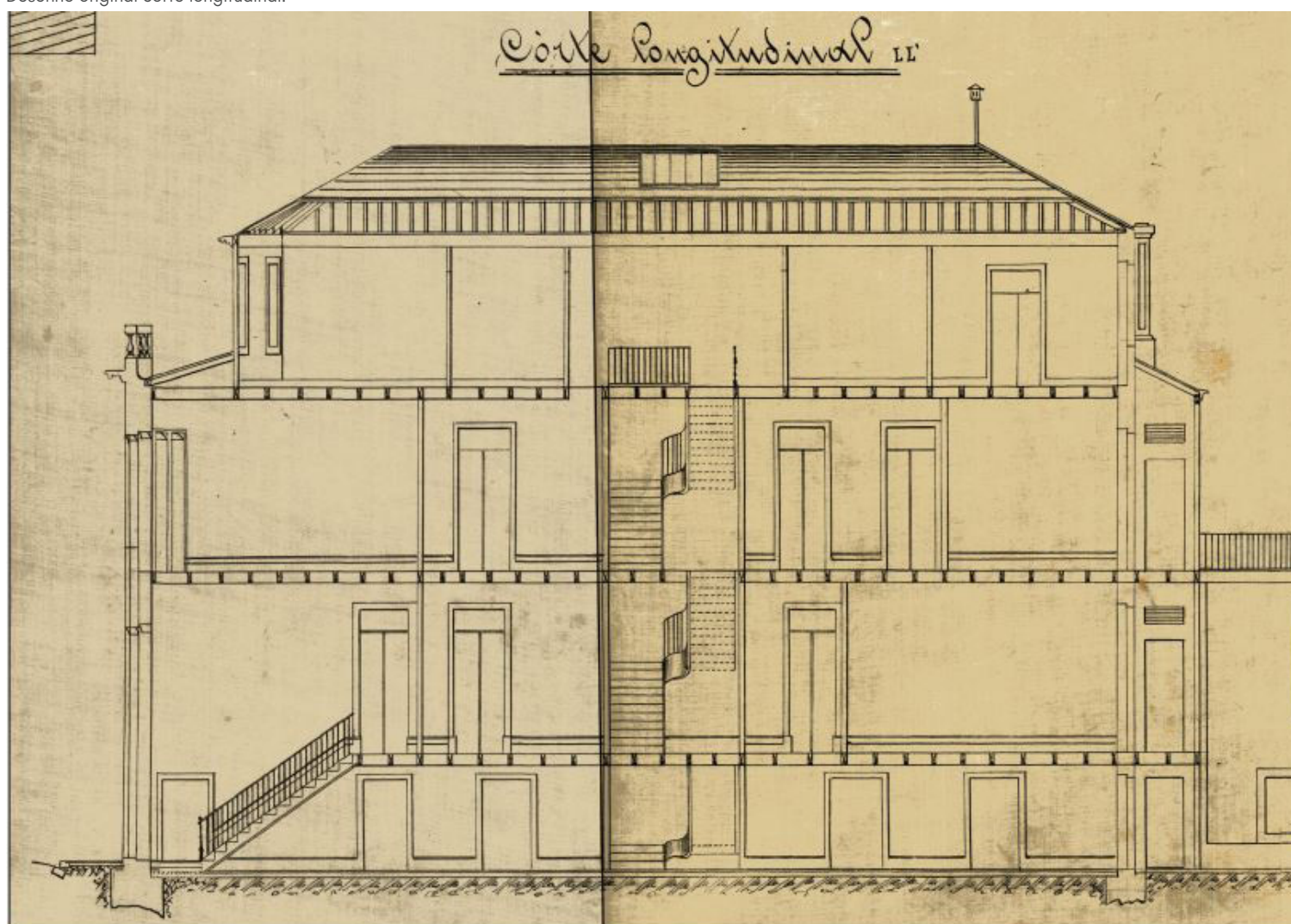


IMAGEM 257

Desenho original planta 3.

IMAGEM 258

Desenho original corte longitudinal.



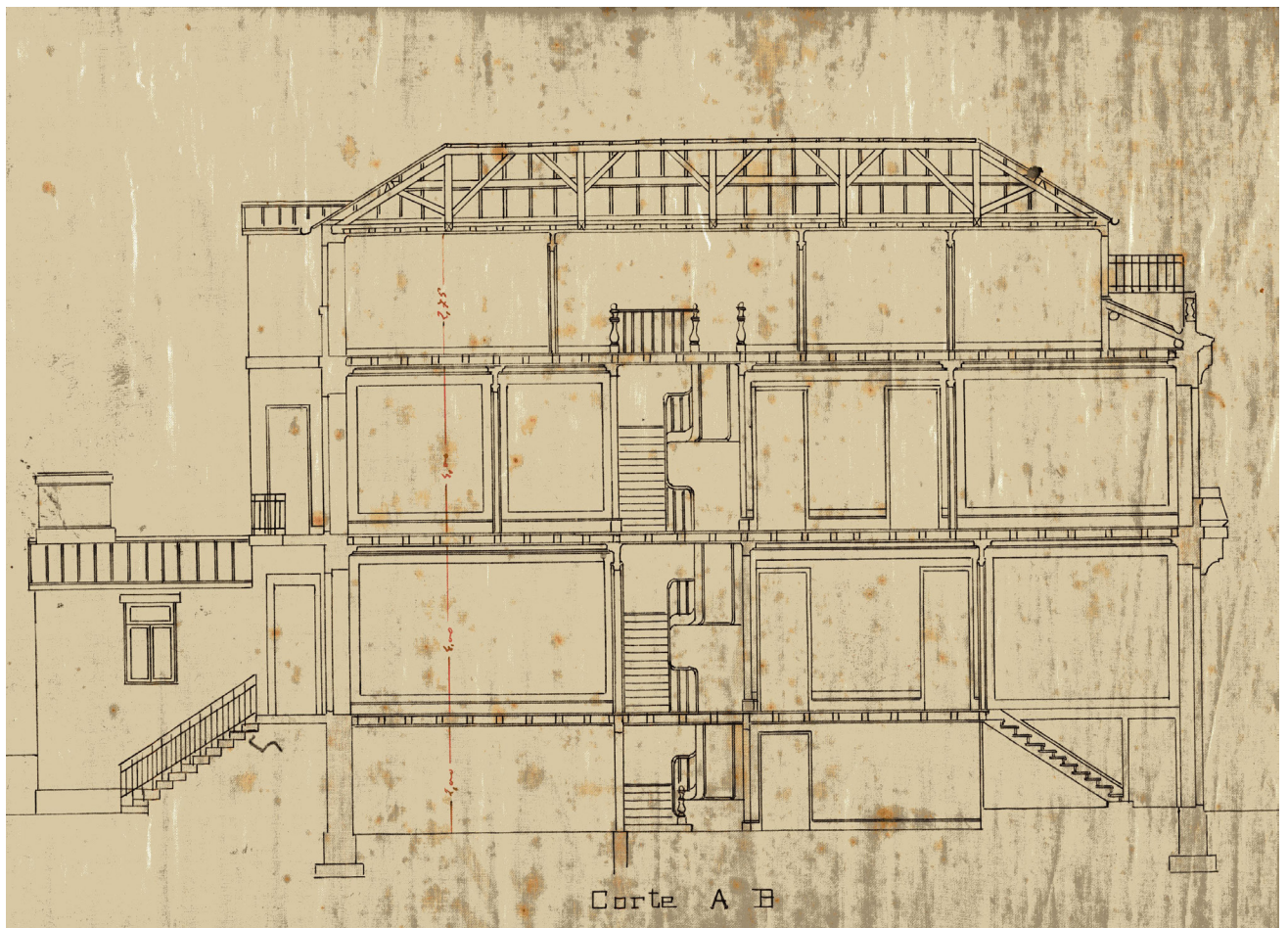


IMAGEM 259

Desenho original corte AB.

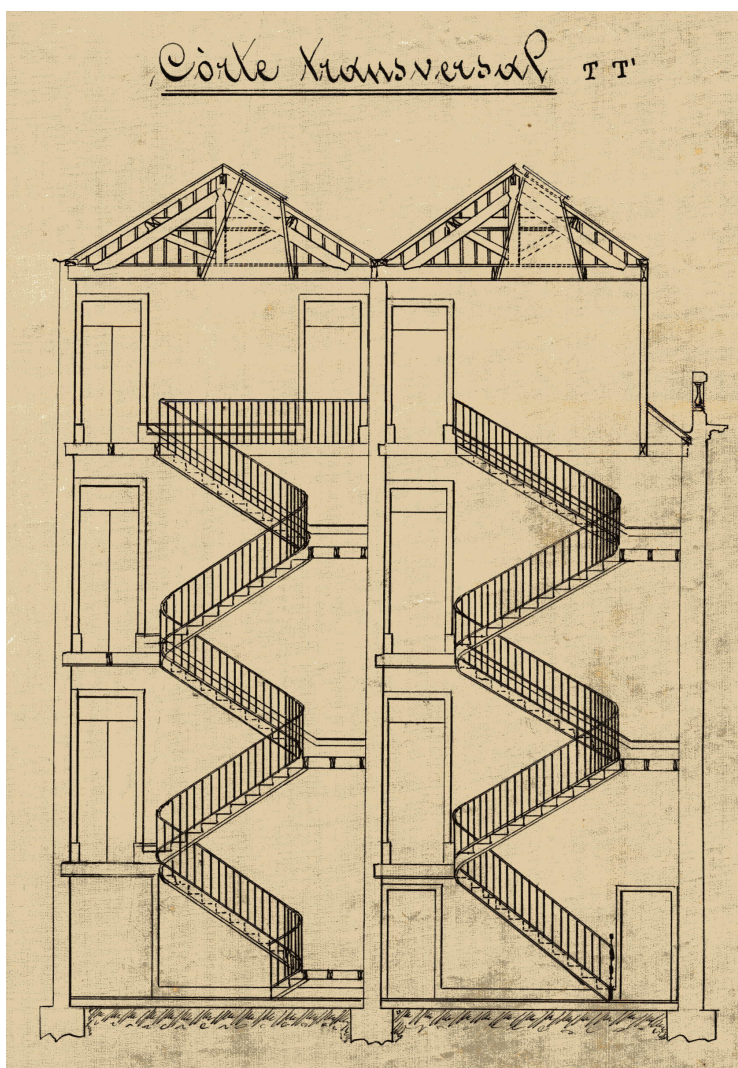


IMAGEM 260

Desenho original corte transversal.



TÍTULO: INTERVENÇÃO NUM ESPAÇO CULTURAL
INSTALADO NUMA CASA BURGUESA DO SÉCULO XIX
- O USO DE DISPOSITIVOS NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO INTERIOR

MESTRADO EM DESIGN DE INTERIORES . 2016
INÉS GABRIELA SANTOS SILVA DE MONNEY PAIVA
ORIENTADOR JOÃO NUNO GOMES
CO-ORIENTADORA MARTA CRUZ
DOCUMENTO PROVISÓRIO